



OS  
LUSIADAS  
de Luis de Ca-  
moës.

COM PRIVILEGIO  
REAL.



*Impressos em Lisboa, com licença da  
Junta Inquisição, e do Ordina-  
rio: em casa de Antonio  
Göjalvez Impressor.*

1572.



E el Rey se acordó que este Alvará sea  
 que tu y por bien & me para dar licencia  
 a Luis de Camois para que possa fazer impri-  
 mir nesta cidade de Lisboa, hila obra em  
 Oitenta rima chamada Os Lavados que con-  
 tem dez cantos perfectos, na qual por ordem  
 postica em verbas se declarão os principaes li-  
 tros dos Portuguezes nas partes da India depois que se descobrio a  
 navegacao para ellas por mandado del Rey don Joao Manuel meu vi-  
 vo que foy da gloria aja, & illustrem privilegio para que em tem-  
 po de dez annos que se começarem de a que se a dita obra se acabar  
 de emprezar em dita, se não possa imprimir né vender em me-  
 ritos & foysoes nem trazer a elles de fora, nem trazer as ditas  
 partes da India para se vender sem licença de dito Luis de Camois  
 ou da pessoa que para isso seu poder trizer, sob pena de que o con-  
 trario fizer pagar cinquenta cruzados & perder os volumes que  
 imprimir, ou vender, a metade para o dito Luis de Camois, & a  
 outra metade para quem os acuzar. E antes de se a dita obra ven-  
 der lhe seja feito o preço na mesa do despacho dos meos Direitos  
 bagageiros do pago, o qual se declarará & postá a pessoa, e se  
 meza seja da dita obra para se a todos os termos, & antes de se em  
 primer liza vista & examinada na mesa do conselho geral do sa-  
 no officio da Inquisição para có sua licença se aver de imprimir, &  
 se o dito Luis de Camois tiver acrescentados em algu Casto, e  
 tambem se imprimido avendo para isso licença do tanto officio,  
 como acima he dito. E este meu Alvará se imprimirá e averá no  
 principio da dita obra, o qual ey por bem que valha & tenha for-  
 ça & vigor como se fosse carta feita em meu nome por mim au-  
 tada & passada por minha Chancellaria sem embargo da Ordena-  
 ção do segundo livro, tit. xx. que diz que as cartas cujo officio  
 aver de dar mais que hum ano passarem por cartas, & passando  
 por outras não valhão. Cu par de Seixas o foy em Lisboa, a xxij  
 de Setembro, de M.D. LXXI. Iago da Costa o foy escrevo.

1664  
 21 de Maio de 1724  
 17 de Maio de 1724

OTTOBRIO 1724



17 de Maio de 1724



**V**ly por man habida da Santa e geral inquisição este Rey  
Castor dos Lusitões de Lou de Camões, dos valerosos  
seis séculos em armas que os Portuguezes fizeram em Asia e  
Europa, e não acbey nenhuma alguma escandalosa, nem  
contraria à fé e boas custumes, honrando o pacto que era  
necessario adertir os Lellores que o Autor para emanner  
a diffundidade da navegação e entrada dos Portuguezes na  
India, e da bñs féção dos Deuses dos Gentios. E ainda que  
sancho Anagnitinho nas suas Retraçõs se retrahia de ser  
chamado nos livros que compo de Ordine, nas Musas Deos  
sas Tuda ãia como isto he Poesia e fingimento, e o Au-  
tor como poeta não pretenda mais que ornar o estylo Portu-  
go não tucmos por inconveniente se esta fabula dos Deuses  
na obra, conhecendo por tal e ficando sempre salva a ver-  
dade de nossa sancta fé, que todos os Deuses dos Gentios são  
Demonia. E por isso me pareceo o livro digno de se imprim-  
tir, e o Autor mostra nelle muito engenho e muita tra-  
dição nas sciencias humanas. Em fe do qual assery aqui.

Frey Bartholomeu

Ferreira.

# OS LUSIADAS DE LVIS DE CAMOES.

## Canto primeiro.

**A**S armas, & os ba-  
rões armados,  
Que da Occidental praya Lusitana,  
Por mares nunca de antes nave-  
gados,

Passaram, ainda alem do Taprobana,  
Em perigo, e guerras esforçadas,  
Mais do que prometia a força humana,  
E entre gente remota edificarão  
Novo Reino, que tanto sublimarão.

E tambem as memorias gloriosas  
Doquelle Reis, que ferão delatando  
Adre, o impetio e as terras viciosas  
De Africa, e de Asia, mubães deoçianças,  
E aquellos que por obras valerosas  
Se vão da ley da morte libertando,  
Cantando espalharem por toda parte,  
Se a tempo me ajudas o e regido e ante,

## OS LUSIADAS DE L. DE CAM

Cessem do sabio Grego, & do Trojano,  
 As uirgões e as grandes que segrão:  
 Cesse de Alexandro, & de Trojano,  
 A fama das victorias que tiveram,  
 Que em conto o peyto illustre Lusitano,  
 A quem Neptuno, & Marte obedecerão:  
 Cesse tudo o que a Musa antiga conta,  
 Que outro valor mais alto se aleuanta.

E vos Tagides minhas, pais criados  
 Tendes em my hum novo eugrabo ardente;  
 Se sempre em verso humilde, celebrado,  
 Foy de my vosso rio alegremente,  
 Dai-me agora hum son alto, & sublimado,  
 Hum estillo grandiloco, & corrente,  
 Porque de vossas agoas Phebo ardeute,  
 Que não trahão eueja cas de Hypocrite.

Dai-me hũa furia grande & feroza,  
 E uão de agreste a vena, ou frapta ruda:  
 Mas de tuba canota & belicosa,  
 Que o peyto acende, & a cor ao gesto muda:  
 De uirgões e de tanto aos feitos da famosa  
 Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;  
 Que se espalhe & se cante no universo,  
 Se tam sublim e prozo cabe em verso.

## CANTO PRIMEIRO.

E vos ò bem nascida foyra uãça  
 Da Lusitana antiqua liberdade,  
 E não menos certissima esperança,  
 De aumento da pequena Christandade:  
 Vos o nouo temor da Moura longa,  
 Marauilha fatal da nossa idade:  
 Dada ao mundo por Deo ã todo o mundo,  
 Pera do mundo a Deo dar parte grande.

Vos teuuro, & nono ramo florecente,  
 De hũa aruore de Christo mais amada  
 Que nenhũa nascida no Occidente,  
 Cesarea, ou Christianissima chamada:  
 Vades no vosso estudo, que presente  
 Vos amolda a a victoria ja passada.  
 Na qual vos deu por armas, & deicoas  
 As que elle por a si na Cruz tomou.

Vos poderoso Rei, cujo alto Imperio,  
 O Sol logo em nascendo se primero:  
 Voe tambem no meio do Hemispherio,  
 E quando doce o deixa derradeiro.  
 Vos que esperamos jago & vitaprio,  
 Do torpe lomarlita canalleiro:  
 Do Turco Oriental, & do Gentio,  
 Que inda bebe o licor do sancto Rio.

In. Enay por hum pouco a magestade,  
 Que nesse teu ro gesto vos contemplo,  
 Que ja se mostra, qual na inteira idade,  
 Quando sabindo yreis ao eterno templo,  
 Os olhos da real benignidade  
 Ponde no chão, vereis hum novo exemplo,  
 De amor, dos patrios feitos valerosos,  
 Em vossos deusalgado manrofos.

Vereis amor da patria, não monido  
 De premio vil: mas alio, e quasi eterno  
 Que nam he premio vil, ser conhecido  
 Por hum porção do ninho meu paterno.  
 Ouvi vereis o nome engrandecido  
 Daquelle de quem sois senhois superno.  
 E julgareis qual he mais excedente,  
 Se ser do mundo Rei, se de tal gente:

Ouvi, que não vereis com vós façanhas  
 Fancasfices, fingidas, mentrosas,  
 Lamentar os vossos, como nas este rebas  
 Mafas, de engrandecer se dejespas,  
 As verdadeiras vossas sam tamberas,  
 Que excedem as fobadas fabul-fas:  
 Que excedem Rodamonte, e o não Ruggiro,  
 E Orlando, inde que fora verdadeiro.

Por estes vos darey hum Novo fero,  
 Que fez ao Rei, e ao Reino tal serviço,  
 Hum Egas, e bú dom Fuas, q de Floucré  
 A (para parelles se cobija:  
 Pou polos dezg pares darão quero,  
 Os dezg de luzarrea, e o seu Magriço.  
 Dauron tambem aquelle illustre Gama,  
 Que para si de Enias toma a fama.

Pois se a troco de Carlos Rei de França,  
 Ou de Cesar, quereis igual memoria,  
 Vede o primeiro Afonso, cuja lampa  
 Etcara faz qualquer estranha gloria:  
 E aquelle que a seu Reino a segurança  
 Deixou, com a grande e prospera victoria  
 Outros hoar, imido cavallero,  
 O quarto, e quinto Afonso, e o terceiro,

Nem deixarão meus versos esquecidos,  
 Aquelles que nos Reinos la de Avora,  
 Se fixerão por armas tam subidos,  
 Vossa hambaia sempre vencedora.  
 Hum Pacheco fortissimo, e os temidos  
 A' veulas, por quem sempre o Tejo clora,  
 Albuquerque que terrível, castro forte,  
 E outros com quem poder não teve a morte.

E em quanto eu este canto, e a vos nam posso  
 Sublime Rei, que nam me atreuo a tanto,  
 Tomay as redas do Reino vosso,  
 Dareis materia a nunca ouvido canto:  
 Com'cem a sentir o peso grosso,  
 (Que pol' mundo todo faça espanto.)  
 De exercitos, e feitos singulares,  
 De Affrica as terras, e do Oriente as mares.

Em vos os albos tem o Muro frio,  
 Em quem vi seu exicio affigido,  
 So com vos ver o barbara Gento,  
 Mostra o pescopo ao jago ja inclinado:  
 Tiberis todo o ceruleo senbario,  
 Tem pera vos por dize aparelhado:  
 Que effigada ao gesto bello, e teuro,  
 Dejeja de compraras pera geuro.

Em vos se tem da Olimpica morada,  
 Dos deus asid, as almas as famojar,  
 Hlta na paz Angelica dorada,  
 Outra pelas batalhas sanguinosas:  
 Em vos esperão, per se resonada  
 Sua memoria, e obras valerosas.  
 E la vos tem lugar no fim da idade,  
 No templo da suprema eternidade.

Mas em quanto este tempo passa luto,  
 De regerdes os povos, que o desejo:  
 Day vos favor ao novo atreuimento,  
 Pera que elles meu versos vossos sejião:  
 E vereis ir cortando o salso argento:  
 Os vossos Argonautas, por que vejião,  
 Que jam villos de vos no mar prado,  
 E colthumainos ja a ser invocados.

Ia no largo Oceano navegauão,  
 As inquietas ondas apartando,  
 Os ventos brandamente respirauão,  
 Das naos as velles concanas vibrando:  
 Da branca espuma os mares se mostrauão  
 Cubertos, onde as proas vão cortando.  
 As maritimas aguas consagradas,  
 Que do gado de Proteo jam cortadas.

Quando os Deuses no Olimpo luminoso,  
 Onde o genroo cilla, da humana gente  
 Se ajuntão em consilio glorioso,  
 Sobre as cousas futuras do Oriente:  
 Pijando o cristalino Leo sermojo,  
 Vem pela via Lactea, juntamente  
 Convocados da parte de Tonante,  
 Pelo Neto gentil do velho Atlante.

Deixão dos sete Céus o regimento,  
 Que do poder mais alto lhe foi dado,  
 Alco poder, que se ao pensamento  
 Governou o Céu, a Terra, e o Mar y aboi  
 Ali se acharão juntos num momento,  
 O que habitou o Arduo congeitado.  
 E os que o Asstro tem, e as partes onde  
 A Aurora nasce, e o claro Sol se estende,

Eflava o Padre ali sublime e doo,  
 Que vibra os ferros raios de Vulcano,  
 Nam affento de estrellu crystallino,  
 Com gesto alto, feroz, e soberano,  
 De rasto respirava hum ar divino,  
 Que divino tornava hum corpo humano:  
 Com hũa coroa, e ceptro rutilante,  
 De outra pedra mais clara que diamante,

Em luzentes affentos, marchetados  
 De ouro, e de perlas, mais abaixo estãõ  
 Os outros Deuses todos affentados,  
 Como a Razão, e a Ordem concertados:  
 Precedem os antigos mais horreados,  
 Mais abaixo os menores se affentãõs:  
 Quando Iupiter alto effy dezydo,  
 Com tom de voz comeyta grave e borrendo:

Eterna

Eternos moradores do luzure  
 Estel fero polo e claro affento,  
 Se do grande valor da forte gent,  
 De Lufo, não perdês o pensamento,  
 Deneis de ter sabido claramente  
 Como he dos fados grandes certo intentõ.  
 Que por ella se queção os humanos,  
 De Affrios, Persas, Gregos e Romanos.

La he foy (bem o villos) concedido  
 Com poder taõ singular e tam pequeno  
 Tomar ao Mauro sorte e guarneçido,  
 To la a terra que reza o Tejo ameno:  
 Pois contra o Castelhano tam temido  
 Sempre alcançou favor do Ceo sereno.  
 Assim que sempre em fim com fama e gloria,  
 Teus os trophéos pendentes de victoria.

Deixo Deuses a tras a fama antiga,  
 Que co a gente de Romano al auarão,  
 Quando com Variato, na inimiga  
 Contra Romano tanto se affanarão.  
 Tambem deixo a memoria, que os obriga  
 A grande nome, quando allevantarão  
 Heu por seu capião, que peregrino  
 Fugio na Lerua espirito diuino.

Agora

o capião  
 porem  
 venca

Agor'a redes bem, que comestendo,  
 O diviſoſo mar, num leuão breue  
 Por rias mui aſtaes, não temendo  
 De Affricos & Noto a força a mais ſaturo:  
 Que auendo tanto ja que as partes vende,  
 Onde o dia he comprido, & onde breue,  
 Inclua ſeu propoſito, & perſua  
 A ver os berços, onde nasceu o dia

Prometido lhe eſtá do ſado eterno,  
 Cuiſa alta ley nam pode ſer quebrada;  
 Que tenhamos longos tempos o governo  
 Do mar, que vê do Sol a rexa entrada:  
 Nas aguas tem paſſado o duro lucto,  
 A gente nem perdida & traballada.  
 Ja parece bem feito, que lhe ſeja  
 Moſtrada a noua terra que deſeja.

E por que como viſtes, tem paſſadas  
 Na viagem, tam aſperos perigos,  
 Tantos Uentos & Ceus experimentados,  
 Tanto furor de ventos inimigos  
 Que ſejam de termino, & aſtaſtaes  
 Neſta coſta Affricana como amigos.  
 E sendo guardado a liſſa freſca,  
 Tornarão a ſeguir ſua longa rota:

Eſtas

Eſtas palavras Lapiſes dizia,  
 Quando os Deoſes por os deus reſpondendo,  
 Na ſentença hum do outro diſſera,  
 Razões diuerſas dando & recebendo.  
 O padre Baco, ali nam conſentia  
 Na que Lapiſes diſſe, conſultando  
 Que eſ que eſtão ſeus feitos no Oraculo,  
 Se la paſſar a Leſtiana gente.

Quando tinha aos Fados que viria  
 Hũa gente ſarſifuz de Heſpanha,  
 Pelo mar alio, a qual ſojitaria  
 De lahia, tudo quanto Doris banha:  
 E com uenas victorias vençeria,  
 A ſua antiga, ou ſua, ou ſoſſe eſtramba.  
 Altauente lhe doe perder a gloria,  
 De que Niſa celebra a uida a memoria.

Ve que ja tem o ludo ſojogado,  
 E nunca lhe tira a Fortuna, ou caſo,  
 Por vencedor da India ſer cantado,  
 De quantos bebem a agua de Parnaſo:  
 Tem agora que ſeja ſepultado,  
 Seu tam celebre nome, em negro vaſo,  
 Depois do eſquecimento, ſe la chego  
 Os fortes Portugueſes, que nam eſto,

Suſtenta

Sustentava contra elle Venus bella  
 Affeição da gente Lusitana,  
 Por quantas qualidades vis elle,  
 Da antiga tanto amada sua Romana,  
 Nos fortes corações, na grande estirpe,  
 Que mostrá-lo na terra Tingitana:  
 E na lingua, na qual, quando imagina,  
 Com pouca corrupção cre que he a Latina.

Estas cousas movião Cytherea,  
 E mais, porque das Parcas diro entendi  
 Que ha de ser celebrada a clera Dea,  
 Onde a gente beligera se esconde.  
 Assim que hum pela infamia que arreata,  
 E o outro pelas honras que pretende,  
 Debatem, e na persia permanecem,  
 A qualquer seus amigos favorecem:

Quil Ausiro fero, ou Bercei na espessura,  
 De silvestre arvoredo abastecida,  
 Rompendo os ramos não da mata clara,  
 Com impeto e bravura desmelada.  
 Brava na toda montanha, o som murmura,  
 Rompeste as folhas ferus a terra erguida.  
 Tal o ardor o tumulto iracundado,  
 Entre os Deuses no Olimpo conjurado.

Mas

Mas Marte que da Deusa sustentava,  
 Entre todos as partes em por sua,  
 Ou por que o amor antigo o obrigava,  
 Ou porque a gente forte o merecia,  
 De entre os Deuses em per se levantava,  
 Mirramoris no gesto parecia:  
 O forte escudo ao collo pendurado,  
 Deitando para trás o mudo e irado.

Avisera do elmo de Diamante,  
 Alcantando hum pouco, muy segura,  
 Por dar seu parecer se pos diante  
 De Iupiter, armado, forte e duro:  
 E dando hũa pancala penetrante,  
 Co canto do bastão, no solo parou:  
 O ceo tremou, e Apolo de tornado,  
 Hum pouco a luz perdeu, como insano.

E disse assi, ó padre a cujo imperio,  
 Tudo a quello obedec, que criaste,  
 Se esta gente que busca outro Emispherio,  
 Cuje valia, e obra tanto amaste:  
 Não queres que paleção vituperio,  
 Como ha ja tanto tempo que ordenaste:  
 Não ou, as mais, pois te joyz direito,  
 Razões de quem partic que he supposito:

Que

Que se aqui a razão se não mostrasse  
 Vençida do temor demasiado,  
 Bem fora que aqui Baco os sustentasse,  
 Pois que de Luso bem, seu tam primado:  
 Mas esta razão sua, agarra passe,  
 Porque em fim bem de estamago donada,  
 Que nunca tirará albas coruja,  
 O bem que ouzarem mereçe, e o croo deseja.

E tu padre de grande fortaleza,  
 Da determinação que t'is tomada,  
 Não torças por detrás pois be fraqueza  
 Desfilir se da causa contada.  
 Mercúrio pois excede em ligeireza  
 Ao vento leu, e as seta bem talhada,  
 Lhe va mostrar a terra, onde se inferna  
 Da la lie, e onde a gente se reforma.

Como isto disse o Padre poderoso,  
 Acabeja inclinando, consentio  
 No que disse Marte valeroso,  
 E Nestor sobre todos esparzio:  
 Pelo caminho Latio glorioso,  
 Logo cada bava dos Deuses se partio.  
 Fazendo seus reaes acatamentos,  
 Pera os determinados apontentos.

Em quanto isto se passa, na sermosa  
 Casa Eterna do Olimpo omnipotente  
 Cortina o mar a gente belicosa:  
 Ia la da banda do Austro, e do Oriente,  
 Entre a tosta Echiopica, e a sermosa  
 Ilha de Jan Lawrence, e o Salardente  
 Quinana entam os Deuses, que Tifed  
 Co temor grande em peixes converteu.

+ ?

Tam brandamente os ventos os levauão,  
 Como quem o croo tinha por amigo:  
 Sereno o ar, e os tempos se mostrauão  
 Sem maís, sem receio de perigo:  
 O promontorio prasso ja passauão  
 Na costa de Echiopia, nome antigo,  
 Quando o mar descobrindo lhe mostrauo,  
 Novas ilhas que em torno cercas, e lama.

+ +

Visto da zona, o forte Capitão,  
 Que a tanubas empresas se offerce,  
 De soberbo, e de altivo coração,  
 A quem fortuna sempre favorece  
 Pera se aqui deter, não ve razão,  
 Que inhabitada a terra lhe pareça:  
 Por diante passar determinaua  
 Mas nam lhe succedea como cuidava.



Eis aqui eccu logo em companhia,  
 Há pequenos batis, que vem daquella  
 Que mais chegado à terra parecia,  
 Cantando a longo mar com larga vella:  
 A gente se almoreça, e de alegria  
 Não sabe mais que o bar a causa della.  
 Que gente sera esta, em si dezião,  
 Que collumes, que hy, que Rei terião?

+ 6

As tubarões são, na maneira  
 Muy velozes, e furtivos, e compridos,  
 As vellas com que vem trão de effeira,  
 Dão fulto de Palma leu recidos:  
 A gente da cor era de lacteira,  
 Que Phacton, nas terras acendidas  
 Ao mundo deu, de cusado, e não prudente,  
 O Padoo sabe, e Lampetusa o sente.

De povos de alguals vinhos vestidos,  
 De varias cores, brancos, e listrados,  
 Há trazem de vinhos de si singulos,  
 Outros em um modo ayroso sabrados,  
 Dai cingos per a cima vem despidos:  
 Por armar tem alugas, e corjaes,  
 Quanto a mais cabe, e navegando,  
 Anfoja poteroso não tocando.

Cor

Cos pães, e cos braços aguçados,  
 As gentes Lusitana, que esperassem:  
 Mas ja as proas ligeiras, se inclinão,  
 Pera que junto aos llos amainassem.  
 A gente, e marinheiros trabalhão,  
 Como se aqui os trabalhos facobassem:  
 Tomão vellas, amainam a verga alta,  
 Da ancora o mar ferido, encima saltam.

Não trão ancorados, quando a gente  
 Estramba, pelas cordas ja sabias,  
 No gesto ledes vem, e humanamente,  
 O Capitão sublime os recebe.  
 As mesas manda por em continente,  
 Do licor que Lico prantado ante:  
 Enchem vasos de vidro, e do que drirão,  
 Os de Phacton queimados usada errecião.

Começo alegremente perguntão,  
 Pela Arabica lingua, donde vinhos,  
 Que vinhos, de que terra, que buscanão,  
 Ou que partes do mar corrido tinhão:  
 Os fortes Lusitavos lhe tornão,  
 As discretas repollas que couinhão.  
 Os Portuguezes fomos do Occidente,  
 Hemos buscando as terras do Oriente.

B

Do

Do mar temos corrido, e navegado  
 Toda a parte do Antartico, e Calisto,  
 Toda a costa Africana rodeado,  
 Diversos Ceos, e Terras temos vislto:  
 Dum Rei potente fomos, tam amado,  
 Tam querido de todos, e bem quisto:  
 Que não no largo Mar, com toda frente:  
 Mas no lago entrarmos de Achtronit.

E por mandado seu, buscando andamos  
 A terra Oriental, que o Indu rega,  
 Por elle o Mar remoto navegamos,  
 Que so dos seus Focas se navega:  
 Mas ja razõo parece que sabemos,  
 Se entre vos a verdade não se nega.  
 Quem sou, que terra he esta que abitais?  
 Ou se tendes da Indu algõo souais?

Somos, hum dos das Ilhas de tartaria,  
 Estrangeiros na terra, Lei, e nação  
 Que os proprios, são aquelles que criam  
 A Natura sem Lei, e sem Razão:  
 Nos temos a Lei certa que injuntem,  
 O claro descendente de Abrãão:  
 Que agora tem do Mundo o senhorio,  
 A mãy Hebrãa teue, e o pay Gomo.

Esta

Esta ilha pequena que habitamos,  
 He em toda esta terra certa esiala,  
 De todos os que as Ondas navegamos,  
 De Quiloa, de Mombaja, e de Sofala:  
 E por ser necessaria, procuramos,  
 Como proprios da terra, de habitala.  
 E por que tudo em fim vos notifique,  
 Chama-se a pequena ilha Moçambique.

E ja que de tam longe navegais,  
 Buscando o Indu Indu, e terra ardente,  
 Piloto aqui terreis, por quem sejais  
 Guiados pelas ondas sabiamente.  
 Tambem sera benefico que tenhaes,  
 Da terra algum refresco, e que o Regente  
 Que esta terra governa, que vos veja,  
 E do mais necessario vos proveja.

Isto dizendo, o Mouro se tornou  
 A seus bates com toda a companhia,  
 Do Capitão e gente se apartou,  
 Com moltras de devida cortesia:  
 Nisto Febo nas aguas encerrou,  
 Co carro de Obital, o claro dia:  
 Dando cargo ao lemaõ que aliamasse,  
 O largo Mundo, em quanto repousasse.

B 2

A noite

A voz se passou na lasta frota,  
 Com estranha alegria, e não cayda,  
 Por acharem da terra tão remota,  
 Nova de tanto tempo desjada:  
 Qualquer então consigo cryda, e nota  
 Na gente, e namorosa de fusala.  
 E como os que na errada Seita cryão,  
 Tanto por todo o mundo se estenderão.

Da Lúa os claros raios rutilamão,  
 Pelas argentas ondas Neptuninas,  
 As Estrellas os Céus acompanhãõ.  
 Qual comparecêdo de boninas,  
 Os furiosos ventos repossamão,  
 Pelas couas escuras peregrinas.  
 Porém de armada a gente vigiã,  
 Como por longo tempo costumã.

Mas assy como a Aurora marchetada,  
 Os sermosos cabelos espalhou,  
 No Céu sereno, abrindo a roxa entrada,  
 Ao claro Hiperionio que acorda,  
 Começa a embandeirar se toda a armada,  
 E de todos alegres se adreou:  
 Por receber com festas, e alegria,  
 O Reyedor das Ilhas que partia.

Partia

Partia alegremente navegando,  
 A ver as riuas ligeras Lusitanas,  
 Com refresco da terra, em si cuidando,  
 Que são aquellas gentes inhâmanas:  
 Que os apoufentos Cassios habitamã,  
 A conquistar as terras Ásias  
 Vierão: e por ordem do destino,  
 O Imperio tomamão a Constantina.

Recebe o Capitão alegremente,  
 O Mouro, e toda sua companhia,  
 Dalhe de ricas peças bem presente,  
 Que so pera este effeito ja trazia:  
 Dalhe conserva doce, e dalhe o ardente  
 Não usado licor que dá alegria.  
 Tudo o Mouro contente bem recebe,  
 E muito mais contente come, e bebe.

Está a gente maritima de Lisboa,  
 Sabida pela exarcia, de admirada,  
 Notando o estrangeiro modo, e uso,  
 E a luxozagem tam barbara e culhada:  
 Também o Mouro allato está confuso,  
 Olhando a cor, e a sorte armada:  
 E perguntando tudo lhe dezja,  
 Se por venar a rubião de Tarquia.

B 3

E mais

E não lhe diz também, que ver deseja  
 Os livros de sua ley, preceitos, ou fey,  
 Para ver se conforme à sua fey,  
 Ou se são dos de Uirillo, como crey.  
 E por que tudo isto, e tudo veja,  
 Ao Capitão pedis, que lhe dê,  
 Mostra das fortes armas de que vsaão,  
 Quando aos inimigos prisaão.

Responde o valeroso Capitão,  
 Por bem que a língua estura bem sabida,  
 Darte ey mostrar ilustre relação  
 De my, da ley, das armas que trazia:  
 Nem sou da terra, nem da geração,  
 Das gentes emojas de Turquia:  
 Mas sou da forte Europa belicosa,  
 Busco as terras da India tam famosa!

A ley teudo daquelle, a cujo imperio  
 Obedece a visibil, e invisibil,  
 Aquelle que criou tudo o Emispherio,  
 Tudo o que se faz, e todo o visibil:  
 Que pultico desbarra, e ditaperio,  
 Sofrendo morte injusta, e injustibil:  
 E que do creu aa terra em fim decreo,  
 Por saber os meytas da terra ao creu.  
 Deste,

Deste Deus homem, alto, e infinito,  
 Os Livros que tu pedes, nem trazia,  
 Que bem posso escusar trazer escripto  
 Em papel, o que na alma andar devia.  
 Se as armas queres ver, como tús dito,  
 Comprido esse desejo te seruit:  
 Como amigo as veras, porque eu me obrigo,  
 Que nunca as queiras ver como inimigo.

Isto dizendo, manda os ditos  
 Ministros, amostrar as armaduras,  
 Vem arneses, e peças reluzentes,  
 Malhas finas, e laminas seguras,  
 Escudos de pinturas differentes,  
 Pilaeas, e pingaradas de aço puras,  
 Arcos, e sagittiferas aljaves,  
 Partisanas agudas, e chagas brucas.

As bombas vem de fogo, e juntamente  
 As pavellas pulsantes, tam danosas,  
 Porém aos de Vulcano nam consente  
 Que dem fogo aos bombas das temerosas:  
 Por que o generoso animo, e valent,  
 Entre gentes tam poucas, e medrosas,  
 Não mostra quanto pode, e com razão,  
 Que he fraqueza entre parthos fer hão.

Por em d'isto que o Moura aqui notou,  
 E de tudo o que viu, com olho atento,  
 Hum odio certo na alma lhe ficou,  
 Hũa vontade mi de pensamento.  
 Nas mostras, e no gesto o não mostrou  
 Mas com risoubo, e lido fingimento,  
 Tristado brandamente detes mios,  
 A te que mostrar possa o que imagina.

Pilotoz lhe pediu o Capitão,  
 Por quem pudesse as ladas ser levado,  
 Diz-lhe, que o largo premio levarão,  
 Do trabalho que nisso for tomado.  
 Prometelhas o Moura, com tenção  
 De peito venenoso, e tão danado:  
 Que a morte se pudesse ver de dia,  
 Em lugar de Pilotoz lhe daria.

Tamamto o odio soy, e a mi vontade,  
 Que aos estrangeiros sapito tomou,  
 Sabendo ser se quares da verdade,  
 Que o filho de David nos casou,  
 Os segredos daquelle Eternidade  
 A quem jayzo algum não alcançou.  
 Que nunca falte hum por fado nauigo,  
 A aquelles de quem foste tanto amigo.

Partiofe

Partiofe nullo em fim co a companhia,  
 Das nam o falso Moura despedido,  
 Com enganoza e grande cortesia,  
 Com gesto lido a todos, e fingido  
 Cortaão os batéis a corte via  
 Das agoas de Neptuno, e recebido  
 Na terra do obsequente ajuntamento,  
 Se foy o Moura ao coguito apoufento.

Do claro affento Eures, o grão Tchano,  
 Que da paternal coca foy nascido  
 Oubando o ajuntamento Lusitano,  
 Ao Moura ser molesto, e averrecido:  
 No pensamento ceyda hum falso engano  
 Com que seja de todo destraydo.  
 E em quanto isto se na alma imaginava  
 Conseg o estar pulcras praticava.

Está do fado ja determinado,  
 Que tamambas victorias tara famosas,  
 Apio os Portuguezes alcançado,  
 Das Indianas gentes belicofas.  
 E eu se filho do Padre sublimado,  
 Com tantas qualidades generofas:  
 E y de sofrer que o Fado favoreça  
 Outrem, por quem meu nome se favoreça

la quyer do

La quizeram os Deuses que tivesse,  
 O filho de Filipo nesta parte,  
 Tanto poder, que tudo somettisse  
 Debaixo do seu jugo, o fero Marte:  
 Mas affe de soffrer que o Fado deffo,  
 A tam poucas tambem esforço, e arte  
 Queu co gram Marciano, e Romano,  
 Deu no lugar ao nome Lusitano?

Não sera affy, por que antes que chegado  
 Seja este Capitão, astutamente  
 Lhe sera a tanto engano fabricado,  
 Que nunca veja as partes do Oriente:  
 Eu deurey a terra, e o indignado  
 Peito, revolueray da Moura gente,  
 Porque sempre por via yta direita,  
 Quem do oportuno tempo se aproxcita.

Isto dizendo yrado, e quasi infra,  
 Sobre a terra Affrica ana dequendo,  
 Onde veitando a forma e gesto humano,  
 Pera o Praxso sabido se mouera.  
 E por melhor tezer o astuto engano,  
 No gesto natural se converteu,  
 Dam Moura, em Moçambique conhecido,  
 Velho, sabio, e co Xequemuy conhecido.

E entrando

Entrando affy a sala-lhe, a tempo e horas,  
 A sua salvalde anomalada,  
 Lhe diz como erão gentes roubadoras,  
 Estas que ora de novo sem chegaras,  
 Que de roução na costa arrastoras,  
 Corrento a fama veio, que roubadas,  
 Foião por estes bomis que passavao,  
 Que coa pulcra de paz sempre amarao.

E sabe mais, lhe diz, como entendido  
 Tenho destes Christãos saugimmentos,  
 Que quasi todo o mar tem destruido,  
 Com roubar, com incendios violentos:  
 E trazem ja de longe engano irado,  
 Contra nos, e que todos seus intentos  
 Sam pera uni matarem, e roubarerem,  
 E mulheres e filhos captiuarem.

E tambem sey que tem determinado,  
 De vir por aqui a terra muito cedo,  
 O Capitão das feras acompanhado,  
 Que da tenção danada nasce o medo:  
 Tu deves de yr tambem coa tua armada  
 Esperallo em cilada, occulto e quedo:  
 Por que sendo a gente desconfyada,  
 Cairão facilmente na cilada.

E se inda

E se inda não ficarem delle geito,  
 Destruydo, ou morto totalmente,  
 En tendo imaginada no conceito,  
 Outra manha e ardid que te contente:  
 Mandalhe dar Piloto, que de geito  
 Seja astuto no engano, e tam prudente,  
 Que os leute acude sejão destruydos,  
 De baratados mortos, ou perdidos.

Tanto que estas palavras acabou,  
 O Mouro nas tais casos, sabio e delibe  
 Os braços pelo collo lhe lançou,  
 Agradecendo muito o tal conselho:  
 E logo nesse instante concertou,  
 Para a guerra o beligero aparelho:  
 Para que ao Portuguez se lhe tornasse,  
 Em roxo sangue a agua que buscasse.

E busca mais, para o crydado engano,  
 Mouro que por Piloto ao nao lhe mande,  
 Sagaz, astuto, e sabio em todo o dano,  
 De quem se far se possa hum feito grande,  
 Diz lhe que acompanhando o Lusitano,  
 Por tais coizas, e mares co elle ande:  
 Que se daqua escapar, que la diante  
 Va cair onde nunca se alenante.

La o rayo Apuliano visitau,  
 Os Montes Nababecos acudido,  
 Quando Gama cos seus determinau,  
 De vir por agua a terra apercebido:  
 A gente nos batiu se concertana,  
 Como se fosse o engano ja sabido:  
 Mas pode suspeitar se facilmente,  
 Que o canção presago nunca mente.

E mais tambem mandado tinha a terra,  
 De antes pelo Piloto necessario:  
 E foille respondido em som de guerra,  
 Caso d. que crydava muy contrario:  
 Por isso, e por que sabe quanto erra,  
 Quem se cre de seu presalo adversario,  
 Apercibido way como podia,  
 Em tres batiu somente que trazia.

Mas os Mouros que andião pela praia,  
 Par lhe defender a agua desejada,  
 Hum de escudo embarçado, e de azeitona,  
 Outro de arco encruado, e seta cruada:  
 Esperão que a guerreira gente saia,  
 Outros muytos ja postos em cilada:  
 E por que o caso leue se lhe saia,  
 Poem hão poucos diante por arçoa.

*Andão pela ribeira alua arcuosa,  
 Os belicosos Mouros acunhando,  
 Com andarza, e co a alfa perigosa,  
 Os fortes Portuguezes incitando:  
 Não joffie muito a gente generosa,  
 Andarão os cães pi dentes amofranda.  
 Qualquer em terra salta, tam ligeiro,  
 Que nenhum dizer pode que he primeiro.*

*Qual no carro sanguiño, o leão amante,  
 Vendo a formosa dama defejada,  
 O Touro bafia, e poudo se diante,  
 Salta, corre, sibila, acena, e brada:  
 Mas o animal atroçe nesse instante,  
 Com a fronte cornigera incluada,  
 Bramando duro corre, e os olhos terra,  
 Terriba, fere, e mata e poem por terra.*

*Eis nos batéis o fogo se levanta,  
 Na furiosa e dura artilheria,  
 A plumbeta pela mata, o brado espantaz  
 Ferido o ar recumba, e affonia:  
 O coração dos Mouros se quebranta,  
 O tempo grande o fozgo lhe refria.  
 La foz o estonido de medroso,  
 E morre o desinberto auenturoso.*

Não

*Não se contenta a gente Portuguesa  
 Mas seguindo a victoria estrova, e mata  
 A poucação sem muro, e sem defesa,  
 E bombardea, acende, e debarata.  
 Da canalhada ao Mouro ja lhe pesa,  
 Que bem cuidou comprala mais barata:  
 La blasfema da guerra, e mullizja,  
 O velho inerte, e a mity que o fubo cria.*

*Fugindo, a seta o Mouro vax tirando,  
 Sem forza, de couar de, e de apressado,  
 A pedra, o peo, e o canto arremessado,  
 Dalhe armas o furor desatinado:  
 La a liba, e todo o mais, desemparrado,  
 Aa terra firme foge amedrontado.  
 Passa, e coita do mar o estreito braço,  
 Que a liba em torno cerca, em pouca espaço.*

*Hic: não nas abnialias correjadas,  
 Hum corta o mar a nado diligente,  
 Quem se affoga nas ondas encarnadas,  
 Quem bebe o mar, e o deita juntamente:  
 Arrambão as mendas bombardeadas  
 Os Parayais sotis da bruta gente.  
 Delle arte o Portuguez em fim castiga,  
 A vil malicia, perfida, inimiza.*

Ternio



Tornão victorioso pera a armada,  
 Co despejo da guerra; e rica presa,  
 E não a seu prazer fazer aguada,  
 Sem achar resistencia, nem deſeja  
 Ficára a Moura gente mazoada,  
 No odio antigo, mais que nunca acosa.  
 E vendo sem vingança tanto dano,  
 Somente eſtriba no ſegundo cogano.

Paz: cometer manda arrependido,  
 O Regedor daquella inica terra,  
 Sem ſer das Luſitanos entendido,  
 Que em figura de paz lhe manda guerra:  
 Porque o Piloto falſo prometido,  
 Que toda a mil tenção no peito encerra.  
 Pera os guiar ao morte lhe mandava,  
 Como em ſinal das pazes que tratava.

O Capitão, que ja lhe entam conuinha,  
 Tornar a ſeu caminho acostumado,  
 Que tempo concertado, e tratado tinha,  
 Pera yr buscar o Indio deſejado.  
 Recordando o Piloto que lhe vinha,  
 Foy delle alegremente agasalhado:  
 E respondendo ao meſſageiro, a treito  
 Aſt vellas manda dar ao largo vento.

Deſta

Della arte deſpedida a forte armada,  
 As ondas de Anſerite dividia,  
 Das ſilhas de Nevois acompanhada,  
 Fiel, alegre, e doce companhia.  
 O Capitão, que não cabia em nada,  
 Do enganoſo ardil que o Mouro vadia:  
 Delle muy largamente ſe informava,  
 Da ludoſa tola, e coſta que poſſava.

Mas o Mour o instruido nos enganos,  
 Que o malvado Baco lhe enſinara  
 De morte, ou captiueiro novo: dano,  
 Antes que ao Indio chegue lhe prepara,  
 Dando razão dos portos Indianos,  
 Tambem tudo o que pede lhe declara.  
 Que aucto lo por verdade o que dizia,  
 De nada a forte gente ſe temia.

E diz lhe mais co falſo pensamento,  
 Com que Synon as Phrygias enganou,  
 Que perto eſta hũa Ilha, cujo aſſento,  
 Povo antigo Chriſtão ſempre abitou:  
 O Capitão que a tudo eſtava a tento,  
 Tanto co eſta nonar ſe alegrou,  
 Que com dadiuas grandes lhe rogava,  
 Que o leue ao terra onde eſta gente eſtava.

vinda K

L

Ho

Ho mesmo o falso Moura determino,  
 Que o segredo Christão lhe manda e pede,  
 Que a liba he possuida da malina  
 Gente, que segue o torpe Mahamede.  
 Aqui o torçao e morte lhe imagina,  
 Por que em poder e forças muito excede.  
 As Moçambique, esta liba que se chama  
 Quilua, muy conhecida pela fama.

Pera li se inclinava a leda frota,  
 Mas a Deosa em Cybere celebrado,  
 Vendo como deixava a certa rota,  
 Por se buscar a morte não cuidada,  
 Não consente que em terra tão remota  
 Se perca a gente della tanto amada.  
 E com ventos contrarios a desvia,  
 Donde o Piloto falso a leua, e guia.

Mas o malvado Moura não podendo,  
 Tal determinação levar aante,  
 Outra mallice inica cometendo,  
 Ainda em seu proposito constante,  
 Lhe diz, que pois as aguas discorrendo,  
 Os leuão por força por diante,  
 Que outra liba tem perto, cuja gente,  
 Erão Chor ssem com Mouros juntamente.

Tambem

Tambem nellas palmas lhe mentia,  
 Como por regimento em fim leuava,  
 Que aqui gente de Christo não avia.  
 Mas a que a Mahameda celebrava.  
 O Capitão que em tudo o mouro cria,  
 Vivando as bellas, a liba demandava.  
 Mas nam querendo a Deosa guardadora,  
 Nam entra pela barra, e surge fora.

Estava a liba as terras tam chegada,  
 Que buon estreito pequeno a dividia,  
 Hũa cidade nella situada,  
 Que na frente do mar aparecia,  
 De nobres edificio fabricada,  
 Como por fora, ao longe descobria,  
 Regida por buon Rei de antigua idade,  
 Mombaja he o nome da liba, e da Cidade.

E sendo a ella o Capitão chegado,  
 Estranhamente ledo, por que espera  
 De poder ver o povo baptizado,  
 Como o falso Piloto lhe dissera.  
 Ein vem bateis da terra com recado  
 Do Rei, que ja sabia a gente que era,  
 Que Baco muito de antes o avisara,  
 Na forma doutro Moura que tomara.

( 2 O recado

O recalo que trazem be de amigos:  
 Mas debaixo o veneno vem cuberto,  
 Que os pensamentos são de inimigos,  
 Segundo soy o engano descoberto.  
 O grandes e grandissimos perigos,  
 O camião de vida nunca certo:  
 Que aonde a gente põem sua esperança,  
 Teuba a vida tam pouca segurança.

Não meir tanta tormenta, e tanto dano,  
 Tantas pezas a morte apercebida,  
 Na terra, tanta guerra, tanto engano,  
 Tanta necessidade ancorada:  
 Onde pode acolherse hum fraco humano,  
 Onde terá segura a curta vida!  
 Que não se arme p' se indagar o Céo sereno,  
 Contra hum bicho da terra tam pequeno.

Fin.

## Canto Segundo.

**N**A neste tempo o  
 lucido Planeta,  
 Que as horas vay do dia distin-  
 guindo,

Chegava as deyrada, e lenta Meta,  
 A luz Celeste aos gentes encobrendo:  
 E da casa maritima secreta,  
 Lhe eslaou o Deo Nocturno a porta abrindo:  
 Quando as infelizes gentes se chegarão  
 As naves, que pouco avia que ancorarão.

Dentre elles hum que traz encomendada,  
 O mortifero engano, assi dezja:  
 Capião valeroso, que cortado  
 Tem de Neptuno o reyno, e salsa via,  
 O Rei que manda esta liba, aluzajado  
 Da vida tua tem tanta alegria,  
 Que nam deseja mais que agasalharti,  
 Veste, e do necessario reformarte.

¶ C 3

E por que

E por que está em effeito de jejão  
 De te ver, como coisa nomeada,  
 Te vejo que de nada te cuido,  
 Entre a barra, tu com toda armada.  
 E por que do caminho trabalhas,  
 Trava a gente de bob, e confuso,  
 Diz que na terra por des reformada,  
 Que a natureza obriga a dejesla,

E se buscando nas mercadorias,  
 Que produz o aurifero Lenante,  
 Canilla, Crauo, ardente especaria,  
 Ou Droga solutifera, e pressa de:  
 Ou se queres luzente pedrasia,  
 O Rubi fino, o rigido Diamante,  
 Daqui levavas tudo tam sobejo,  
 Com que faças o fim a teu desejo.

As mensageiros o Capitão responde,  
 As palavras do Rei agradecendo,  
 E diz, que porque o Sul no mar se fende,  
 Não entra a pena dentro obedecendo,  
 Porém que como a hoz mostrar por coado  
 Va sem perigo, a finta não temendo,  
 Compirá sem receio seu mandado,  
 Que a mais por tal fealtar está obrigado.

Pergunta he

Perguntalhe depois, se estão na terra  
 Christãos, como o Piloto lhe dizia,  
 O mensageiro astuto que não erra,  
 Lhe diz, que a mais da gente em Christo crã.  
 Desta parte do peito lhe defferra  
 Toda a suspeita, e tanta fantasia:  
 Por onde o Capitão seguramente,  
 Se fia da infiel, e falsa gente.

E de algũs que trazia condemnados,  
 Por culpas, e por feitos vergonhosos,  
 Por que podesses ser aurutar ados,  
 Em casos desta sorte danados.  
 Manda dom mais saazer, ensaiados,  
 Por que usam dos Meiros enganosos,  
 A Cidade, e poder, e por que veñão,  
 Os que Christãos, que jo tanto ver de jejão.

E por estes ao Rei presentes manda,  
 Por que a boa vontade que mostrava,  
 Tenha firme, segura, longa, e branda,  
 A qual bem ao contrario em tudo estava.  
 Ia a companhia perfida, enfadada  
 Das nets se despedia, e o mar cortava,  
 Foram com gestos ledos, e fingidos,  
 Os dons da frota em terra recibidos.

( 4 E depois

E depois que ao Rei apresentarão,  
 Co recado os presentes que trazião,  
 A Cidade correrão, e notirão  
 Muito meus daquillo que querião,  
 Que os Mouros castelões se guardião  
 De lor mostrarem tudo o que pedião.  
 Que coide reína a malicia, está o recado  
 Que a faz imaginar no peito albico.

12  
 Mas aquelle que sempre a mocidade  
 Tem no rosto perpetua, e soy nascido  
 De duas mãs: que vadia a falsidade,  
 Por ver o navegante destruydo.  
 Estava nãa casa da Cidade,  
 Com rosto humano, e habito fingido  
 Mostrando-se Christão, e fabricava  
 Hum altar sumptuoso que adorava.

13  
 Altimba em retrato assigurala  
 Do alto e Sancto espirito a pintura,  
 A candi ta Pombinha debuxada,  
 Sobre a touca Fenix virgem pura,  
 A companhia saubla está pintada,  
 Dos doze tam toruados na figura,  
 Como os que, so das linguas que cayrão,  
 De fogo, varias linguas referião.

Aqui

Aqui os dois companheiros conduzidos,  
 Onde com este euzano Baco estava  
 Pacem em terra os zibelos, e os sentidos  
 Naquelle Deus, que o mundo governava  
 Os cheiros excellentes produzidos,  
 Na Parahais odorifera queimava  
 O Thionã, e asu por derradeiro  
 O falso Deus adarao verdadeira.

Arabia jeh

14  
 Aqui forão denoite agasalhados,  
 Com todo o bom, e honesto tratamento  
 Os dois Christãos, nam vendo que cogitado  
 Os tinha o falso, e sancto fingimento:  
 Mas asu como os raios espalhados  
 Do Sol forão no mundo, e num momento,  
 Apareceu no rubido Orizonte,  
 Na moça de Tãno a ricca fronte.

Aparece  
do tãno

15  
 Toruão da terra os Mouros co recado  
 Do Rei, pera que entrassem, e confizes  
 Os dois que o Capitão tinha mandado,  
 A quem se o Rei mostrou sincero amigo:  
 E sendo o Portuguez certificado,  
 De não aver recio de perigo.  
 E que gente de Christo em terra avia,  
 Deuero no falso rio entrar queria.

Dizem

Dizem de os que mândou, que em terra virão,  
 Sacras aras, e sacro dote santo,  
 Que ali se agasalharão, e dormirão,  
 Em quanto a luz cubrio o escuro mantos  
 E que no Rei, e gentes não sentirão  
 Seus contratamento, e gólio tanto:  
 Que não podia certo aver suspeita,  
 Não mostra tão clara, e tão perfeita.

Co isto o nobre Gama recebia  
 Alegremente os Meiros que subião,  
 Que levemente bom animo se fia,  
 De moltras que tão certas parecião:  
 A uso da gente perfida se embia,  
 Deixando a bordo os barcos que trazião:  
 Alegres viabão todos, por que crem  
 Que a presa desejada certa tem.

Na terra cantamente aparelhãõ,  
 Armas, e munições, que como vissent  
 Que no Rio os navios ancorãõ,  
 Nelles cuidadosamente se subissent:  
 E nestla treição determinãõ,  
 Que os de Luso de todo destruisseem:  
 E que incastos porãsssem de ãte goito  
 O mal que em Malqã abique tiabão feito:

As

As ancoas tenazes não levando,  
 Com a nauada grita costumada,  
 Da proa as velhas fas ao vento dando,  
 Inclusão pera a barra abalçada:  
 Mas a leude Ericina, que guar Lindo  
 Andava sempre a gente ajuntada:  
 Veulo a cilada grande, e tam secreta,  
 Voa do Ceo ao Mar como bria feita.

Conqoa as alua: filhas de Nerio,  
 Com toda a mais ceralca companhia,  
 Que por que no salgado Mar nascio,  
 Das aguas o poder lhe obedecia.  
 E propondo lhe a causa a que decto,  
 Com todos juntamente se partia:  
 Pera estorvar que a armada não ibegasse  
 Aonde pera sempre se acabasse.

La na azoa arguendo não com grande pressa,  
 Com as arguteas candelas branca espuma,  
 Cloto co peito corte, e atroussa  
 Com ma: faror o Mar do que costuma.  
 Salta Naje, Nerine se arrecessa,  
 Por cima da agua crespa, em far a sumã:  
 Abreõ caminhos as oulãs curvadas,  
 De temor das Nercidas apressadas.

Nos

Nos braços de hum Trião com gesto arfoso,  
 Vai a lousa Diom surrada,  
 Não sente quem a leua o doce peso,  
 De soberbo, com carga tam sermosa:  
 La cheção perto dando o vento teço,  
 Enche as velas da frota belicosa.  
 Reparteuse, e rodeão nesse instante  
 As naus ligeiras que hão por diante.

Poem se a Deusa com outras em derriça  
 De proas capitães, e ali fechando,  
 O caminho da barra eirão de grita,  
 Que em vão affreça o vento, a bello incluído:  
 Poem no madeiro duro o brando peito,  
 Pera detras a sorte nos forçando.  
 Outras em derredor levando estação,  
 E da barra a inimiga a desmação.

Quas pera a cousa as prímias farnizas,  
 Levando o peso grande acomodado,  
 As forças exercião, de inimigas,  
 Do inimigo lazer no congelado:  
 Ali sem seus trabalhos, e fadigas,  
 Almostrão vigor nunca esperado.  
 Tais andanão as Nymphas estorvando  
 Ao gente Portuguesa o fim nefando.

Torna

Torna pera detras a Nau forçala,  
 A pesar das que leua, que gritan lo,  
 Marcão vellas, ferue a gente yrada,  
 O leuar a bom bordo, e a outro atravejando  
 O Mestre astuto em vão da popa brala,  
 Vendo como diante avança lo  
 Os estuas hum no vitimo perulo,  
 Que de quebrar lha a Nau lha mete melo.

Accelera me lomba se alenta,  
 No rudo Maribeiro que trabalha,  
 O grande esforço, a Moura gente espanta,  
 Como se vissem borrida batalha.  
 Nam sabem a razão de furia tanta,  
 Nam sabem nesta pressa quem lha valha,  
 Cyllão que seus coganos sam sabulos,  
 E que anda per por isso a qui pusulos.

Eles subitamente se lançanão,  
 A seus bateis rebates que traxião,  
 Outros cucinpa a mar abruantão,  
 Saltando nugas a nado se acobião:  
 De hum bordo e doutro subito saltanão,  
 Que o mar lo os compella do que vião.  
 Que outro quertos as mar acurto arse,  
 Que nas mãos inimigas entreço se.

Ase

*Affli como em seluetica algas,  
As rãs no tempo antigo Lycia gente,  
Se sentem por ventura vir passas,  
Estando fora do agua incantamente,  
Daqui, e dali saltando, o charco sea,  
Por fugir do perigo que se sente,  
E acobrendo se ao conto que conhecem,  
Sai as cabeças na agua lbe apparecem.*

*Affli fogem os Mouros, e o Piloto,  
Que ao perigo grande as navi guiera,  
Crendo que seu cugano estava nuto,  
Tambem foge saltando na agua amara  
Mas por nam darem no penedo immoto,  
Onde perção a vida doç, e cara:  
A ancora solta logo a capitãa,  
Qualquer das entras porto della amaina.*

*Vendo o Gama, atentado a estralheza  
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente,  
O Piloto fugir lbe com presteza,  
Entende o que ordenans a bruta gente,  
E vendo sem contralite, e sem braveza  
Dos ventos, ou das aguas sem corrente,  
Que a Nao passar amante não podia,  
Ancado o por milagre afflicteza.*

O caso

*O caso grande, estranho, e não crytado,  
O milagre clarissimo, e evidente,  
O descuberto engano inopriado,  
O perfida inimigo, e falsa gente,  
Quem podera do mal aparelhado  
Luar-se sem perigo sabiamente.  
Se la de cima a guar-la saber ama,  
Não acudir as fraca força humana!*

*Bem nos mostra a divina providencia,  
Delles portos, a pouca segurança,  
Bem claro temos visto na apartencia,  
Que era engamada a nossa confiança  
Mas pois saber humano, nem prudencia  
Enganos tam fugidos nam alcança:  
O tu guarda diuina, tem cuidado  
De quem sem ti não pôde ser guardada.*

*E se te moue tanto a piedade,  
Desta misera gente peregrina,  
Que so por tua altissima bondade,  
Da gente a salua, perfida e malina,  
Nalgum porto seguro de verdade:  
Conduzimos ja agora determina,  
Ou nos amoltra a terra que buscamos,  
Pois so por teu seruiço nauigamos.*

Onicilbe



Ounilhe estas palatras piadesas,  
 A fermosa Diaga, e' conuinda,  
 Dantre as Nymphas se vez, que sandesas  
 Fizarão desta sabita partida:  
 Ia penetras e' estrelas luminosas,  
 Ia na terçeira Esphera recubida  
 Auante passa, e' laão sexto (co  
 Pera ante estaua o Padre se mouca.

E como hia afrontada do caminho  
 Tão fermosa no gesto se mostraus,  
 Quas Estrelas, e' o Ceo, e' o Ar vizinho,  
 E' sendo quant o a via namorans  
 Dos olhos, onde faz seu filho a ninho  
 Hão espiritos novos imporans,  
 Com que os Polos gelados acendia,  
 E tor nana do Fogo a' Esphera fria.

E por mais namorar o solerano  
 Padre, de quem soy sempre amada, e' tara  
 Se lhe apresenta assy como ao Troyano,  
 Na selua lida ja se apresentara:  
 Se a vira o caçador, que o vulto humano  
 Perdeo, vendo Diana na agua clara:  
 Nunca as famintas galgas o matarão,  
 Que primeiro desejos a acubirão.

Os crespos

O crespos fias doura se espazção  
 Pelo colo, que a neve escarcia,  
 Apalando as lacteas tetas lhe tremião,  
 Com quem Amor brincava, e' não se via,  
 Da alua petrina flamas lhe saião,  
 Onde o minimo as almas acudia.  
 Polos lisas coõnas lhe trepção,  
 Dejejos, que como Era se euoluão.

Com delgado cordal as partes cobre,  
 De quem vergonha he natural repara,  
 Porém nem tudo esconde, nem descobre  
 O vto dos raxos lisos pouco anara:  
 Mas pera que o desejo acenda, e' dobre,  
 Lhe poem diante aquelle objecto raro.  
 Ia se sentem no Ceo, por toda a parte,  
 Cumes em Vulcano, Amor em Marte.

E mostrando no anelico semblante,  
 Co riso húa triõteza misturada,  
 Como dama que foi do uicente amante,  
 Em brincas amorosas mal trata la,  
 Que se a quecca, e' se ri, nem nesno in'flar,  
 E se torna entre algere maguada.  
 Desta arte a Deusa, a quem nemhũa iguala,  
 Mas mimosa que trize ao Padre fala.

D Sempre

Sempre te cuides, ò Paíre poderoso,  
 Que pera as cousas, que eu do peito amasse  
 Te achasse branda, affabil, e amorosa,  
 Passo que a algum contrario lhe passasse:  
 Mas pois que contra my te vejo yroso,  
 Sem que to merecesse, nem se arrasse.  
 Faz-se como Baco determina,  
 Affentarey em fim que soy moíosa.

Este passo que he meu, por quem derramo,  
 As lagrimas que em não caídas vejo,  
 Que affaz de mal lhe quero pois que o amo,  
 Sendo tu tanto contra meu desejo.  
 Por ella a ti rogando choro, e bramo,  
 E contra minha dita em fim peíjo.  
 Ora pois por que o amo he mal tratado,  
 Quero lhe querer mal, sera guardado.

Mas moure em fim nas mãos das brutas gentes,  
 Que pois eu soy, e nisto de mimosa  
 O roíto banha, em lagrimas ar dentes,  
 Como co arado fica a fresca roísa  
 Celada hum pouco, como se entre as dentes  
 Lhe impelira a falla pedrosa.  
 Torna a seguiria, e indo por diante,  
 Libe acalho o poderoso, e grão Torante.

E destas

E destas brandas mostras comovido,  
 Que mouerão de hum Tigre o peito duro,  
 Co vulto alegre, qual do Céo subido,  
 Ter na sereno e claro o ar escuro.  
 As lagrimas lhe alimpa, e acendido  
 Na saiz a beija, e abraça o colo puro.  
 De modo que dali, se se achára,  
 Outro nouo Cupido se gerára.

E co seu apertando o rosto amado,  
 Que os saluços, e lagrimas aumenta,  
 Como minimo de ama castigado,  
 Que quem no affago o choro lhe acrescenta,  
 Por lhe por em soffego o peito yrado,  
 Muitos casos futuros lhe apresenta.  
 Dos fados as entranhas resolutado,  
 Desta maneira em fim lhe está dizendo.

Formosa filha minha não temas  
 Perigo algum, nas veffas Lusitanos,  
 Nem que ninguém comigo possa mais,  
 Que estes choros albos soberanos  
 Que eu vos prometo filha que depois  
 El que creuse Gregos e Romanos,  
 Pelos illustres feitos que ella gente,  
 Ha de fazer nas partes do Oriente.

D 2 Que

Que se o facem lo Plisses escapou,  
 De ser na Ozigia Iba, eterno escravo:  
 E se Antenor os frios penetrou,  
 Iliricos, e a fonte de Timaro.  
 E se o piadozo Enecas navegou,  
 De Sula, e de Caribida o Mar branco.  
 O vossu mires cousas a'cruando,  
 Nauas in un las ao mundo ja'ão mostrando.

Fortalezas, Cidadades, e altas muralhas,  
 Por elles veréis filhas edificadas:  
 Os Turcos belacissimas e duros,  
 Dello sempre veréis desbaratados.  
 O Rei da India livres, e seguros,  
 Veréis ao Rei por teate sojuzgado.  
 E por elles de tudo em fim se hauea,  
 Serão da lar na terra leu malhaes.

Veréis este, que agora prefurioso,  
 Por tantos mechos o ludo vay buscando,  
 Tremor delle Neptuno de mechozo,  
 Sem vento suas aguas enri spando.  
 O caso nunca a'vista, e ni a'gosto  
 Que trema, e serua o Mar em calma e'fidal  
 O grute forte, e de altos pensamentos,  
 Que tambem d'ella b'ão outo os Elementos,  
 Veréis

Veréis a terra que a agora lbe tolhia,  
 Que inda ha de ser buon porto may decoste,  
 Em que vão desfazegar da longa via,  
 As naos que navegarem do Occidente.  
 Toda esta casta em fim, que agora veréis,  
 O mortifero engano, obediente,  
 Lbe pagará tributos, combecendo,  
 Não poder resistir ao Lazo horrendo.

E veréis o Mar roxo tam famoso,  
 E achar selbe amarello de infado:  
 Veréis de Ormuz o Reino poderoso,  
 Duas vezes tomado, e sojuzgado.  
 Ali veréis o Mouro furioso,  
 De suas mesmas feitas traspassado.  
 Que quem vay contra os vossos, clero veja,  
 Que se resiste, contra si pelega.

Veréis a inexpugnabil Dio forte,  
 Que douz cercos terá, dos vossos feudo:  
 Ali se mostrará seu prezo, e sorte,  
 Feitos de armas grandissimos saquedo.  
 Enuejoso veréis o grão Mouro,  
 Do porto Lusitano, sero e horrendo.  
 Do Mouro ali veréis que a voz extrema,  
 Do falso Mahamede ao Ceo blasfema.

Com veréis aos Muros ser tornada,  
 A qual virá depois a ser sebara,  
 De todo o Oriente, e subornada  
 Com triumphos da gente vencedora.  
 Ali soberba atina, e exalçada,  
 Ao Gentio que os Idolos adora.  
 Duro freio porá, e atada a terra,  
 Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

Veréis a fortaleza sustentarse,  
 De Caunite, com pouca força e gente:  
 E veréis Calceda desbaratar-se,  
 Cidade populosa, e tam potente.  
 E veréis em Cochim assualarse,  
 Tanto hum peito soberbo, e insolente,  
 Que Ustra a ja mais cantou victoria,  
 Que assi mereça eterno nome, e gloria.

Nunca com Marte, instruído e furioso,  
 Se no ferues Leuate, quando Augusto  
 Nas civis Alhas guerras animoso,  
 O Capitão venco Romano injusto,  
 Que dos povos de Aturra, e do famoso  
 Nilo, e do Baltra Scuto, e robusto,  
 A victoria trazia, e presa rica,  
 Preso da Egiptus luda e não pudica.

Como

Como veréis o mar servando arso,  
 Com incendios dos vossos pelegando,  
 Levando o Idololatra, e o Mouro preso,  
 De nações diferentes triumphando.  
 E fogista a rica Aarica Chesfotejo,  
 Ate o longico China navegando.  
 E as Ilhas mais remotas do Oriente,  
 Ser lbe a todo o Oceano obediante.

De modo filha minha, que de gesto,  
 Amostrario e serço mais que humano,  
 Que nunca se vera tam sorte peito,  
 Do Gangetico mar ao Gaditano,  
 Nem das Boreais ondas, ao Estreito,  
 Que mostrou o agüando Lusitano.  
 Posto que em todo o mundo, de affrontados  
 Resuscitassem todos os passados.

Como isto disse, manda o consagrado  
 Filho de Maia a terra, por que tenha,  
 Hum pacifico porto, e possessado,  
 Pera onde sem receyo a frota venha:  
 E pera que em Mombaça, aventurado  
 O forte Capitão se não detenha,  
 Lbe munda mais, que em sonhos lbe mostrasse  
 A terra, onde queto reponhasse.

D 4 14

La pelo ar o Cyleneo trouxa,  
 Com as afas nos pés da terra dege,  
 Sua vara fatal na mão leuana,  
 Com que os olhos cansados adormece:  
 Com esta, as tristes almas renouana,  
 Do inferno, e o vento lhe obedece.  
 Na cabeça o galero costumado,  
 E desta arte a Melinde foy chegado.

Confiço a Fama deus, por que dege,  
 Do Lusitano, o preço grande, e raro,  
 Que o nome illustre a bñ certo amor obriga,  
 E faz a quem o tem, amado e caro.  
 Desta arte vay fazendo a gente amiga,  
 Co rumor famosissimo, e perclara.  
 La Melinde em despois ar de todo,  
 De ver da gente forte o gesto, e modo.

Dali pera Mombaca logo parte,  
 Avante as naos estauão temerosas,  
 Pera que as gente manda que se aparte,  
 Da barra amiga, e terras sospeitosas.  
 Por que muy pouco vale esforço, e arte,  
 Contra infernaes vontades euganasas.  
 Pouco dal ueração, astucia, e siso,  
 Se la dos Ceos nem veyr celeste auiso.

Mezo

Mezo caminho a noite tinha andado,  
 E as Estrellas no Ceo co a luz albris,  
 Tinhão o largo Mundo abomado,  
 E so os sono a gente se recreia.  
 O Capião illustre, ja cansado,  
 De vigiar a noite, que arreticia,  
 Breue repouso autam aos olhos dava,  
 A outra gente a quartas vigiaua.

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,  
 Dizendo, fuge, fuge Lusitano,  
 Da cilada que o Rei maluado tece,  
 Por te trazer as suas, e extremos dono,  
 Fuge, que o Vento, e o Ceo te fauorece,  
 Serca o tempo teu, e o Oceano,  
 E outro Rei meu amigo, noutra parte,  
 Onde podis seguro agasalhar te.

Não teus aqui se não aparelhado,  
 O hospicio que o tra Diuine des deus,  
 Fazendo ser manjar acostumado,  
 De cavallos a gente que hospedaus:  
 As aras de Bazaris infamado,  
 Onde os hospedes trilles indolens,  
 Terão certas aqui, se muito esperas,  
 Fuge das gentes perfidas e seras.

Vente

Vente ao largo da costa discorrendo,  
 E outra terra acharias de mais verdade  
 La quasi junto donde o Sol arde,  
 Iguala o dia, e o noite em quantidade:  
 Ali tua fruta alegre recebendo  
 Hum Rei, com muitas obras de amizade,  
 Casalhado seguro te daria,  
 E pera a India certa e sabia guia.

Illo Mercurio disse, e o fano leua  
 Ao Capitão, que com muy grande espanto  
 Acorda, e se ferida a escura terra,  
 De hũa subita luz, e raios sanctos:  
 E vendo claro quanto lhe releva,  
 Não se deter na terra iniqua tanta.  
 Cam nouo sprito ao Melchir seu mandava,  
 Que as velhas disse ao vento que assoprava.

Day vellos disse, day ao largo vento,  
 Que o Ceo nos favorece, e Deus o manda,  
 Que hum mensageiro vi do claro affento  
 Que so em favor de nossas passas anda:  
 Alucantase nisto o monumento,  
 Dos marinheiros, de hũa e de outra banda,  
 Levão gritando as ancoras acima,  
 Mostrando a rada força, que se estima.  
 Nesse

Neste tempo, que as ancoras branzão,  
 Na sombra escura os Mouroz escondidos,  
 Mansamente as amarras lhe cortarão,  
 Por serem, dando as costas, destruydas:  
 Mas com vista de Lincoz vigiãto,  
 Os Portuguezes sempre apercebidos.  
 Elles como acordados os sentirão,  
 Voando, e não remando lhe seguirão.

Mas ja as agulhas proras apartando,  
 Hão as vias buvidas de argenteo,  
 Assopralle galernas o vento, e brando,  
 Com suave e segura movimento,  
 Nos perigos passados não falando,  
 Que mal se perderão do pensamento,  
 Os casos e as leis, donde em tanto aperto  
 A vida em jaulo escapa por acerto.

Tinha hũa volta dado o Sol ar deute,  
 E noutra começava, quando virão  
 Ao longo dos navios, brandamente  
 Cas ventos navegando, que respirão,  
 Por que auido de ser da Mansa gente,  
 Pera elles arribando, as velhas virão.  
 Hum de temor do mal que arrecaua,  
 Por se salvar a gente as coilhas dava.  
 Não

Não he o outro que fica tão mandoso:  
 Mas nas mãos vay cair do Lusitano,  
 Sem o rigor de Marte furioso,  
 E sem a furia borrenda de Vespiano,  
 Que como fosse debil e meandro,  
 Da ponta gente o fraco peito humano:  
 Não teve resistencia, e se a tivira,  
 Mais não resistindo receberia.

E como o Gama muito desejasse,  
 Piloto pera a India que buscava,  
 Cuidan que entre estas Moças o tomasse:  
 Mas não lhe foy dado como cuidava,  
 Que nemham delle ha que lhe infusasse  
 A que parte dos Cens a India estava.  
 Porém dizem lhe todas, que tem perto,  
 Melinda onde achirão Piloto certo.

Loução do Rei os Moços a bondade,  
 Condição liberal, suavel peito,  
 Magnificencia grande, e humanidade,  
 Com partes de grandissimo respeito.  
 O Capitão o affella por verdade,  
 Porque ja lho dissera deste gente,  
 O Cyclops em juro, e partia,  
 Pera onde o juro, e o Moço lhe dizia,

Era

Era no tempo alegre quando entrava,  
 No roubador de Europa a luz fobea,  
 Quasi li bem, e o outro como lhe aquetava  
 E Flora de rramano o de Analeba:  
 A me noria do la reuouava,  
 O presuroso Sol, que o Ceo ralea.  
 E n que aquelle, a quem tu lo estis foyto,  
 O jello por a quanto timba foyto.

Quasi li cheyans a frota aquelle parte,  
 Onde o Reino Moçalte ja se via,  
 De tollas a tornada, e leda de arte  
 Que bem mostra estimar o Sancto dia:  
 Trem a Bandeira, vos o Estandarte,  
 A cor purpura ao longe appareia.  
 So to os atambores e pandeiros,  
 E assi entrãõ le do e guerreiros.

Enche se to la a praya Melindosa,  
 Da gente que vem ver a leda armada,  
 Gente mais ver dadeira, e mais humana  
 Que toda a douta terra atras deixada.  
 Surge diante a frota Lusitana,  
 Pera no fidalgo a ancorada.  
 Mas não fora bem dos Moços q tomãõ,  
 Por quem sua vida ao Rei man foyto.

O Rei

O Rei que ja sabia da nobreza  
 que tanto os Portuguezes engrandecia,  
 Tomar-lhe o seu porto tanto prezava,  
 Quanto a gente fortissima merecia:  
 E com verdadeiro animo, e pureza,  
 Que os peitos generosos encubrecia.  
 Lhe manda rogar muyto que fasssem,  
 Pera que de seus Reinos se fasssem.

Sem offerecimentos verdadeiros,  
 E palavras sucras, não dobradas,  
 As que o Rei manda aos nobres cavalleiros,  
 Que tanto mar e terras tem possadar:  
 Mandalhe mais lavizeros, carneiros,  
 E galinhas domesticas e guadas,  
 Com as fructas que antam na terra auia,  
 E a vontade as dadas excedia.

Recebe o Capitão alegremente  
 O mensageiro ledo, e seu recado,  
 E logo manda ao Rei outro presente,  
 Que de longe trazia aparelhado:  
 Escarlata purpura, cor ardente,  
 O ramo de cor al fivo, e prezado.  
 Que debaxo das aguas milie crece,  
 E como he fora dellas se endurece.

E manda

Manda mais huma mto pratica eleg ante,  
 Que ao Rei sobre as pazas concertasse,  
 E que de não sair naquelle instante,  
 De suas unhas em terra o desculpasse.  
 Partido affi o combacalor prestasse,  
 Como na terra ao Rei se apresentasse  
 Com effilio que Pelas lhe escurasse,  
 E lha palavras tai fallar lo orasse.

73

Sublime Rei, a quem do Olimpo puro,  
 Foy da summa luthica concedido,  
 Respear o soberbo peao duro,  
 Não utrasu delle amado, que temido,  
 Como porto muy forte, e muy seguro,  
 De todo o Oriente cuberido:  
 Te vimos a buscar, pera que artemos  
 Em ti o remedio certo que queremos.

84

Não fomos roubadores, que passando  
 Pelas fracos cidades de froudasas,  
 A ferro, e a fogo, as gentes não matando,  
 Por roubar-lhe as fazendas cubidasas:  
 Mas da soberba Europa navegando,  
 Hemos buscando as terras apartadas  
 Da lada grande, e rica, por mandado  
 De haer Rei que temos, alto, e sublimado.

Que



Que criação tem dura abri de gente!  
 Que has barto costume, e vsança fez,  
 Que não vedas os portos, tam fechados:  
 Mas inda o hospicio da deserta areal  
 Que ma tempo! que peito em nos se sentel  
 Que de tam pouca gente se arrieta.  
 Que o em laços armados tem fingidos,  
 Nos ardentem vernos destruydes!

Ma: tu, em quem muy certo confiamos  
 Acharse mais verdade, o Rei benigno,  
 E aquella certa ajuda em ti esperamos,  
 Que teue o perdido lraço em Akmos:  
 A teu porto seguros navegamos,  
 Conduzidos do interprete diuino.  
 Que pou a ti nos manda, e sã muy clara,  
 Que es de peito fucô o, humano, e raro.

E não ceydes, o Rei, que não saisse,  
 O nosso Captao esclarecido  
 Aberte, ou a seruire, por que visse  
 Ou sospeiasse em ti peito fingido:  
 Mas saberas que o fez por que comprisse,  
 O regimento em tudo obedecido,  
 De seu Rei, que lhe manda que nam saia,  
 Dixando a freta em seu porto, ou praia.  
 E por que

E por que he de vassallos, o extraneo,  
 Que os membros tem regidos da cabeça  
 Não quer tras, pois tês de Rei o officio,  
 Que maguem a seu Rei de sobedrya:  
 Mas as merces, e o grande beneficio,  
 Que era a achas em ti, promete que cabeça  
 Em tudo aquillo que elle e as seus poderem,  
 Em quanto os rios pera o mar correrem.

Assi dizia, e todos juntamente,  
 Hã com outros em pratica fallando,  
 Louvando muito o eslamago da gente,  
 Que tantos Ceos e mares vai passando,  
 E o Rei illustre, o peito obediente,  
 Dos Portugueses, na alma imaginando.  
 Tinha por valor grande, e muy sabido,  
 O do Rei que he tam longe obedecido.

E com risomba vista, e ledo aspecto,  
 Responde ao Embaixador, que tanto estimã  
 Toda a sospeita mã tiray do peito,  
 Nenhum frio temar em vos se imprimã  
 Que vosso prezo, e obras sam de peito,  
 Pera vos ter o mundo em muyta estima.  
 E quem vos fez mol eito tratamento,  
 Não pode ter sabido perjuro.

De não sair em terra toda a gente,  
 Por observar a usada premissão,  
 Ainda que me pese estranhamente,  
 Em muito tempo a muita obediência;  
 Mas se llo o regimento não consente,  
 Nem eu consentirey que a excelsão,  
 De peitos tão leais em si desfoja,  
 So por que a minha desejo satisfaza.

R.R.

Porem como a luz crelta nos chegou,  
 Ao mundo ser, em nimbos abalhar,  
 Eu jrey visitar a forte armada,  
 Que por tanto desejo, ha tantos dias,  
 E se vier domar de barata,  
 Do furioso vento, e longas vias,  
 Aqui terra, de longos pensamentos,  
 Piloto, mananças, e mantimentos.

R.R.

Illo disse, e nos egos se escanzia,  
 O fillo de Latona, e o mensageiro,  
 (ou embaixada alegre se partia,  
 Para a frota, no seu batel leggero,  
 Enchem se os peitos todos de alegria,  
 Por terem o remedio verdadeiro,  
 Para acharem a terra que buscaão,  
 E assi ledos a noite festejaão.

Não

Não saltão ali os raios de arteificio,  
 Os tremulos Cometas imitando,  
 Fazem os Bombardeiros seu officio:  
 O coo, a terra, e as ondas atroando,  
 Mostrafe dos Cyclopas o exercicio,  
 Nas bombas que de fogo ellão queimando,  
 Outras com vazas, com que o Ceu ferião,  
 Instrumentos abissonos tanzião.

Respondem llo da terra juntamente,  
 Co raios voltando, com zomido,  
 Anda em giros no ar a roda ardente,  
 Elloura o po sulfureo escondido:  
 A grita se aluanta ao coo, da gente,  
 O Mar se via em fogos acendido:  
 E não menos a terra, e asu festeja  
 Hum ao outro a manira de peiza.

Mas ja o coo inquieto reuoluendo,  
 As gentes incitans a seu trabalho,  
 E ja a mãe de Memon a luz trazendo,  
 Ao sono longo pomba certo atalho:  
 Hão se as sombras lentas desfazendo,  
 Sobre as flores da terra, em frio orvalho,  
 Quando o Rei Miliandano se embarcau  
 A ver a frota que no mar ellaua.

E 2

Vião se

Vão se em derredor feruer as prayas  
Da gente, que a ver se conuar se leda,  
Luzem de fins purpura as cabaias,  
Lustroão os paus de tecido seda:  
Em bezar de guerras azagaias,  
E do arco, que os cornos arremeda  
Da Lã, trazem ramos de Palmeira,  
Do que veu em curua verdadeira.

Hum batel grande e longo, que toldado  
Viua de sedas de diversas cores,  
Traz o Rei de Melinde, acompanhado  
De uobres de seu Reino, e de senhores:  
Vem de ricas vestidas adornado,  
Segundo seus costumes, e primores.  
Na cabeça hãa feta guarnecida,  
De ouro, e de seda, e de algodão tecida.

Cabays de Damasco rico, e fino,  
Da Tíria cor, entre elles esfumado,  
Hum colar ao pescoço de ouro fino,  
Onde a materia da obra he superada,  
Com resplandar reluz Adamantino,  
Na cinta, a rica alaga bem laurada.  
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,  
Cobrem, ouro e alfaxar ao relido.

Com

Com hum redondo tempo alto de seda,  
Nãa alta e dourada alfexa encerido,  
Hum ministro ao solar queratura veida,  
Que não offenda e querime o Rei subido:  
Musica traz na proa, estranhas e lida,  
De aspero som, horrifono ao ouvido:  
De trombetas arcadas em redondo,  
Que sem concerto fazem ruído estrondo.

Não menos guarnecido o Lusitano,  
Nos seus batris da frota se partia,  
A receber no mar o Melindano,  
Com lustrosa e bovrada companhia:  
Vestido o Gama vem ao modo Hispano:  
Mas Francaza era a roupa que vestia,  
De cetim da Asiatica Venozza,  
Caruasi, cor que a gente tanto preza.

De botões douro as mangas vem tomadas,  
Onde o Sol reluzindo a reflectezza:  
As calças faldabescas ricamadas,  
Do metal que Fortuna a tantos arza,  
E com puntas do mesmo delicadas,  
Os golpes do gibão aponta, e abezza:  
Ao litalico modo a aurea espada,  
Prima na gorra, hum pouco delibrada.

E 3 Not

Nos de sus compauias se mostraua,  
 Da terra que d'io Múrice exultaua,  
 A varia cor, que os olhos alegrava,  
 E a maneira do trajo diferente:  
 Tal o fermoso esmalte se notaua,  
 Dos vestidos alçados juntamente:  
 Qual aparte o arco rutilante,  
 Da bella Nympha filha de Thaumante.

Sonorosas trombetas incitauão,  
 Os animos alegres ressoando,  
 Dos Mouros os bates o Mar coalhando,  
 Os toldos pelas aguas arrojando:  
 As bombas das horriffimas bramando,  
 Com as nuas de fumo o Sol tomando,  
 Acredita se os brados acendidos,  
 Tapão com as mãos os Mouros os ouvidos.

La no batel entrou do Capitão

O Rei, que nos seus braços o bñuma,  
 Elle com cortesia, que a razão  
 (Por ser Rei) requeria, lhe fallaua.  
 Cias mostras de espanto, e admiração,  
 O Mouro o gesto, e o modo lhe notaua,  
 Como quem em muy grande effluua tinhã,  
 Coute que de tam longe a India tinhã.

E com

E com grandes palavras lhe offerreç,  
 Tudo o que de seus Reinos lhe comprisse,  
 E que se mantimento lhe fallasse,  
 Como se proprio fuisse lhe pedisse:  
 Diz lhe mais, que por fama bem conheçe  
 A gente Lusitana, sem que a visse.  
 Que ja ouuio dizer, que contra terra  
 Com gente de sua ley tuuesse guerra.

E como por toda Affrica se foz,  
 Lhe diz, as grandes feitos que fizeraõ,  
 Quando nella garbarão a coroa  
 Do Reino, onde as Hesperidas viuerão:  
 E com muitas palavras apregoa,  
 O meoas que os de Luso merecerão:  
 E o mais que pela fama o Rei sabia:  
 Mas desta sorte o Gama respondia.

O tu que so tinhe piedade,  
 Rei benigno, da gente Lusitana,  
 Que com tanta miseria, e adversidade,  
 Dos mares experimenta a furia insana:  
 Aquella alta, e diuina eternidade,  
 Que o (to renouar, e rege a gente humana)  
 Pois que de ti tais obras requebramos,  
 Te pagae o que nos outros não podemos.

E 4 Tãse

Tu so de todos quantos quema Apolo,  
 Nas recebes em paz do Mar profundo  
 Em ti, das ventos borridos de Eolo,  
 Refugio achamos bom, fido, e jocundo  
 Em quanto apacantar o largo Polo,  
 As Estrellas, e o Sol des lume ao Mundo,  
 Onde quer que eu viver, com fama e gloria,  
 Visarão teus louvores em memoria.

Mas dizendo, os barcos não remando,  
 Pesa a frota, que o Mouro ver deseja,  
 Vão as naos, bñs e bñs rodando,  
 Porque de todas tudo vira e veja:  
 Mas pera o Ceo Vulcano fuzilando,  
 A frota co as bombardas o festeja,  
 E as trombetas timoras lhe tolgão,  
 Co anafis os Mouros respondão.

Mas depois de ser tudo ja notado,  
 Do generoso Mouro, que pasmoso,  
 Oquido o instrumento inusitado,  
 Que tambem terreo em si mostraus,  
 Mandam a eillar quieto, e ancorado,  
 Nega o batel ligero que as leuama,  
 Por fallar de vagar co forte Gama,  
 Nas cousas de que tem noticia, e fama.

Em

Em praticas o Mouro diferentes,  
 Se delibata, perguntando agora,  
 Pelas guerras famosas e excellentes,  
 Co pouo auidas, que a Masama adora:  
 Agora lhe pergunta pelas gentes  
 De toda a Hispania ultima, onde mora:  
 Agora pelas pouos seus vizinhos,  
 Agora pelas humidos caminhos.

Mas antes valeroso Capitão,  
 Nos conta, lhe diz, diligente,  
 Da terra tua o clima, e região  
 Do Mundo onde moras distintamente,  
 E asu de vossa antiga geração,  
 E o principio do Reino tam potente:  
 Co successos das guerras do comço,  
 Que sem sabellas, sey que sam de preço.

E asu tambem vos conta dos roteiros  
 Louros, em que te traz o Mar yrado,  
 Vendo acostumes barbaros alieios,  
 Que a nossa Africa ruda tem criado  
 Conta, que agora vem cois aureas freios,  
 Os canellos que o carro marchetado,  
 Do novo Sol, da fria Aurora trazem,  
 O Vento doror, o Mar e as ondas jazem.

Enão

E não menos co tempo se pareça,  
 O desejo de contarte o que contares,  
 Que quem há, que por fama não contosez  
 As obras Portuguezas singulares:  
 Não tanto de fúido esplandosez,  
 De nos o claro Sol, pera julgares.  
 Que es Melindanos tem taurado feito,  
 Que não effinem mais o buon grande feito.

Cometterão soberbes os Gigantes,  
 Com guerra não, o olimpo claro, e puro,  
 Teuza Peribis, e Thesten, de ignorantes,  
 O Reino de Placido herrendo e esuro,  
 Se ouze feitos no mundo tam possantes,  
 Não menos he trabalho ilustre, e duro,  
 Quanto fui cometer inferno, e co.  
 Que outros cometa a furia de Nerco.

Quem o sagrado templo de Diana,  
 Do fúido Tefifonio fabricado,  
 Horoscivato por ser da gente humana  
 Conhecido no mundo, e nomeado:  
 Se tambem com tais obras nos ergans,  
 O desejo de buon nome aventajado.  
 Mais razão ha que queira eterna gloria  
 Quem faz obras tam dignas de memoria.  
 Fin.

## Canto Terceiro.



Gora tu Caliope

me ensina,  
 O que contas ao Rei, o illustre  
 Gome.

Inspira immortal canto, e voz divina,  
 Ne te peito mortal, que tanto te ama.  
 Assim o claro inventor da Medicina,  
 De que a Orpheo pariste, o linda Dama:  
 Nunca por Daphne, Chere, ou Lencobis  
 Te negou o Amor diuido, como soe.

Porem tu Ninfa em effeito meu desejo,  
 Como mece a gente Lásfiana,  
 Que veja e saiba o mundo que do Tejo  
 O leor de Aganipe corre e mara,  
 Deixa as fôrta de Pindo, que ja de ja  
 Banharne Apolo na agua soberana.  
 Senão dize, que és algum reccio,  
 Que se esmoreça o teu querido Orpheo:

Prompta

Promptas estavas todas escutando,  
 O que o sublime Ornao contaria  
 Quando, depois de buon pouco estar cuidada,  
 Allevantando o rosto, así dizia:  
 Mandas-me, o Rei, que conte de lar ande,  
 De minha gente a grão generalizia:  
 Não me manda contar esta minha historia:  
 Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

Que entreem possa louvar esforço alheio,  
 Cansa he que se costuma, e se deseja:  
 Mas louvar os meus proprios, arteio,  
 Que louvar tão fo-prito mal me esteja,  
 E por a dizer tudo, temo e orrio,  
 Que qualquer longo tempo curto seja:  
 Mas pois o mandas, tudo se te deve,  
 Irei contra o que deus, e ferry breue:

Alem disso, p. que a tudo em fim me obriga,  
 He não poder mentir no que disser,  
 Porque de feitos tais, por mais que diga,  
 Mais me ha de ficar inda por dizer.  
 Mas por que nullo a ordem leue e seja,  
 Segundo o que desejás de saber,  
 Primeiro tratarey da larga terra,  
 Depois d'aty da sangüinosa guerra.

Entre

Entre a Zuar que o Centro febahora,  
 Mota Septentrional do Sol inzente,  
 E aquella, que por fria se arretica  
 Tanto, como a do uerys por ardente,  
 Iaz a saberha Europa, a quem rodea,  
 Pela parte do Arcturo, e do Occident:  
 Com suas falsas ondas o Oceano,  
 E pela Austral, o Mar de Inditerraõ.

Da parte donde o dia vem nascendo,  
 Com Asia se auizinha: mas o Rio  
 Que dos montes Rysios muy corrido,  
 Na algua Meotis, curuo e frio  
 Ar diuidir: e o Mar, que fero e barruido  
 Vio dos Gregos o yralo febahor:  
 Onde mora de Troia triunfante,  
 Não vê mais que a memoria o navegante.

La onde mais debaxo estã do Polo,  
 Os montes Hyperboreos aparecem,  
 E aquelle onde sempre sopra Eolo,  
 E co nome do sopros, se enuabreica,  
 Aqui tam pouco foy a ten de Apolo,  
 Os rayos que no mundo resplandecem.  
 Que a norte estã continuo pelos montes,  
 Gelado o mar, gelado sempre as fontes,

Aqui

Aqui dos Cytae, grande quantidade  
 Vindas, que antigamente grande guerra  
 Tiverão, sobre a humana antiguidade,  
 Com que tinham acção a Egypcia terra:  
 Mas quem tão fora tiliana da verdade,  
 (La que o juizo humano tanto erra.)  
 Pera que do mais certo si informára,  
 Ao tempo Damocritus o perguntára.

Agora nestas partes se nomea,  
 A Lapia fria, a inculta Noruega,  
 Escandinavia liba, que se arvea,  
 Das victorias que tinha não lhe nega  
 Aqui, em quanto as agoas não refree,  
 O congelado inverno se nega.  
 Hum braço do Sarmatico Oceano,  
 Pelo Brusio, Saticis, e frio Danu.

Entre este Mar, e o Tanaís vive estranha  
 Gente, Racheus, Mosca, e Linnion,  
 Sarmatas outro tempo, e na montanha  
 Hircinia, os Marcomannos sem Polonia  
 Sogditas ao Imperio de Alemanha,  
 Sam Sarmata, Boemios, e Pannonios,  
 E outras varias nações, que o Reno frio  
 Lana, e o Danubio, Amiso, e Albi Rio.

Entre

Entre o remoto Istra, e o claro esfirrito,  
 Aude Hele deixam, co nome, a vida,  
 Estão os Traces de robusto peito,  
 Da fero Maris, patriam querida,  
 Onde os Helios, o Rodope segredo  
 Ao Otomanella, que soustida,  
 Bizancistom a seu serviço indico,  
 Boa injuria do grande Costantino.

Logo de Macedonia estão as gentes,  
 A quem laus do Acio a agoas frias  
 E vos tambem, o terras excellentes,  
 Nos costumes, engendos, e enfadas,  
 Que criastes os peitos eloquentes,  
 E os jaços de alta fantasia:  
 Com quem ta clara Grecia o Ceo penetras,  
 E não meias por armas, que por letras.

Logo as Dalmatas vident, e no scio,  
 Onde Antenor ja urros levantou,  
 A saberba Venz e esta no meio  
 Das agoas, que tam baixa comeyta  
 Da terra, hum braço vem ao mar, que cedeio  
 De espora, nações varias segitou,  
 Braço forte, de gente sublimada,  
 Não meias nos engendos que na espada.

Em turno



Em toras o cerco o Reino Neptunino,  
 Com muros naturais, por outra parte,  
 Pelo mar o diado o Apolônio,  
 Que tam dilata fez o patrio Marte:  
 Mas depois que o porteiro tem druzo,  
 Perdeu o esforço veio, e bellica arte:  
 Pobre está ja de antiga possessão,  
 Tanto Deus se contenta de humildade.

Gaba ali se verá que nomeada,  
 Com Cesares Triunfos sey no mundo,  
 Que do Sepónia, e Ródano he regada,  
 E do Gariens foz, e Reno fozido:  
 Logo os montes da Nimphe sepultada  
 Pyrene se alimentão, que seyzando  
 Antiquidades contão, quando ardeão,  
 Rios de ouro, e de prata antão corrião.

Eis aqui se desfolha a nobre Espanha,  
 Como cabeça ali de Europa toda,  
 Em capo sehorio e gloria estriba,  
 Muitas vulturas tem dahi a fatal roda:  
 Dahi nunca poderá, com força, ou manha,  
 A fortuna inquietar por lhe vada:  
 Que lhe não tuc o esforço e castalia,  
 Das belicofas pestes, que em si cria.

Com

Com Tingitania entesta, e ali partec  
 Que quer fechar o mar Mediterraneo,  
 Onde o sabido Cilicio se enuoltece,  
 Co extremo trabalho do Tibarone:  
 Com nações diferentes se erga andec,  
 Cercadas com as ondas do Oceano.  
 Todas de tal nobreza, e tal valor,  
 Que qualquer della cuida que he milhor.

Tem o Tarraçone, que se fez claro,  
 Suptando Partimpe inquieto,  
 O Navarra, as Asturias, que repara  
 Li farão, contra a gente Mahometa,  
 Tem o Gallega casto, e o grande e raro  
 Castellano, a quem fez o seu Placeta,  
 Restituidor de Espanha, e senhor della,  
 Betbu, Lião, Granada, com Castella.

Eis aqui quasi come da cabeça,  
 De Europa toda, o Reino Lusitano,  
 Onde a Terra se acaba, e o Mar começa,  
 E onde Febo repousa no Oceano:  
 Este quiz o Ceo justo, que florece  
 Nas armas, contra o torpe Mauritano,  
 Druendo a de si fora, e la no ardeute  
 Africa estar quinto o nam consente.

F Esta he

Esta he a ditosa patria minha amada,  
 As qual se o Céo me dá, que eu sem perigo  
 Terei, com esta empresa já acabada,  
 Acabe-se esta luz ali conego.  
 Esta say Lusitania dividida,  
 De Luso, ou Lyza: que de Bicho antigo,  
 Filhos são não pareça, ou companheiros,  
 E nella antes se hucolas primitivos.

Desta o Pastor nascido, que no seu nome  
 Se ve, que de bomem sorte os filhos tem,  
 Cujas fama, ninguem virá que domo,  
 Pois a grande de Roma não se atreua:  
 Esta, o velho que os filhos proprios come,  
 Por decreto do, Céo lyzeiro, e leue,  
 Veja a fazer no mundo tanta parte,  
 Quando a Reino illustre, e foi desta arte.

Hum Rei, por nome Affonso, say na Espanha,  
 Que fez aos Sarracenos tanta guerra,  
 Que por armas sanguias, forja e marcha  
 A muitos fez perder a vida, e a terra.  
 Quando deste Rei a fama estranha,  
 Do Herodiano Calpe as Caspia terra,  
 Maitas, pera na guerra esclarcerse,  
 Vindão a elle, e as morte offerterse.  
 E com

E com hum amor intrinseco acendidos  
 Da Fé, mais que das banas populares,  
 Erão de varias terras conduzidos,  
 Deixando a patria amada, e proprias lortas  
 Depois que em feitos altos se subidos.  
 Se mostraram nas armas singulares.  
 Quis o famoso Affonso, que obras tais,  
 Leuasse premio digno, e d'ões iguais.

Destes Acrique dizem que se guado,  
 Filho de hum Rei de Vignia experimentado,  
 Portugal ouue em sorte, que no Mundo  
 Entam não era illustre, nem pretzada:  
 E pera mais final d'aver profundo,  
 Quis o Rei Castelhano, que casado,  
 Com Tereza sua filha o Cande fosse,  
 E conella das terras tomou posse.

Este depois que contra os descendentes,  
 Da Africana Azar, vidorias grandes teve,  
 Cambando muitas terras adjacentes,  
 Fazendo o que a seu sorte peito deu.  
 Em premio d'elles feitos excellentes,  
 Deulhe o supremo Deus, em tempo breue,  
 Hum filho, que illustrasse a nome d'auo  
 Do belicoso Reino Lusitano.

La tinha vindo Arique da conquista,  
 Da cidade Hyeropolima sagrada,  
 E do bordão a arca tinha vinda,  
 Que via de Deus a carne em si lavada,  
 Que não teulo G. Alfredo a quem resistia,  
 Depois de ter ludea sajejada.  
 Muitas que nell' o guerreio o ajudião,  
 Para fero seuborin se tornião.

Quando chegado ao fim de sua idade,  
 O fuste do famoso Vizero cileonado,  
 Forçado da fatal necessidade,  
 O espirito deu, a quem llo tinha dada:  
 Ficava o filho em terra moicada,  
 Em quem o pay deixava seu traslado:  
 Que do Mundo as mais partes igualava,  
 Que de tal pay tal filho se esperava.

Mas o velho rumor, não sey se errado,  
 Que em tanta antiguidade não ha certeza,  
 Conta que a mãe tomando todo o estado  
 Do feyante Hyeruro, não se desprezou  
 O filho orfão deixava deserdado,  
 Dizendo que nas terras, a grandeza  
 Do seuborin todo, se sua era,  
 Porque para casar seu pay llo deu.

Mas

Mas o Príncipe Affonso, que desta arte  
 Se chamava, do Avô tomando o nome,  
 Vendo-se em suas terras não ter parte,  
 Que a mãe com seu marido as maldades e parte,  
 Ferendo llo ao peito o duro Marte,  
 Imagina consigo como se tomte.  
 Resolvidas as causas no concerto,  
 Ao propósito firmes sege o effeito.

De Cuimarão o campo se tingia,  
 Co sangue proprio da intellina guerra,  
 Onde a mãe que tam pouco o portava,  
 A seu filho negava o amor e a terra,  
 Co elle posta em campo se se via,  
 E não se a saberba, o venito que erra.  
 Contra Deus, contra o maternal amor:  
 Mas nella o sequal era maior.

O Progre truz, a meoica Morda,  
 Se em vossas proprias filhas vos vingais  
 Da maldade dos pais, da culpa alheia,  
 Olhay que vinda Teresa peza mais  
 Inconstancia tua, cubra fea,  
 São as causas de lte erro principais.  
 Solta por hũa mata o velho pay,  
 Esta por ambas, contra o filho vay.

F. 3

Mas

Mas ja o Principe clara, o vençinturo,  
Do patrão e da mãe m'ly truaana,  
La lhe obedece a terra num momento,  
Que primeiro contra elle peijou.  
Porque venço lo de bra e entalimento,  
A m'ly em ferros asperos atava  
Mas de Deus fui vingado em tempo breue,  
Tanta venção ao pais se deve.

Em se ajunta o soberbo Castelhano,  
Pera vingar a injuria de Tereza,  
Contra o tan raro em gente Lusitano,  
A quem acubaja trabalho agrava, por pezar  
Em batalha cruel, o peito humano,  
Ajudado da Angelica de feza.  
Nin se contra tal furia se sustenta:  
Mas o inimigo asperissimo offugenta.

Não passa muito tempo, quando o forte  
Principe, em Guimarães esta cercado,  
De infinito poder, que desfa forte,  
Foy refazerse o inimigo meçoado.  
Mas com se offerrecer aa dura morte,  
O fiel Egas amo, foy barado.  
Que de outra arte pudera ser perdido,  
Segundo cistava mal apercebido.

Mas

Mas o leal vassallo combecando,  
Que seu feitor não tinha resistencia,  
Se tray ao Castelhano, prometendo,  
Que elle faria dar lhe obediencia.  
Levanta o inimigo o cerco baricando,  
Fialdo na promessa, e confidencia  
De Egas mouiz, mas não consente o peito  
Do meçoallastre, a outrem ser jogada.

Chegado tinha a prazo prometido,  
Em que o Rei Castelhano ja aguardava,  
Que o Principe a seu mando sometido,  
Lhe desse a obediencia que esperava.  
Vendo Egas, que ficava fementido,  
O que de lhe Castella não cogdava,  
Determina de dar a dize vida,  
A troco da palavra mal cumprida.

E com seus filhos e mulher se parte,  
A alenar co elle a fôrça,  
Desalço, e despidos, de tal arte,  
Que mais vout a piedade que a vingança.  
Se peccando Rei alto de vangarte,  
De mucha temeraria confiança,  
Dizja, eu aqui venho offerrecido,  
A te pagar co a vida o prometido.

F 4 V 6

Ves aqui trago as viduas innocentes,  
 Das filhas sem peccado, e da conforto,  
 Se a peccas generoso, e exultantes,  
 De se uem satisfaz a fira morte.  
 Ves aqui as mães, e a lingua delinqüentes,  
 Nellas foi experimenta, toda parte  
 De se encurta, de morte, pelo effeito  
 De Seims, e do touro de Perilla.

Qual dante do algar e condemnado,  
 Que ja na vida a morte tem bebido,  
 Por um do copo a garganta e ja entregado,  
 Espera pelo golpe com temido.  
 Tal dante do Principe indaado,  
 E ja estava a tudo offerecido:  
 Mas o Rei vendo a effraza, e a lida,  
 Mais po. le em fim que a leza Proclama.

O grão fidelidade Portuguesa,  
 De vassallo, que a tanto se obriga,  
 Que mais o Perfa fez naquelle empresa,  
 Ou se casta e a varizes se cartana,  
 De que a grande Dario tanto pesa,  
 Que mal se fez de sendo suspirana,  
 Que mais o seu Zopiro faz proclama,  
 Que mais Babilonia que a tuma.

Mas

Mas ja o Principe Affonso appareta,  
 O Lusitano exorcato deofo,  
 Contra o Mouro que as terras habitans,  
 Dalem do Loro Tempo delectofo:  
 Ia no campo de Oariput se offentans,  
 O arraiual soberbo, e belicofo  
 Defronte do inimigo Sarraceno,  
 Passo que em furça, e gente ta o proferem.

Em urubia contra conf. e confuso,  
 Serão no summo Deos, que o Ceo regia,  
 Que tam pouco era o prao bantizado,  
 Que peccabam se sem Mouras aueria.  
 Julga qualquer peccado seffezado,  
 Por mais temeridade que offalia,  
 Cometer havi tamado ajustamento,  
 Que peccabam caudilho e ouffe cento.

Como Reis Mouras sem os inimigos,  
 Dos queros o principal honar se boma,  
 Todos experimentado nos perigos  
 Da guerra, onde se alcaça a illiofo foma:  
 Seguem guerreiros Deos e seus amigos,  
 Iutando a firmosa e forte Dama,  
 De que a tanto a Troyana se aquilisa,  
 E as que a Troia dante se offentisa.

A malicia

A matutina luz serena, e fria,  
As Estrellas do Pollo ja apartava,  
Quando na Cruz o Filho de Maria,  
Amostrando se a Affonso o animava.  
Elle adorando quem lhe apparecia,  
Na Fie todo inflamado assim gritava.  
Ao inferno Scobar, aos inferos,  
E não a my que creio e que pudeis.

Com tal vallyre, os animos da gente  
Portuguesa, inflamados brantando,  
Por seu Rei natural, este excellent  
Principe, que do peito tanto amando:  
E diante do exercito potente,  
Das imagens, gritando o trocavaõ:  
Dizendo em alta voz, real, real,  
Por Affonso alto Rei de Portugal.

Qual aos gritos e voz incitado,  
Pela montanha o rabido Malafã,  
Contra o Teuro remete, que fuido  
Na forçã está do corao temerose:  
Ora peza na arelha, ora no lado,  
Latando mais ligeiro que furçoso,  
Até que em sua compendelle a garganta,  
Do bravo a forçã barrendo se quebranta.

Tal

Tal do Rei novo, o estalago acendido,  
Por Dem e por pelo pouco portavel,  
O barbaro comete apercebido,  
Co animoso exercito rompente.  
Levantão nullo os perros o alarido  
Das gritas, tocam a arma, ferem a gente,  
As lanças e arcos também, tubas soão,  
Instrumentos de guerra tudo atroão.

Dem como quando a flama que atreide,  
Foi nos aridos campos, asprando  
O sibillante Boreas ) animada  
Co vento, o seco mato voz queimando  
A pastor al comprida, que deitaba,  
Co doce sono eil ma, despertando,  
Ao estridor do fogo que se acia,  
Recorre o fado, e foge per a aldeia.

Destá arte o Mourro atreido e tornado,  
Toma sem tento as armas muy depressa,  
Não foge mas espera confiado,  
E o quente belligero arremessa.  
O Portuguez o encontra demodado,  
Pelos perros as lanças lhe atravessa.  
Hã caros mecos mortos, e entrã não  
A ajuda convocando do Alcorão.

42

Ali se vem encontrar temerifas,  
 Para se desfazer via alta terra,  
 E os animais correndo furiosas,  
 Que Neptuno amofreca ferindo a terra  
 Culpas se dão meclombos, e furiosas,  
 Por toda a parte andam a fôrta e guerra:  
 Mas o de Luso, arto, corajoso e malha,  
 Rompe, corta, desfaz, a bala e talha.

Cabeças pelo campo vão saltando,  
 Braços, pernas, sem dorso e sem fustido,  
 E doutras de entranchas palpitando,  
 Palida a cor, e gesto amarelado.  
 Lá perde o campo o exercito nefando,  
 Correm rios de sangue desparzido  
 Com que tambem do campo a cor se perde  
 Tornado Carmesi de branco e verde.

A fôrta fica vindo do Lusitano  
 Recalhando os trocos e presa rica,  
 Dechar atado e reto o Mauro Hispano,  
 Tres dias o bravo Rei no campo fica:  
 Aqui posta no branco escudo a fôrta,  
 Que agora a ella victoria certifica:  
 Tanto estender azuis e plurecidos,  
 Em fôrta de lites como Reis vencidos.

E nestes

E nestes cinco estendo: posta a trinta  
 Diabeiros, por que Deos fora vendido,  
 Escrevendo a memoria em varia tinta,  
 Daquelle de quem fôrta fôrta vendido,  
 Em cada hum dos cinco, cinco posta,  
 Por que a fôrta fôrta o numero comprado:  
 Contando duas vezes o do outro,  
 Dos cinco azuis que em Cruz pintando veio.

Passado ja algum tempo, que passado  
 Era ella grão victoria, o Rei subido  
 A tomar vez Leiria, que tomada  
 Fora muy pouco antes, do vencido:  
 Com esta a fôrta Arrambas fôrta  
 Fôrta justamente: e o sempre amarelado  
 Scabelco fôrta, cujo campo ameno,  
 A a claro Tejo regas tam jercuo.

A essas nobres villas sometidas,  
 Ajunta tambem Mafra, em pouco espaço,  
 E nas fôrta da Lusa combetidas,  
 Sejeja a fôrta Sintra, o duro braço,  
 Sintra onde as Naudes escondidas  
 Nas fontes, vio fôrta no doze lago  
 Onde Amor as turda brandamente,  
 Nas aguas atulando fogo ardente.

E ta

Esta sobre Lisboa, que no Mundo,  
 Facilmente das outras es prioresa,  
 Que edificada foy do sacudo,  
 Por cujo engenho foy Dardania acosa:  
 Tu a quem obedece o Mar profundo,  
 Obedeceste as forças Portuguesas,  
 Apela-la tambem de forte armada,  
 Que das Bortais partes foy mandada.

La do Germanico Albia, e do Reno,  
 E da fria Bretanha condaçõs,  
 A delirar o povo Sarraceno,  
 Muitos com tenção favela trão partidos,  
 Entrando a boca ja do Tejo anexo,  
 Carraxal do grande Affonso veidos,  
 Cujas alta fama então subia aos céos,  
 Foy posto cerco as muralhas effoca.

Cuzas dezes a Lã se esculpira,  
 E entras tantas mostrara o peito rosto,  
 Quando a Cida le entrado se rendira,  
 Ao duro cerco, que lhe estava posto:  
 Foy a batalha tan sanguina e fera,  
 Quanto obrigava o firme propósito:  
 De vencedores esperos, e casados,  
 E de vencidos, ja desesperados.

Desta

Desta arte em fim tomada se rendo,  
 Aquella que nos tempos ja passados  
 As grandes forças nunca obedeo,  
 Das frias povas Sciticas esfadoc:  
 Cujas poder a tanto se elevou,  
 Que o lbro o rio, e o Tejo androutados:  
 E em fim co Betis tanto algum poderão,  
 Que as terras de Vandalia nome deão.

Que cidade tan forte, por ventura  
 Outra que resista, se Lisboa  
 Não pode resistir as forças dura  
 De gente, cuja fama tanto voa:  
 La lhe obedece toda a Estremadura,  
 Obidos, Alenquer, por onde foy  
 O tom das frescas agoas, entre as pedras,  
 Que murmurando lava, e Torres veides.

E das tambem p terras transiluzones,  
 Affamada co dom da fiana Cerco,  
 Obedeo as forças mais que humanas,  
 Entrando lhe as muralhas, e os poderes:  
 E tu lavrador Moura, que te enganas,  
 Se saltentar a fértil terra queeres.  
 Que Elvas, e Moura, e Serpa combecidas,  
 E Alcaçate do sal, estão rendidas.

Eis



Eis a nobre Cidade, certo affeito,  
 Do rebelde Sertorio antigo ante,  
 Onde era as águas nitidas de argento,  
 Vem sustentar de longo a terra, e a gente,  
 Pelos arcos reatts, que cento e cento  
 Nos ares se elevamão nobremente.  
 Obedece, por meo e a casada  
 De Girallo, que regida não stonia.

Ia na cidade Beja vey tomar,  
 Vozan;a de Trancoso destruida,  
 Affonso que não sabe sofrer,  
 Por estender co a fama a curta vida:  
 Não se lhe pode muito sustentar  
 A Cidade, mas sendo ja rendida,  
 Em toda a cousa vira, a gente yrada,  
 Premando os fios vey da dura espada.

Com estas se joga de sey Palmeira,  
 E a piceira Coimbra, e juntamente,  
 Sendo apudado mais de sua estrella,  
 Dechar ata hum exercito potente:  
 Sentio a a Villa, e vey o a terra della,  
 Que a piceira vinda deligente.  
 Pila frakada terra desforjado,  
 Dateneroso encontro imopinado.

O Rei

O Rei de Badajoz, era aliõ Meuro,  
 Com quatro mil cavallios furiosos,  
 Junctos as pões, darinas e de cara  
 Guarnecidos, guerreiros e lustrosos:  
 Mas qual no meo de Maio o bravo Touro  
 Cos cossos da mata, arretosos,  
 Sentindo gente o brato, e cego amate  
 Saltea o defendido combatente.

Desle arte Affonso sabido mostrado,  
 Na gente de, que passa bem segura,  
 Fere, mata, derriba derodado,  
 Foy o Rei Meuro, e se de vida cura,  
 Dum Panico terror todo apombado,  
 Se de segnillo o exercito procura.  
 Sendo estes que fizera tanto aballo,  
 Nomam que se presenta de cavillo.

Logo segre a victoria sem tardança,  
 O grão Rei incansabil, apantando  
 Crestos e todo o Reino, cuja usança  
 Era fada sempre terras conquistando,  
 Cerrar vey Badajoz, e logo alança  
 O fado seu desejo, pelajando  
 Com tanto esorço e arte, e valentia,  
 Que a fez fazer as outras companhia.

G. Mas

Mas o alto Deus, que fera longe guarda,  
 O castigo daquelle que o mereça,  
 Ou pena que se comente aos regestarde,  
 Ou por segredos que banem não contage,  
 Se ate qui sempre o forte Rei resguarda,  
 Dos perigos a que elle se offereça.  
 Agora lhe não deixa ter desfeça,  
 Da maldição de mui que cilaes profa.

Que estando na cidade que cercára,  
 Cercado utlla foy dos Lioesfes,  
 Por que a conquista della lhe tomára,  
 De Lido sendo, e não dos Portuguezes.  
 A pertinacia aqui lhe culla cara,  
 Assim como acontece muitas vezes,  
 Que em ferres quatra as pernas indo acfo  
 As batallas ando foy vencido e preso.

O famoso Pompeyo não se peate,  
 De seus feitos illustres a ruina,  
 Não ver que a justa Nemesis andea  
 Ter tea fozgo de ti victoria dona,  
 Peste que a frio Paflo, ao Syez  
 Que por a nebulam cabo a fombra inclina,  
 O Broues gellado, e a luda ar deute,  
 Temefferao teu nome peralucate.

Pelle

Peste que a rica Arabia, e que os feroces  
 Emecos, e Cokos, coja fama  
 O Voo douorado estende: e os Capadocis,  
 E Indea, que hum Deus adora e ama,  
 E que o molles Seseos, e os Atracis,  
 Silicis, com a Armenia, que derrama,  
 As aguas dos dois Rios, coja fonte  
 Ella nostro mais alto e santo Monte.

E peste em fim que deslo mar de Atlante,  
 Ate o Sciaco Taura, monte crynido  
 La vencedor te viffem, não te espante  
 Se o campo Emathio fo te rio vencido,  
 Por que Affonso veras soberbo e uauie,  
 Tudo render, e ser despois rendido.  
 Assim o quis o conselho alto cefte,  
 Que vença o fogro a ti, e o gouro a este.

Tornado o Rei sublime finalmente,  
 De diuino juyzy castigado,  
 Depois que em Santarem soberbamente,  
 Em rio dos Sarracens foy cercado.  
 E depois que do martyre Vicente,  
 O sanctissimo corpo venerado.  
 Do sacro promontorio combeuido,  
 As cidade Plifsea foy trazido.

G 2

Porq

Po' que leuiffe a morte seu desejo,  
 As sorte fihro uau li o liſſo velho,  
 Que au terras se paſſaſſe dalentejo,  
 Com prate, e co beuzero apparejo:  
 Sancha, de forço e de animo ſobreja,  
 A uante paſſa, e ſua correr uermeſo,  
 O rio que Seuilha uay rezando,  
 Co ſangal mauro, barbaro e nefando.

E com eſta victoria cobriſſo,  
 Ia não deſenſa o uoço air que reſe,  
 Outro eſtrago como elle, temerofa  
 No barbaro que tem cercado Brja.  
 Não tar de muito o Príncipe diufo,  
 Sem ver o fim daquillo que deſija.  
 Aſſi eſtragado o Mouro, na uingança  
 De tantas perdas poem ſua eſperança.

Ia ſe apantio do monte, a quem Meduſa  
 O corpo fez perder, que teve a ſeoc  
 Ia uen do promontorio de Ampelofa,  
 E do Tange que aſſento ſoy de Antro.  
 O morador de Abila não ſe eſcuſa,  
 Que tambem com ſuas armas ſe moue:  
 Ao fim de Maauritana e ruico tuba,  
 Tudo o Reino que ſoy do uobre luba.

Entram

Entram com toda eſta companhia,  
 O Mirabramini em Portugal  
 Treze Reu mouros leua de valia,  
 Entre os quaes tem o ceptro Imperial  
 E aſſi fazendo quanto mal podia,  
 O que em partes podia fazer mal.  
 Dom Sancha uay cercar em Santarem,  
 Porém não lhe ſocorre muito bem.

Dalhe combates aſperos, fazendo  
 Ardu de guerra mil, o Mouro yreſo,  
 Não lhe aprocuita ja trabuco berrando,  
 Mina ſecreta, Anete forçoſo:  
 Por que o filho de Affenſo, não perde ade  
 Nada do eſorço, e acorda generoſo,  
 Tudo prouê com animo e prudencia,  
 Que em toda a parte ha eſorço e reſiſtencia.

Mas o velho a quem tanto ja obrigado  
 Os trabalhos amos, ao ſeſego,  
 Eſtando na Cidade, cujo prado  
 Enverdecem as aguas do Monlegge  
 Sabendo como o filho eſta cercado,  
 Em Santarem, do Mauro pouo cego,  
 Se par te diligente da Cidade,  
 Que não perde a preſteza co a idade.

G 3 Eira

E co a famosa gente à guerra usada,  
 Voz socorre a fibro, e' asy ajuntados,  
 A Portugueza furia costumada,  
 Embrou os Mouros tem desbaratados  
 A campina que toda e' esta qualhada  
 De marlocas, capuzes torcidos,  
 De cavallos, jurejs, presa rica,  
 De seus feitores mortos deita fua.

Logo todo o restante se partio

De Lusitania, pestes em saizida,  
 O Mirabnomini fo não fogia,  
 Por que antes de fogir lhe foz a vida,  
 A quem lhe e' esta villoria permitido,  
 Dão louvores e' graças sem medida  
 Que em casos tão e' stranhos claramente,  
 Mas pela o favor de Deus que a gente.

De tamembar victorias trianfana,

O velho Affonso, Principe subido,  
 Quando quem tudo em seu vencido andava,  
 Da longa, e' muita idade foi vencido,  
 A palha de'ra a lhe tocava,  
 Com friagem o corpo casca partido  
 E pagão suas amos delle geito,  
 As triste Libitina seu derreto.

Os altos

Os altos premonterios e' chorarão,  
 E do rio as agoas sandofas,  
 Os feneados campos alargarão,  
 Com lagrimas correndo piadosas:  
 Mas tanto pelo mundo se alargarão,  
 Com fama suas obras valerosas,  
 Que sempre no seu Reino chamarão,  
 Affonso, Affonso os e'cos, mas em vão.

Saucho forte morcho, que ficara

Imitando seu pay na valentia,  
 E que em sua vida ja se experimentara,  
 Quando o Beir de sangue se tingia,  
 E o barbaro poder desbaratara,  
 Do Ifenolita Rei de Andaluzia.  
 E mais quando os que Beira em não cercarão,  
 Os golpes de seu braço em si provarão.

Depois que foy por Rei de'vantado,

Acurdo pouco annos que reinava,  
 A cidade de Silves tem cercado,  
 Cujos campos o barbaro leirava:  
 Foy das valentes gentes ajudado,  
 Da Germanica armada, que passava:  
 De armas fortes e' gente apercebida,  
 A recobrar ludea ja perdida.

G 4 Passagio

Paſſião e ajudar na ſua dita empreſa,  
 O raso Frederico, que mouo  
 O paſtroſo exercito, em deſeſa  
 Da cidade onde Chriſto paſceo,  
 Quando Guido co-a gente em ſeſe acceſa,  
 Ao grande Solalino ſe recorre:  
 No lugar onde aos Mouros ſubjugão,  
 As agoas que os de Guido deſejugão.

Mas a firmeſa armada, que viera  
 Por contraſta de vento, naquella parte  
 Sancho quis ajudar na guerra ſera,  
 Ia que em ſerviço vey, do ſanto Marte  
 Aſſi como a ſeu pay acateſteira,  
 Quando tencion Liovia, da meſma arte,  
 Do Germano ajudado Silveſo toma,  
 E o bravo morador deſtruo e toma.

E ſe tantas tropheos do Malometa,  
 Alcançaua cada vey tambem do forte  
 Liovia, não conſente eſtar quieſta  
 A terra vſta ſua caſas de Manuete:  
 Atr que na cerraiz ſeu juço metta  
 Da soberbia Tui, que a meſma forte,  
 Vio ter a muitas vellas ſuar veſtigas,  
 Que por armas tu Sancho humilides tiras.

Mas

Mas entre tantas palmas ſaltalo  
 Da centroſa morte, ſeja traidor,  
 Hum filho ſeu de todos cilomado,  
 Que ſey ſegundo Affonso, e Rei tercioiro  
 No tempo deſte, aos Mouros ſei tomado  
 Alcaçere do ſal por derradeiro:  
 Por que dentre os Mouros o tomario,  
 Mas agora eſtraidos o pagarão.

Morto depois Affonso lhe ſucede  
 Sancho ſegundo, moço e deſquidado,  
 Que tanto em ſeus deſcuidos ſe deſponde,  
 Que de outrem qm mandava era mandado,  
 De governar o Reino que outro pe te,  
 Por cauſa dos privados foi privado,  
 Porque como por elles ſe regia,  
 Em todas os ſeus vicijs conſentia.

Não era Sancho não tam deſconſte,  
 Como Nero, que hum moço recebia  
 Por mulher, e depois horrendo inſte,  
 Com a mui Agrippina conſeia  
 Nem tam cruſal aos gentes e moſto,  
 Que a cidade queimou e deſtruiu,  
 Nem tam mau como foi Helio gahido,  
 Nem como o mole Rei Sirdanquido.

Nem

Nem era o povo seu tiranizado,  
 Como Sicilia foy de seus tyrantes,  
 Nem tuda como Phalaris achada,  
 Genero de tormentos indumatos.  
 Mas o Reino de alio, e costumado  
 A libhores em tudo soberano.  
 A Rei não obedec, nem consente,  
 Que não for mais que todos excellentes.

Por esta causa o Reino governas,  
 O Conde Botanets, depois alçado  
 Por Rei, quando da vida se apartou,  
 Seu irmão Sarcos, sempre ao ocio dade  
 Este que Affonso o bravo se chamou,  
 Depois de ter o Reino segurado:  
 Foi dilatado cuida, que em treveso  
 Não cabe o ultimo peito tam pequeno.

Da terra dos Algarves, que lhe fora  
 Em casamento dada, grande parte,  
 Recupera co bravo, e dita fura  
 O Meiro mal querido ja de Marte.  
 Elle de todo fez fave e subora  
 Lusitania, com fozza e bellica arte:  
 E acabei de espirar a nação forte,  
 Na terra que aos de Luso cabe em parte.

Eis

Eis depois deus Divis, que bem parte,  
 De bravo Affonso estorpe nobre e dina,  
 Com qum a fama grande se afente,  
 De Berabulale Alexandria.  
 Co este o Reino prospero florece,  
 (Alcançada ja a paz avra divina)  
 Em constituições, leis e costumes,  
 Na terra ja tranquila clara lumen.

Fez primitivo em Coimbra extrinarse,  
 O valeroso officio de Mourna,  
 E de Helicon as Musas fez passar-se,  
 A pjar de Montego a fertil erua:  
 Quanto pode de Arbenas desfijar-se,  
 Tudo o saberbo Apolo aqui referua.  
 Aqui as capellas de tecidas de ouro,  
 De Bezaro, e de sempre verde louca.

Nobres villas de novos edificios,  
 Fortalezas, castellos muy seguros,  
 E quasi o Reino todo reformou,  
 Com edificios grandes, e aboi murros:  
 Mas depois que a dura Atropos carrou,  
 O fio de seus dias ja malhorou:  
 Fizebbe o filho pouco obedecente,  
 Quarto Affonso: mas forte e exortice.

Eis

Fy fe sempre ás seltebas Castelhano,  
 Co pezo de ptrezou fixou os ferrar,  
 Porq'he não he das foyras Lusitanas,  
 Temer poder maior, por mais p'quillo  
 Mas porca quando as gentes Mauritanas,  
 A possuir o Egipto terreo,  
 Entrarão pela terras de Castella,  
 Fy o febebo Affufo a jocarrella.

Nunca com Semitânis, gente tanta  
 Vio de cam'pas Idasp'ras enchendo,  
 Nem Atala, que Italia toda espanta,  
 Chamando-se de Deca, q'onte horrando.  
 G'ntica gente trocou tanta, quanta  
 De Sarraceno barbaro estupendo,  
 Co poder excessivo de Granada,  
 Feynas campos Tartarfos ajuntada.

E vinda o Rei sublime Castelhano,  
 A força inexspugnabil, grande e forte,  
 Temendo mais o fim do povo Hispano,  
 Li perdido b'la vez, que a propria morte  
 Perdido ajuda ao forte Lusitano,  
 Lbe maniana a carissima consorte,  
 Mulher de quem a vida, e filha amada  
 Daquelle a cujo Reino foi mandada.

Entrada

Entrada a formosissima Maria,  
 P'los paternos paços sublimales,  
 Lindo o rosto: não fora de alegria,  
 E j'ndalho em lagrimas havadas,  
 Os cabellos Arçelicos traça,  
 P'las charcos humbras espalhadas:  
 Diante do Paylote, que a esq'alta,  
 Eilas palmas as tal chorando espalta.

Quanto prate a terra produzio  
 De Africa ta la gentefera e vibrada,  
 O ordo Rei de Marrocos conduzio  
 P'ra vir possuir a nobre Espanha:  
 Poder tamanho prate não se via,  
 Depois que o salso Mar a terra banha.  
 Trazou serocidade, e foyr tanto,  
 Que a vida me do, e a morte faz espanto.

Aquelle que me deste por marido,  
 Por defender sua terra ambrantada,  
 Co pequeno poder, offerendo  
 Ao duro golpe est'la, de Maura espada,  
 E se não fur cortigo fcorrido,  
 Verme as delle e do Reino ser privada,  
 Viva e triste, e polla em vida q'era,  
 Sem marido, sem Reino, e sem ventura.

Por tanto

Por tanto, ó Rei, de quem com puro medo,  
O corrente Maluca se cangella,  
Rompe toda a tar-dança, acude cedo,  
As miseranda gente de Castella.  
Se esse grito que mostras claro e ledo,  
De pay ó verdadivo amor affella.  
Acudt e corre pay, que se não correi,  
Pode ser que não abei quem socorrei.

Não de outra sorte a tímida Maria  
Folhando está, que a teiffe Vozes, quando  
A Jupiter seu pay saeur pedia,  
Pera Encas seu filho, negozando,  
Que a tanta piedade o comoua,  
Que caido das mãos o rayo infando.  
Tudo o clemente Padre lhe concede,  
Peseñhelle do pouco que lhe pede.

Me ja os esquadrões da gente armada,  
Os Ebroenses campos não qualbados,  
Luzira co Sol o arcos, a lança, a espada,  
Vão rinchando os cavallos janzados:  
A corra trambeta combanderada  
Orcoráñes as paz acostumados:  
Vey as fulgentes armas incitando  
Pelas concunidades retrubando.

Entre

Entre todos os nois se sublima,  
Das insignias Reas acompañado,  
O valeroso Affonso, que por cima  
De todos, leu o collo abraçado,  
E juvenis co gesto e força e animo,  
A qual puer ciração antídromado.  
Assi entra nas terras de Castella,  
Com a filha gentil Rainha della.

Juntos os deus Affonso finalmente,  
Nos campos de Tarifa, estão defronte  
Da grande multidão da cega gente,  
Pera quem san pequenos campos e montes.  
Não ha peido tão alto e tam potente,  
Que de desconfiança não se afronte,  
Em quanto não cubreja, e claro veja,  
Que co braço dos seus Christo peija.

Estão de Agor os netos casi riuo,  
Do poder dos Christãos fraco e pequeno,  
As terras como suas repartiuo,  
Ante mão, entre o exercito Agertico.  
Que com titulo falso possuindo  
Estão famoso nome Sarraceno.  
Assi tambem com falsa conta e mas,  
Na nobre terra alba ibemão sui.

Qual



Quão nem brado e barba Gigante,  
Do Rei Sani, com castiga irritado,  
Vendo o Pastor inerte estar diante,  
So de pebrar e esforço apercebido,  
Com palmas soberbas enroscado,  
Despreza o fraco mago mal vestido:  
Que roncando a fúndes de fregana,  
Quanto mais pode a Fi que a força batiana.

Delle arte o Mauro perfido despreza,  
O poder dos Christãos, e não entende,  
Que está ajudado da alta fortaleza,  
A quem o leste no barrifio se rende.  
Co ella o Castellão, e com desfeza,  
Do Marrocos o Rei comete e offende.  
O Portuguez que tudo estima em vado,  
Se faz tanto ao Reino de Granada.

Eis as lanças e espadas retidão,  
Por cima das arneses, braso estrego,  
Chamões fregando as leis que ali se dão,  
Flas Masanade, e os outros Sarraceno,  
Os feridos tom grata e co ferião,  
Fazendo de seu sangue bruto lago,  
Onde cistem os seus mortos se afogação,  
Quando do ferir as vidas esparção.

Com

Com esforço tamanho estive e mata,  
O Lupo ao Oranadil, que em pouco espaço,  
Totalmente o poder los desbarata,  
Sem lhe valer de feja, ou peito de aço:  
De alcançar tal victoria tam barata,  
Inda não bem contente o forte braso,  
Vay ajudar ao bravo Castellano,  
Que pebrando está co Mauritano.

La se viu o Sol ardente recolhendo,  
Para a casa de Thebis, e inclinado,  
Para o Poente o vespero trazendo,  
Estava o claro dia memorado,  
Quando o poder do Mauro grande e barido  
Foi pelas fortes Reis desbaratado,  
Com tanta mortindade, que a memoria,  
Nunca no mundo viu tam gran victoria.

Não matou a quarta parte o forte Mario,  
Doi que morrerão neste vencimento,  
Quando as aguas co sangue do albar ferio,  
Fez beber as exercitos judeno,  
Nem o Peno aspersissimo contrario,  
Do Romano poder de nascimento:  
Quando tantos matou da illustre Roma,  
Que alqueires tres de ancis dois mortos tomou.

H E je

Tirar leis ao mundo determina,  
 Por lhe tirar o filho que tem preso,  
 Crendo co sangue só da morte villosa,  
 Matar do firmo amor o fogo activo  
 Que furor consentio, que a espada fias,  
 Que pudo sustentar o grande peso  
 Do furor Mouro, fuisse alimentado,  
 Contra bñs fracos d'outra delicada!

Trazão a os horrificos abozos,  
 Ante o Rei, ja mouido a piedade:  
 Mas o peoa com fallas, e ferozes  
 Razões, as naves cruas o persuadir,  
 Ellas com tristes e piedosas vozes,  
 Saldas só da magoa, e saudade  
 Do seu Principe, e filhas que deixara,  
 Que mais que a propria morte a magoara.

Pera o Ceu crystallino atuantando,  
 Com lagrimas os olhos piedosos,  
 Os olhos, por que as mãos lhe estãas atãdo,  
 Havi dos duros ministros rigorosos,  
 E depois nos ministros atuantando,  
 Que tam queridos tinha, e tam mimosos,  
 Caxa orfandade como mãy tenia,  
 Pera o aul' e nel affi dizia.

Seja

Se ja nas brutas feras, cuja mente  
 - Natura fez cruel de sentimento,  
 - E nas ants agrestes, que seucos  
 - Nas rapinas acrias tem o intuito,  
 - Com pequenas criancas vis a grade,  
 - Terrem tam piedoso sentimento,  
 - Como co a mãy de Nave ja moftoisão,  
 - E os yrmãos que Roma edificouão:

O tu que tã de humano o gesto e o peito  
 ( Se de humano he, matar bñs donzella  
 Fraca e sem forca, so por ter subjeito  
 O coração, a quem soube vencella )  
 A estas criancas as tem respeito,  
 Pois o não tã as morte e fura della,  
 Mostra a piedade sua e mimba,  
 Pois te não mont a culpa que não tinha.

E se vencendo a Moura resistencia,  
 A morte sabes dar com fogo e ferro,  
 Sabe tambem dar vida com clemencia,  
 A quem pera perdela não fez erro:  
 Mas se to affi merece esta innocencia,  
 Porem um em perpetuo e misero desleixo,  
 Na Scitia fria, ou na Lybia ardente,  
 Onde em lagrimas vias eternamente.

H 3 Poes

Por me onde se viste toda a feridade,  
 Entre Lões, e Tigres, e vovos  
 Se velles achar posso a piedade —  
 Que entre peitos humanos não achei:  
 Ali co amor intrinseca e douade,  
 Naquelle par quem mouro, criou  
 Estas reliquias suas que aqui viste, —  
 Que refrigerio sejo da máy triste.

Queris perdoar-lhe o Rei benigno,  
 Mando das palavras que o mago diz —  
 Mas o perdoar posso, e ser desfeito  
 (Que desta sorte o quis) lhe não perdoar;  
 Arrancão das espadas de aço fio,  
 Os que por bom tal feito ali aprazido,  
 Contra bôa deus, e peitos carniceiros  
 Fizer dos amystrais, e cavalleiros!

Qual contra a linda moça Polixena,  
 Consolação extrema da máy velha,  
 Por que a fúria de Achiles a cedeira,  
 Co ferro o duro Pirro se aporella:  
 Mas ella os olhos com que o ar serena,  
 ( Bem como paciente, e mansa castella )  
 Na mísera máy pallas, que endoubeja  
 Ao duro sacrificio se offerreça.

Tão

Tão contra laís os brutas matadores,  
 No coto de alabastra, que sustinha  
 As obras com que amor matou de amores —  
 Aquelle que depois a fez Rainha  
 As espadas haurando, e as brancas flores,  
 Que ella dos olhos seus regada tinha,  
 Se encarnização, feridas e profas,  
 No futuro castigo não cuidasse.

Bem podiras, ó Sol, da vista destes —  
 Teus raios apartar aquelle dia,  
 Como da sua mesa de Tieste,  
 Quando os filhos por mão de Atreu comia,  
 Vio, ó concavos males que padestes,  
 A voz extrema ouvir da boca fria,  
 O nome do seu Pedro que lhe amallei,  
 Por muito grande espaço repetalei.

Assim como a beatina que cortada,  
 Antes do tempo sey, candida e bella,  
 Seca das mãos latinas mal tratada,  
 De minims que a trouxe na capella:  
 O cheiro traz perdido, e a cor marchada,  
 Tal esty morta e palida dorrella,  
 Seca do rasto as rosas, e perdida  
 A branca e viva cor, coa deys vida.

H 4 A

As filhas do Mondego, a morte escura  
 Longo tempo chorando viciosação,  
 E por memoria eterna em fonte pura  
 As lagrimas choradas transformarão:  
 O uano lbe posterão, que tudo dura,  
 Dos amores de lbe que ali passarão.  
 Vede que fresca fonte rega os flores,  
 Que lagrimas sem a água, e o nome amora

Não correo muito tempo que a vingança  
 Não viße Pedro das mortais feridas,  
 Que em tomando do Reino a governança,  
 A tomou dos fugidos homicidas:  
 Do outro Pedro cruzifixo em altaça,  
 Que ambos inimigos das humanas vidas,  
 O concerto fizerão duro e injusto,  
 Que com Lepido, e Antonio fez Augusto.

Este castigador fez requirido,  
 De latrocínias, mortes e adulterio,  
 Fazer nas mãos cruzas, ferro e proço,  
 E em os seus mais certos refrigerio:  
 As cidades guardando justissimo,  
 De tactos os soberbas vituperio,  
 Mas labrões castigando as morte deu,  
 Que o negabundo Alcides, ou Theseu.  
 Do julle

Do justo e duro Pedro nasce o brando  
 (Vede da natureza o desconcerto)  
 Remisso, e seu cuidado alguns Fernando,  
 Que todo o Reino por em muito aperto,  
 Que vindo o Castelhano deusillando  
 As terras sem defesa, esteeu perto  
 De destruirse o Reino totaocue,  
 Que ham fraco Rei faz fraca a forte gente;

Ou sey castigo claro do peccado,  
 De tirar Lianor a seu marido,  
 E casar se co elle de casando,  
 Nam falso parecee mal entendido:  
 Ou sey que o coração fezeito, e dado  
 Ao vicio vil, de quem se vio realido,  
 Malle se fez, e fraco, e bem parece  
 Que ham baxo amor os fortes esfraguetto.

Do peccado tinteão sempre a pena  
 Muitos, que Deo o quiz, e permitio:  
 Os que seão roubar a bella Elena,  
 E com Apio tambem Tarquino o rio:  
 Pais por quem Danil Sante se condemnou  
 Ou quem o Tribu illustre destruiu  
 De Benjamin! lbe claro nolo infino,  
 Por Sarra Farab, Sychem por Dina.  
 E pois

E pois se as peites fortes enfraquece,  
 Hum inconfesso amor desatinado,  
 Bem ao filho de Alcega se parece,  
 Quando em Ousale ardente transformado,  
 De Marco Antonio a fama se espante,  
 Com ser tanto a Cleopatra affectado:  
 Tu tambem Peto prospero o sentiste,  
 Depois que hũa noça vil na Apulia vilte:

Mas quem pode liar-se por ventosa,  
 Das loças que ante arma brandamente  
 Entre as roças e a neve humana pica,  
 O ouro, e o alabaastro transparentes  
 Quem de hũa peregrina serra escura  
 De hum duto de Medusa propriamente  
 Que o coração cunha que tem preso,  
 Em pedra não; mas em desejo arde.

Quem rio hãem ohar segura, hãem gesto boando,  
 Hãem fozes e Anglica exultancia,  
 Que em si está sempre as almas transformado  
 Que tivesse contra ella resistencia:  
 Desculpado por certos elis Fernando,  
 Para quem tanto de amor experiencia:  
 Mas entre tudo hãem a sanctesia,  
 Por muyto mais culpado e julgaria.

Fim.

## Canto Quarto.



## Espois de procello

si tempestade,  
 Nocturna fombra, e silvante  
 vento,

Traz a nublada serena claridade,  
 Esperança de porto, e silvante:  
 Aparta o Sol a negra escuridade,  
 Removendo a tenor ao pesfumeito:  
 Assim no Reino forte atontado,  
 Depois que o Rei Fernando saltou.

Por que se muito os nossos desparado,  
 Quem os dadas e effusos na virganda,  
 Naquelle que tãbem se aprouva deão,  
 De descuidado remisso de Fernando,  
 Depois de pouco tempo alcançado,  
 Leu-se sempre illustre alcançado  
 Por Rei, como de Pedro tanto exaltado  
 (Anão que ballardo) verdadeiro.

Ser isto

Ser isto ardensão das ceas divina,  
 Per suas muito clares se mostram  
 Quando em Escora a voz de hũa minima,  
 Ante tempo falado o nomeou.  
 E como coisa em sua que o Ceo delinha,  
 No berço o corpo, e a voz alenanta,  
 Portugal, Portugal, ahando a mãe  
 Disse, pelo Rei meu Dom João.

Alteradas então do Reino as gentes,  
 (o odio que occupado os peitos tinha,  
 Absolutas cruzas, e evidentes  
 Faz do passo o furor por onde vinha,  
 Matando ão amigos e parentes,  
 De adultero (onde, e de Rainha,  
 Com quem sua incontinencia de fouteza  
 Mais ( depois de vinda) manifestava.

Mas elle em fim com causa descurado,  
 Diante della a ferro frio morre,  
 De outras muitas na morte acompanhado  
 Que tudo o fago e quillo quima e corre:  
 Quem como Attiliano precipitado  
 (Sem lhe valorem crida) de alta torre  
 A quem nullo, nem aras, nem respeito,  
 Quis au por suas e em pedajas seito.  
 Padece

Padece por em longo esquarterado,  
 As cruzas mortais que Roma vio  
 Feitas do seroz Mario, e do tratado  
 Sylla, quando o contrario lhe fogia:  
 Por isso Lior, que o sentimento  
 De morto Conde ao mundo descobrio,  
 Faz contra Lusitania vir Castella,  
 Dizendo ser sua filha herdaira della.

Beatriz era a filha, que casada  
 Co Castelhano estã, que o Reino padre,  
 Por filha de Fernando reputada,  
 Se a corrompida fama llo concede.  
 Com esta voz Castella alenatala,  
 Dizendo que esta filha ao pay succede:  
 Suas forças aponta pera as guerras  
 De varias regiões e varias terras.

Vem de toda a provincia que de hum Brigo,  
 (Se say) ja teve o nome dirinado  
 Das terras que Fernando, e que Rodrigo  
 Garbarão do tirano e Mauro estado.  
 Não estimão das armas o perigo,  
 Os que cortando não co duro arado  
 Os campos Lionese, cuja gente,  
 Coos Mouros foi nas armas excellent.

*O Andaluzes, na antiga valentia  
Ainda confiado, se ajuntarão  
Da cabeça de toda Andaluzia,  
Que do Guadalquivir as águas lavão,  
Anobre libras também se apercebia,  
Que antigamente os Tivias habitavaõ:  
Trazerão por infâmias ver dahir as  
As Hieraculas colunas nas bandeiras.*

*Tambem vem la do Reino de Toledo,  
Cidade sobre ex antiga, a quem cercando  
O Tejo em torno bay suar ex lido,  
Que das serras de Conca vem manando:  
A vos entros tambem não tolhe o medo,  
O fardado Galego, duro bando,  
Que pera refilho des, pos armallos,  
Aquelles, cojas golpes se pironallos.*

*Tambem movent da guerra as negras furias,  
A gente Bizcaina, que carece  
De polidas razoes, ex que as injurias  
Muito mal dos estranhos compadrece:  
A terra de Guipuzcoa, ex das Asturias  
Que com naves de ferro se encolhece,  
Arrova delis, os soberbos matadores,  
Pera ajudar na guerra a seus senhores.*

Iure

*Iure, a quem do peito a esforço crece,  
Como a Sanson Hebreo da que delis,  
Pofo que tudo pouco lhe parece  
Cos poucos de seu Reino se aparelha,  
E não por que confesso lhe selege,  
Cos principaes senhores se aconselha:  
Mas so por ver das gentes as sentenças,  
Que sempre ouve entre muitos discretoas.*

*Não falta com razoes quem desconferte,  
Da opinião de todos, na vontade,  
Em quem o esforço antigo se converte,  
Em desafada ex ma descollada,  
Folento o temer mais zelado, inerte  
Que a propria ex natural fidelidade,  
Nem o Rei ex a patria, ex se consente  
Negarão (como Pedro) o Deo que teme.*

*Mas nunca foy que este erro se foyssse,  
No forte dom Nuno duercez: mas antes  
Pofo que em seu irmão tão claro o disse,  
Reprimando as vontades inconsistentes:  
A aquellas dadas seu gentes disse,  
Com palancas mais duras que dez dentes,  
A mão na espada iradi, ex não sacando,  
Ameaçando a terra, o mar, ex o mundo.*

Como

Como da gente illustre Portuguesa,  
 Ha de aver quem refuze o patrio Martel  
 Como, desta provincia que primeira  
 Foy das gentes na guerra em toda parte,  
 Ha de sair quem negue ter defeza,  
 Quem negue a Fe p' amar, o esforço e arte  
 De Portuguez, e por nenhum respeito  
 O proprio Reino queira ver segredo

Como, não fairs vos inda os descendentes  
 Daquelle, que debaixo da bandeira,  
 De grande Enriquez, feras e valentes  
 Vencestes esta gente tão guerreiral  
 Quando tantas bandeiras, tantas gentes  
 Poseram em fugida, de maxira,  
 Que foy illustre (antes de creaxção  
 Preso, afora a presa que tuosão)

Com quem fairsão certos sepaldas  
 Elles, de quem o estais agora ver,  
 Por Dinis e seu filho, sublimados  
 Se não em vossos fortes pais e avós  
 Pais se com seus descendes, ou precados,  
 Firmando em tal fraqueza affi vos por,  
 Tarde vos vossas forças o Reino novo,  
 Se he certo que o Rei se muda o povo.

Rei

Rei tendes tal, que se o dular tiverdes  
 Igual ao Rei que agora abraçastes,  
 Debarataris tudo o que quiserdes,  
 Quanto mais a quem ja desbaratastes  
 E se com illo em fim vos não mouerdes,  
 Do penetrante modo que tomastes,  
 Asz as mãos a vosso não recuse,  
 Que em se resistiry ao jugo alicie.

Eu so com meus vassallos, e com ella,  
 (E dizendo isto arranca meo estada)  
 Defendery da força dura, e infella  
 A terra nunca de outrem sepegada,  
 Em virtude do Rei, da patria mella,  
 Da lealdade ja por vos negada,  
 Vencery (nem foydes aduersarios)  
 Mas quanto a meu Rei forem contrarios.

Bem como entre os montes recolhidos,  
 Em Caviso, reliquias foy de Canas,  
 La pera se entregar quasi monidos  
 A fortuna das forças Africanas  
 Cercado meo os fuz, que compelidos  
 De sua espada purem, que as Romanas  
 Armas, nem deixarem em quanto a vida  
 Os nam deixas, ou mella foy per vida

Desarte



Deharte a gente furça, e a furça Nuno;  
 Que com lhe ouvir as dilações ruzões,  
 Renouem o temor frio importuno,  
 Que gelado lhe tinha os corações;  
 Nos animas causavam de Neptuno,  
 Brandindo e volitando arremessado,  
 Vão correndo e gritando a boca aberta,  
 Vão o famoso Rei que nos liberta.

Das gentes populares, hão aprouam  
 A guerra com que a patria se soltinha,  
 Hão as armas abenção e renouam,  
 Que a ferragem da paz gastada tinha;  
 Capuzes eufasam, pratas prouam,  
 Armam cada hum como coucinha;  
 Outros fazem vestidos de mil cores,  
 Com letras e tenções de seus amores.

Com toda esta lustrosa companhia,  
 Inuue surit sa da freixa Abrantes,  
 Abrantes, que tambem da fonte fria  
 Do Tejo loga as aguas abundantes;  
 Os primitivos armezeros regia,  
 Quem pera reger era os may passantes,  
 Orientais exercitos, sem conto  
 Com que passava Xerxes a Helesponto.

Dona

Don Nuno Abrantes digo, verdadeiro  
 Apate de soberbos Castellanos,  
 Como ja a fero Flauto o foy proutiro  
 Pera a Franceses, pera Italianos,  
 Outra tambem famoso coucinheiro,  
 Que a ala direita tem dos Lusitanos,  
 Apate pera mandado, e regido,  
 Meu Rodriguez se diz de Vafanicos.

E da outra ala que a esta corresponde,  
 Antão varquez de Almeida Capitão,  
 Que depois foy de Abrantes nobre Condé,  
 Das gentes huy regendo a sellra mão,  
 Logo não se guarda não se esconde,  
 Das quinas e castellos prouão,  
 Com louros Rey forte em toda parte,  
 Que escarceando o prezo huy de Marte.

Estando pelas mares tenebras,  
 E de hum abeyr mado quasi frias,  
 Rezando as mãos prouas, demas, e espas  
 Promettendo ppa, e romarias;  
 La obção as espaldas bellasas,  
 Desfruct das ungar companhias,  
 Que com grita e andissima os recebem,  
 E toda grande duada comtrem.

Respondem as trombetas mesofagoras,  
Pifaros sibilantes, e atambores,  
Asserzes valentes as bandieras,  
Que variadas são de muitas cores:  
Era no seco tempo, que nos tiras  
Cereis o fructo deicas aos Lavadores,  
Entra em Astrea o Sol, no mes de Agosto,  
Baco das duas tiras o doç moço.

Deo sinal a trombeta Castellhana,  
Horrendo sero, urgente, e temeroso,  
Quanto o monte Artabro, e Caudana,  
Atraz tornou as ondas de medrosa:  
Ouvio o Deuro, e a terra Translagosa,  
Correu ao mar o Tejo duvidoso:  
E as mãos que o som terrível elevaram,  
Das peitos as fillibulas apertaram.

Quanta rosta ali se vem sem cor,  
Que ao coração acede o sangue amigo,  
Que nos perigos e a andar, o temer,  
He mayor muitas vezes que o perigo,  
E se o não he pareço, que o furor  
De offender, ou vencer o duro inimigo,  
Faz não sentir, que he per do grande e raro  
Dos membros corporais da vida cara.

Começase

Começase a transit a incerta guerra,  
De ambas partes se move a principia elle,  
Hão leua a defensão da propria terra,  
Outras as esperanças de gambala:  
Logo o grande Pereira em quem se encontra  
Tudo o valor primeiro se afanala  
Deriba, e encontra, e a terra e fun fema  
Dos que a tanto deffeição, sendo alba.

Na pelo espesso ar, os esfridentes  
Farpões, jets, e varios tiros voão,  
Debaxo dos pés duros dos arleutes  
Cavallos, tremem a terra, as vales João:  
Espedação se as lanças, e as frequentes  
Que dar, os as dar as armas tudo atroão.  
Recregem os inimigos sobre a pouca  
Gente, do sero Navao que os apeca.

Eis os seus irmãos contra elle vão,  
(Caso feo e cruel) mas não se espanta,  
Que meua he querer matar o irmão,  
Quem contra o Rei e a patria se alianta:  
Destes arri carregado muitas saes,  
No primeiro esquadrão, que se adianta,  
Contra irmãos e parentes (caso estranho)  
Quanto a guerra Casim de ludo Magoas.

Ora Sertorio a sobre Caridade  
 Catilina, e tres outros dos antigos,  
 Que contra voss a patria sem profano  
 Coração, vos sigillou inimigos:  
 Se lá no reino escuro de Sumaro  
 Receber des graas fumaes castigos  
 De grube que tambem dos Portugueses  
 Algão tredeiros oue algão bezes.

Requem se a puidos nesses os primicias,  
 Tantos dos inimigos a elles não:  
 Esta ali Novo, qual pedes ostenciar  
 De Cruta estã e furtiflomo lão  
 Que cerca lo se de dos cavalleiros  
 Que os campos não correes de Tutaño,  
 Persegues no com as lanças, e tãe iraso  
 Tornado hã pouco estã, mas não meadosa.

Com tor na vãla os di, mas a natura  
 Firme, e agra não lãe compadecere  
 Que as costas de, mas antes nãe offensa  
 Das lanças se arremessa, que recostue:  
 Tal estã o cavallero que a verdada  
 Tãe co sangue albrero, ali perccere  
 Algis dos seus, que o animo valente  
 Perde a virtude contra tanta gente.

Sentia

Sentio laure a afronta que passava  
 Novo, que como sabio capião,  
 Tãto corria, e via, e a todos dand  
 Com profeso, e e palavras cor asue:  
 Qual perida Lãa fera e brava  
 Que os filhas que os mudo ses estã  
 Sentio, que em quanto pãla lãe buscava,  
 O pastor de Mafidã lãe fartava.

Corre rãiosa, e fronte, e com bramidos  
 Os montes sem brãidos as as e abala,  
 Tal loave com outros escahdos  
 Dos seus, correndo acade as primicias dãe  
 Os fortes companheiros, o jubidos  
 Cavalleros, a quem ardeus se ygoale,  
 Descendy vossas terras que a tisserança  
 Dãdber lãe, estã na vossa lança.

Valei me aqui, Rey vosso, e companheiro  
 Que entre as lanças e ficas, e os armetes  
 Das inimigos corra, e vos primicio  
 Prejay verdadeiros Portugueses.  
 Isto disse o magnanimo guerreiro  
 E supjando a lança quatro bezes,  
 Com força tira e deste ruído tiro  
 Muitos lanças, e o vãlo no fessito,

14 Por que

Por que eis os seus acfios nouamente  
 D'ũa sobre vergonha e horrores fizes  
 Sobre qual mais com a vida tratate,  
 Perigo vencerá do Marcio juro  
 Porfia te agrosferro a fogo ardente  
 Ruyas os valles primeiro, e peitos logo  
 A si recobem junto e dão feridas  
 Como a que a ja não des perder as vidas.

Amittes menlio ver o Efligio logo  
 Em cujo corpo a morte, e o ferro extraiu  
 O Mestre morre ali de Santiago  
 Que fortissimamente peijana  
 Morre tambem, fazendo grande estrago  
 Outro Mestre cruel de Calatrana  
 Os Porceiros tambem ari carregados  
 Marrem, arreuzgando o Ceo e os fados.

Muitos tambem do vulgo vil sem nome  
 Fão, e tambem dos nobres ao profundo  
 Onde o Trifante Cão per petua fome  
 Tem, do alar que passio deste mundo  
 E por por a eis aqui se amanse e dante  
 A soberba do vigo furibundo,  
 A jubileo banha a Castellana  
 Foy distribuda ao pé da Lusitana.

Aqui

Aqui a fera batalha se encoruce  
 Com maris, gritos, sangue e catilada  
 A multidão da gente que percor  
 Tem as flores da praoria cor malada:  
 La arcos e dãos e as vidas ja fubre  
 O fucar, e subejo as lançadas,  
 La de Castilla o Rey decharatido  
 Se ver, e de seu proposito mudado.

+2

O campo vey deixado ao vence-lor  
 Contento de lhe não deixar a vida  
 Segal no as que ficarão, e o tomar  
 Lhe da não pis, mas as as fugida:  
 Encobrem ao profundo peito a dor  
 Da morte, da fazenda despendida,  
 Da magoa, da desonra, e tralle vigo  
 De ver varem triumphar de seu despejo.

+4

Aqui não mullizendo e blifemendo  
 De primeiro que guerra fez no mundo  
 Outros a sede dura não calpain lo  
 Do peito cobijoso e furibundo:  
 Que por tomar o alar, a miseranda  
 Povo auctora q' as penas do profundo  
 Deixan lo tanto não panta e fofas  
 Sem filhos sem maridos de juro.

Ha

O vencedor lucrasse o dia  
 Castanhadas no campo, em grande gloria  
 Com offerta de spoas, e romarias  
 Ao gr. do deo a quem lhe deu victorias:  
 Mas Nuno que não quer por outras vias,  
 Entre as gentes deixat de si memoria  
 Se não por armas sempre soberanas  
 Pera as terras se passa Trásalgaras.

+6

Apulas seu de Nuno de manira  
 Que fez igual o effeito ao profanato,  
 Por que a terra dos Vandalos frustou a  
 Lhe coude o despojo e o vencimento  
 La de Suinta a Betica bandeira  
 E de varios jendares nũ momento  
 Se lhe derriba auz pio sem ter desfeza  
 Obrigados de força Portugusa.

+7

Destas e outras victorias longamente  
 Erão os Castellanos opprimidos  
 Quando a paz desejada ja da gente  
 Derão as ven. e dores auz vencidos:  
 Depois que quis o Padre omnipotente  
 Dar os Reis inimigos por maridos  
 Aos deos libaltrijosmas longestas  
 Gento, sermojas, pedras primasfas.

Nũ

Não sofre o prin forte ofeido na guerra  
 Não ter inimigo ja a quem faça dano,  
 E assi não temdo a quem denet na terra  
 Vay cometer as ondas do Oceano:  
 Este he o primeiro Rey que se desterra  
 Da patria por fazer que o Africano,  
 Conheça pollas armas quanto excede  
 A ley de Christo a ley de Mahomede.

Eu mil nadantes auz pelo argento  
 Da furiosa Tetis inquieto,  
 Abrindo as portas afas não ao vento  
 Pera onde Alides por a extrema nota:  
 O mont Abila, e o sobre fualamento  
 De Ceira tuma, e o torpe Mahometta  
 Deixa fora, e segura toda Espanha  
 Da italiana, má, e desleal manha.

Não consentio a morte tantos avros  
 Que de Heros tão ditoso se lograsse  
 Portugal, mas os coro: soberanos  
 De ceo supremo, quis que pouasasse:  
 Mas pera defençam dos Lusitanos  
 Deixou quem o leuoa, quem gouernasasse,  
 E aumentasasse a terra mais que dantes  
 Inclita geração, alus infantis.

Nũ

Não soy do Rey Duarte tão ditoso  
 O tempo que ficou na summa altizra,  
 Que ahi vey alternando o tempo iroso  
 O bem co' mal, o gozo co' a trizizra:  
 Quem viu sempre hum estado de tristosa!  
 Ou quem viu em fortuna ouer fomezza!  
 Pouca vida neste Reino, e neste Rey  
 Não isou a la tanto desta ley.

Vio ser captivo o seu filho irmao Fernando  
 Que a tão altas empresas aspirava  
 Que por salvar a povo miser ando  
 Cercado, ao Sarraceno fustregava:  
 Si por amor de patria está passando  
 A vida de seobar a feyta escrava,  
 Por não se dar por elle ha fuste Cruz  
 Mais o publico bem que o seu respecta.

Cedo por que o inimigo não venesse,  
 Deixou ouer vencer da morte a vida,  
 Regalo por que a patria não perdesse,  
 Que mais a liberdade ver perdese:  
 Este por que se Espanha não venesse  
 A captivico eterno se camese:  
 Co' bra, ouer Curcio, ouado por espanto  
 Nouos Deios leus fizerao tanto.

Mas

Mas Affonso do Reino vicio berliro,  
 Nave em armas ditosa, em nossa Hesperia,  
 Que a soberba do barbaro frusteiro,  
 Torceu em boca co' humilios miseria,  
 Fera por certo insulto canalicira,  
 Se não quizesse yr dar a terra Iberia:  
 Mas Africa ora ser impossibil,  
 Poder ninguem vencer o Rei terribil.

Este pode colher as maças de ouro,  
 Que fomento o Teruatis colher pode,  
 Do jogo que lhe poi o bravo Moura,  
 A terruzinda agora nem facode:  
 Na frente a palmu leua, co' o ver de louro,  
 Das villarias do barbaro, que acode  
 A defender dhuas fuste velle,  
 Tangere papaloso, e a dar de zella.

Porém ella em fim por força estrada,  
 Os maros abaxarão de Diamante,  
 As Portuguezas forças custumadas,  
 A derribarem quanto achão diante,  
 Maraudas em armas estremadas,  
 E de escriptura duas riez ante,  
 Fizerão canaliciras nella empresa  
 Mais, afforçado a fama Portuguesa.

Porém

Parcem despois tocado de ambição,  
 E gloria de mandar amara e bella,  
 Vay caminhar Fernando de Aragão,  
 Sobre o potente Reino de Castella,  
 Aponta-se a inimiga multidão,  
 Das soberbas e varias gentes d'elle,  
 Desde Caliz ao alto Penoso,  
 Que tal ao Rei Fernando cheira.

Não quis ficar um Reino ocioso,  
 O mancho leuvar, e logo ardeua  
 De ir ajudar o pay ambicioso,  
 Que então lhe foy ajuda não pequerua,  
 Sausse em fim do trance perigoso,  
 Com fronte não torçada, mas serena  
 Deberatado o pay sanguinolento:  
 Mas ficou duvidoso o decimento.

Porque o filho sabinte e soberano,  
 Gentil, forte, animoso e cavalleiro,  
 Nas contrarias fazendo incesso deo,  
 Tudo bem dia ficou no campo inteiro:  
 Delle arte foy vencido Ollaniano,  
 E Antonio decahir seu compadreiro,  
 Quando daquelles que César matarão  
 Nas Philipicos campos se virão.

Parcem

Parcem despois que a effluvia uice eterna,  
 Affonso apostou-se ao Céu sereno,  
 O Principe que o Reino então governou,  
 Foy loannes segundo, e Rei no Reno:  
 Este por ante fama sempiterna,  
 Mas do que tentar pode homem terreno  
 Tentou, que foy buscar da cruz a Aurora  
 Os terminos, que em sua bajança agora.

Manda seus entesageiros que passão  
 Espanha, França, Italia celebrada,  
 E le no illustre porto se embarcãõ,  
 Onde ja foy Partempe encerrado,  
 Napoli ante os olhos se mostrãõ,  
 Fegendo a varias gentes subjegada,  
 Pola illustre se no fim de tantos annos,  
 Co serbano de inclitos Ethiopios.

Pela mar alto Sicula navegão,  
 Vão se ao praia de Rodes arremessar,  
 E dali as ribeiras altas cheggão,  
 Que com morte de Magno seu sangue se;  
 Vão a Menfis, e as terras que se regão,  
 Das exultantes Niloticas rios se,  
 Sobre as Ethiopias, sobre Egipto,  
 Que de Chusillo ja guarda o juncillo rito.

Passam

Passou tambem as ondas Eritreas,  
 Que o povo de Israel sem Nas passou,  
 Ficou lhe atr as terras Nabateas,  
 Que o filho de humzel co nome ermeu:  
 As costas abariferas Sabear,  
 Que a ruy do bello Adonis tanto honrao,  
 Cretão, cantada a Arabia descuberta  
 Fidez, deixando a Pezra, e a Deserta.

Entrão no estreito Perfus, onde dura  
 Da confusa Babel, inda a memoria,  
 Ali co Tigre o Eufrates se mistura,  
 Que as fontes onde nascem tem por gloria  
 Dahi vão em demanda da agua pura,  
 Que cunsa inda sera de larza historia  
 Do ludo, pelas ondas do Oceano,  
 Onde nam se atreuo passar Trajana.

Vão as gentes incognitas, e estranhas  
 De ludo, da Germania, e Endrosia,  
 Vendo varios costumes, varios mambas  
 Que cada Região produz e cria:  
 Mas de marção asperas, tamambas  
 Tanto se facilmente não podia,  
 La uocação em fim, e la fiação,  
 Que as desejada patria não toruão in.

Parece que quer dano o claro ceo  
 A Manuel, e seus varrecimentos,  
 Esta empreza tão ardua, que o mundo  
 A subido e illustres mandamentos  
 (Manuel, que a loar facedes  
 No reino, e nos outros profavimentos)  
 Logo como tomou do reino cargo  
 Tomou, mais a conquista de mar largo.

O qual, como de nobre pensamento  
 Daquelle obrigaçõ, que lhe ficira  
 De seus antepassados, (cujos catrota,  
 Foy sempre acrescentar a terra clara)  
 Não deixasse de ser hum so momento  
 Conquistado. No tempo que a luz clara  
 Foy, e as estrellas ritadas que jura  
 A repouso comuldo, quando caem.

Estando ja deita lo em areos leito  
 Onde ymaginaçõs mais certas foy,  
 Quando se lo contava no comento  
 De seu officio, e sauzar a obrigaçõ,  
 Os olhos lhe occupou o sonno acerto  
 Sem lhe deixar par o coração,  
 Por que tanto que l'isso se alevantou  
 Mo foy deo varios surmas de apertou.



Aqui se lhe apresenta que subia  
 Tão alto que tocava ao prima Esphera,  
 Doude diante varios mundos via  
 Nações de muita gente estranha, e feraz  
 E las bem junto donde nasce o dia  
 Despin que os olhos longos estendera,  
 Via de antigos longinquos e altos montes  
 Nuestras duas terras e altas fontes.

Aqui avelles, seras e almorais  
 Prêlo monte selustino habitam,  
 Mil arcores hybustres e eruas variis  
 O passo e o trato aos gentes acabanãt  
 Estas das montanhas adorerarios  
 De mais covardiação por si mostram  
 Que desque Adão peccou aos nesses acores  
 Não a romperão nunca pês humanos.

Da terra se lhe avallia que faziã  
 Por elle os largos passos em fozando,  
 Douas banis, que muy vellos parecião  
 De aspeito, onde que avelles, jenerando  
 Da posturas cabellos de fuzão  
 Cacos, que o corpo todo não habando,  
 A cor da pelle baya e denegrida  
 A barba hirfuta, puzassa, mas comprida.

Dambos

Dambos de dona a fronte cernada  
 Ramos não cobrecidos e eruas finas,  
 Hum delles a presença traz cançada  
 Como quem de mais longe ali cantada,  
 E asia a agua com impeto alterada  
 Parecia que doutra parte vinha,  
 Bem como Affeo de Arcadia em Syracusa  
 Vay busjar os abraços de Arctusa.

Este que era o mais grave na pessoa  
 De llarte pera o Rey de longe brado,  
 O tu a caza riuos e coria  
 Grande parte do mundo este guardada,  
 Nas outras, seja fama tanto boa  
 Coja cerniz bem nunca sey demand,  
 Te avisanas que he tempo que ja mandes  
 A receber de nos tributos grandes.

En seu o illoste Gagey, que na terra  
 Celeste secho a herja verdadeira,  
 Elloutro he o ludo Rey, que nella ferra  
 Que viu seu nascimento tem primeiros  
 Custando nos com tudo dona guerra,  
 Mas ussi ludo tu por derradeiro,  
 Com não vestias vel rias seu recio  
 A quantas gentes viu por a si fero.

K 2 Não

Não disse mais a rei Mestre e seu filho,  
 Mas ambos despararam num momento,  
 Ajar la fima corleum non effante  
 E qvan le alter ação de penjar entos,  
 E los lra-niño Febo o claro mundo  
 Pello escuro Emissario jammodita:  
 Fygo a, uerubatus tro postando as obris  
 De pulchanda rosa e roris floren,

Chama o Rei as senhores a conselho

E propoz lha as figuras da rejaon,  
 As palar as lre d'z do fante velho,  
 Que a d'idos far lo grande admiração,  
 Determina o nautico apar elho  
 Pera que com sublime coraçõ  
 Vaa a gente que mandar cortando os maris  
 A buscar nouos chinas, nouos arcis.

Es que bem mal cuidava que em effeito

Se posses o que o peito me pedis,  
 Que sempre grandes coisas delle geyta  
 Presago o coraçõ me prometia  
 Não sey por que razõ, por que respito,  
 Ou por que bom final que em mi se viu,  
 Me p'z o d'lyto Rei nas mãos a chaus  
 Deje lo uenturoso grande, e' grande.

E com

E com rogo e' pulcras amorosas  
 Que he hã mundo nos Reis que a mais obriga,  
 Me disse As causas ardens e' laltrosas  
 Se ahação com trabalho e' com fadiga,  
 Faz as pessoas altas e' famosas  
 A vida que se perde e' que periga,  
 Que quando as me do infame não se rende  
 Então se memos dara, non se estende.

Es vos trubo entre todos esculido

Para bõs empresa qual a vos se deat,  
 Trabalho illustre, duro e' eslarajado,  
 O que en sey que por mi vos jera leat:  
 Não jefri mais, mas logo o Rey subido,  
 Acentar arme a ferro, a fogo, a uer,  
 He tão pouca por vos que mais me pena  
 Ser esta vida causa tão pequena.

Imaginay tambem as venturas

Quas Eurules a Aldeia metulmas,  
 O lido Cleonã, Arpias duras  
 O porco de Brimanto, a Ylo a branc  
 Dezer em sem as sombras d'ous e' estoras  
 Onde os campos de Dice a Estige lous,  
 Por que a mayor perigo, a mir affronta  
 Por vos, o Rey, o effeito e' uant he p'cripta.

K 3 Com

Com mezes sumptuosas me as andes  
 E com a zozura louca este ventoso,  
 Que a virtude louçada vive e cresce,  
 E o humor alva cefos persuade:  
 A acompanhar me logo se offerre  
 Obrigado de amor e de amizade,  
 Não me dá coligação de honra e fama,  
 O charo meo Leonão Paulo da Cunha.

Mim se me ajunta Nicolao Coelho  
 De trabalhos muy grande posseder,  
 Ambas sem de raba e de conselho  
 De experiencia em armas e furor.  
 Ia de marcha grata me aparelho  
 Em que crece o desejo do maler,  
 Toda de grande esforço, e assi parte  
 Que a tamarba conja se offerre.

Fora de Emanuel remunerador,  
 Porque com meo an e se apercebo fsem,  
 E com palavras ao os amados  
 Pera quantos trabalhos fce de fferre  
 Assi forão o Myrias ajuntados  
 Pera que o vero deurado combatoffem,  
 Na Fazienda nos, que onfos primiera  
 Tentar o our Exercicio, pcuraricia.

E ja no porto da inda Vozes  
 Com alacora inda, e com de fseja,  
 (Onde a boca me fura e brama a ta  
 Co juzgado Naxtao a doce Tijo)  
 As nua presica estia, e não refica  
 Temor acubum o uncal de fseja,  
 Por que a gente maritima e a de mara  
 Estão para se guardat a toda parte.

Pellas preparatadas es soldadas  
 De varias cores, tem, e de varias artes,  
 E não me a de esforço aparelhados  
 Pera bascar do mundo novas parites.  
 Nas fartes não os deitos se fcegadas  
 Oubrio os arios eiland aries,  
 Eilas prometem deudo os marci largos  
 De ser no Olimpo estellas como a de Argos.

Deffois de aparelhados de fta sorte  
 De quanto tal viagem pede e manda,  
 Aparelhados a alma pera a morte  
 Que sempre em nauas ante os olhos anda.  
 Pera o fuma poder que a Erberca com  
 So fceita se em dilla deuce anda,  
 Implor oour fuaor que em que offe  
 E que a fseja, co mejo a fseja.

Parti-meos a si, de qual te templo  
 Que nas Prats do mar está offentado,  
 Que o nome tem da terra, pera exemplo,  
 Doude Deus foy em carne ao mundo dado:  
 Certifico te, o Rey, que se contemplo  
 Como foy de ftes pragas apartado,  
 O foy dentro de d'uaide e receyo  
 Que apenas nas meas oibos pando o foye.

Agente da cidade aquelle dia  
 (Hão por amigos, outros por parentes,  
 Outros por ver fantezes) concurrea  
 Saudosos na vista e de fteocurea  
 E nos com victuofa companhia  
 De mil relogiosos diligentes,  
 Em proffeffion folente a Deus erande  
 Pera as batris vitimas caminhando.

Em tão longo caminho e d'uaidefo  
 Por picadas as gentes nos julgando,  
 As molheres com choro piadofo,  
 Os homens com fufpiras que arrastamões  
 Mãos, E ftejas firmes, que a temerofa  
 Amor mais de fteofas, acrecentamões  
 A deffeparação, e fteio mefo  
 De ja nos não tornar a ver tão cedo.

Qual

Qual vay de gente: O filho a quem eu tinha  
 So pera refrigerio, e docer empuro  
 D'elle caufado ja rebite minha,  
 Que em choro acabarã, penfo e amara:  
 Por que me deixas, misera e me zambal  
 Por que de mi te vas, o filho choro  
 A fazer o fuyeres enterrado  
 Onde ftejas de pezes montimado!

Qual em cabelle: O doce e amado effofo  
 Sem quem não quis amar que viver poffa,  
 Por que te aventuras ao mar orfofo  
 Effa vida que te minha, e não te voffa!  
 Como por hum caminho d'uaidefo  
 Vos ef queir a afre, tão cto doce voffa!  
 Noffo amar, poffo não contentamento  
 Querreis que com as veilas lras a voffa.

Nestas e outras palmaras que dizão  
 De amar, e de piadofo humoridade,  
 Os velhos e orminhar os ftejofo  
 Em quem meos e fteforço pol a ydade:  
 Os montes de mais pezes respondão  
 Quafi movidos de alta piadafo,  
 A branca areia as lagrimas banhando  
 Que em multido coelho se yzaleão.

Nas

Nas entres fins a vella adelantadas  
 Nom a Mily, pois a Espoja, por ficada,  
 Por nos não meçarmos, por mudarmos  
 Do prepouso fimo começado;  
 Determinary de affinas eudarcarmos  
 Sem o despetimento mil emado,  
 Que possa que he de amor e saia boa  
 Aquem se aparta por sua, mais meçada.

Mas heu vella despeito ventran lo,  
 Que se ama nas prezas, entre a gente,  
 Pofsa, em nos os olhos, meçando  
 Tres vezes a cabeça de frontente,  
 A voz pesada heu pouco adelantado,  
 Que no no mar casimas claravante,  
 Com saber se dex pericunio feyto  
 Tais palmas as rivas do xproso peito.

O gloria de mandar p'ra v' cubija  
 Dey a v'ra d'atya quem e chamadas Fama,  
 O franditico casto, que se atiga  
 Cha avra popular, por buona se chama:  
 Que castro tamanto e que pofsa,  
 Jaz no p'nto que muito te ama,  
 Que m'giles que perigos que te mantas  
 Que d'uchlar, v'elles e p'ramen as.

Dura

Dura inquietação do luo e de v'ila  
 Fante de desampares e alubrios,  
 Sagaz, confumidara e cobrada  
 De fagradu, de reinos, e de caprius  
 Chamante illustres, chamante sabida,  
 Sendo luo de infames p'cuprius,  
 Chamante Fama, e Gloria soberana,  
 Nome com quem se o pouo se se o ergua.

A que nome de saires determinas  
 De leuar estes reinos e esta gente!  
 Que perigos, que mortas he de l'has  
 Debaxo dalguns nome premiante!  
 Que promessas de reinos, e de mias  
 Douro, que he fazer eio facilmente!  
 Que favas he prometeras, que historias!  
 Que triumphos, que palmas, que v'lorias!

Mas e tu geracão daquella infano  
 Cuyo peccado e de subedencia,  
 Não somente do reino soberano  
 Te por neste desferro e triste asfencia  
 Mas emle dentro estado mau que l'vencas  
 De quita e de sempre innocencia,  
 He de douro, parto te pr'vica  
 Que na de ferro e de duras te ditica.

la

La que nella gressosa vitalidade  
 Tanta violencia a leu fantasía,  
 La que sa bruta cruexa e ferocidade  
 Pajella nunc esforço e valencia,  
 La que prezo em tanta quantidade  
 O desprezo da vida que deusa  
 De ser sempre estimada pois que ja  
 Tenho tanto perdido quem a dá.

Não tem junto comtigo o Hinnachita  
 Com quem sempre teras guerra e peleja?  
 Não foge elle do Arabio a ley malhada,  
 Se tu pella de Christo fo peleja?  
 Não tem cidade mal terra infinita,  
 Se terras e riquezas mais de seja?  
 Não he elle por armas esforçado  
 Se queres por villarias ser leuado?

Deixas criar as portas o inimigo  
 Por yre baixar outro de tão longe,  
 Por quem se desposou o reino antigo  
 Se enfraqueça e se váa deitando a longe.  
 Bafias o maris e incerto perigo  
 Porque a fumate exalte e te lizange,  
 Chamando te seubar com larga copia  
 Da India, Persia, Arabia, e de Estippia.  
 O maldito

O maldito o primeiro que no mundo  
 No aual da bella pia te seio leudo,  
 Dias da eterna pena do profundo  
 Se he justa a justa ley que sezo e teudo.  
 Nunca payte algum dia e profundo,  
 Nem cyphara saurez pa vno cogitudo,  
 Te de por isso fuma nem memoria,  
 Ma contigo se acabe o nome e gloria.

Trauxe o filbo de Lapeto do Coo  
 O fogo que ajunta em peico humana,  
 Fogo que o mundo em armas accendeo  
 Em mortes, em despozas (grande cogitudo).  
 Quanto milhor nos fara Prometeo,  
 E quanto pera o mundo menos dano,  
 Que a tua estatua illustre não tivera  
 Fogo de altas deyrjes que a mouera.

Não cometera o moço miseravello  
 O carro alto do pay nem o ar deyris  
 O grande Architector co filbo dando  
 Hum nome ao mar, e o outro, fama ao rio,  
 Nenhum continente alto e nefandulo  
 Por fogo, ferra, agua, calmas e fero,  
 Deixa entretudo a humana perçoção  
 Misera parte, estorbo (confusão).  
 F I M.

## Canto Quinto.



## Stas sentenças tais

o velho honrado

Viciferando estava, quando as  
brimas

As afas ao jerecu e poffezalo  
Vento, e do porto armado nos partimos;  
E como he ja no mar costume usado  
A velha de fraldando o rei ferimos,  
Dizendo Boa viagem, logo o vento  
Nos troncos fez o usado movimento.

Entrava neste tempo o eterno lume,  
No animal Nemejo truco cento,  
E o mundo que com tempo se consume  
Nos sessa idade ándama coferno e hostei;  
Nella ve, como tinha por costume  
Carpas do Sol quatro e vezei cento,  
Com mais muerda e fei, em que corria  
quando no mar a armada se estendia.

La a vella pouco e pouco se dellerra  
Daquelle patrio montes que ficavão,  
Ficava o choro Trijo, e a frefca terra  
De Sierra, e nella os olhos se alongavão;  
Ficavamos tambem as amas da terra  
O coraço, que as magras li dhyracão,  
E ja depois que toda se effon leo  
Não tivemos mais em fim que mar e ceo.

Affo fomos abriendo a quelle mares  
Que geracão alguma não abrio,  
As novas ilhas vendo, e os novos ares,  
Que o generoso Euri, que descobrio,  
De Mauritania os montes e bezares  
Terra que antes num tempo possujo,  
Dizendo as mãos ex guerdas, que as decita  
Não ha certeza doutra, mas suspicita.

Paffamos a grande ilha da madeira  
Que do muito aruente affo se chama,  
Das que nos ponhamos, a primeira,  
Mais celebre por nome, que por fama;  
Mas gem por ser do mundo a derradeira  
Se lhe amentação quartas Vento ama,  
Antes sendo ella sua se effuquera  
De Cyro, Guido, Pafio, e Cathira.

Deixamos de Massilia a fértil costa  
 Onde seu gado es Azegues pastão,  
 Gente que os fregues agoras nunca gofía  
 Nem as terras do campo bem lhe abastão.  
 A terra a veul um fructo em fim de posta,  
 On le q' aucto no ventre o ferro gallão,  
 Paderculo de tudo extrema inopia  
 Que aparta a Barbaria de Etiopia.

Passamos o limitt onde chega  
 O Sol, que pera o Norte os carros guia,  
 Onde jazem os povos, a quem nega  
 O filho de Clinias a cor do dia.  
 A qui gentes estranhas lana es rega  
 Do negro Samagã a corrente fria,  
 Onde o Cabo Arsinario o nome perde  
 Chamando se dos nefses Cabo verde.

Passadas tendo ja as Canareas ilhas  
 Que tiverão por nome Fortunadas,  
 Entramos navegando pelas ilhas  
 Do velho Hesperiã, Hejperidas chamadas.  
 Terras por onde veem as maranhãs  
 A veloz vento ja nosso armadas,  
 Ali turamos porto com bom vento  
 Por tornarmos da terra inanimados.

A quella

A quella ilha apartamos, que tomou  
 O nome de guerreiro Sarcitago,  
 Saudo que os Espalhoes tanto ajudou  
 A fazerem nos Moutros hano e frago.  
 Daqui tanto que Bortas nos ventou  
 Tornamos a costar o immenso lago,  
 Do salgado Oceano, es ashi drocamos  
 A terra onde a frescos doce abamos.

Por aqui rodeando a larga parte  
 De Africa, que ficava ao Oriente,  
 A provincia labiso, que reparte  
 Por diversas naçõs a negr a gente.  
 A muy grande Mandinga, por cujo arte,  
 Logramos o metal rico es luzente,  
 Que do curuo Gambia as aguas bebe  
 As quaes o largo Atlantico recebe.

As Dorcadas passamos povoadas  
 Das lemas, que outro tempo ali vivão,  
 Que de villa total fructo primadas  
 Todas tres ilhas se abas se feruão.  
 Ta se, ta cujo traxas enres padas  
 Neptuno la vin aguas acendão,  
 Tornada ja de todas a mais fea  
 De buotas enche se a ardeite area.

L. Script



Sempre em sua terra o Astro a aguda proa  
 Na grandissima golfão nos mactinos,  
 Delixando a terra asperissima Lyoa  
 Co Cabo a quem d'ago Palmas nome deu;  
 O grande rio, onde bateu a sua  
 O mar nas praias notas, que ali tomou,  
 Ficou, co a ilha illastre que tomou  
 O nome d'ouro que o ludo a Deus tomou.

Ao o uny q' aude ergua esta de Congo  
 Por me ja conuertido á foz de Orillo,  
 Por onde o Zaire passa clara e largo  
 Rio pellos antigos noma rillo.  
 Por este largo mar em fim me alonga  
 Do cabeçudo pollo de Culyo,  
 Tenho o termino ardente ja passado  
 Onde o mejo do mundo he luytado.

Le descuberto tinh'as dias  
 Le up' novo Hemispherio noua estrella,  
 Não vista de out' a gente, que ignora a terra  
 Algũ tempo este se incerta do dia  
 Vimos a puzte verna e uelante  
 E por falta d'estrellas meua bella,  
 Do Polo fixo, onde in da se não sabe  
 Que out' a terra comcoi, ja mar acabe.

Assim passando aquellas regiões  
 Por onde duas vezes passa Apolo,  
 Duas interuas fazendo e duas verbas  
 Em quanto corre d'hum ao outro Polo  
 Por calmas, por tormentas e apestões  
 Que, sempre faz no mar o grande Eolo,  
 Vimos as Pefas a pesar de luto  
 Bañar emj nas aguas de Neptuna.

Cantate longamente as perigosas  
 (as foz do mar, que os homens não entendem,  
 Subido de trovoadas tempestuosas,  
 Relampagos que a ar em fogo ardemem;  
 Negros chuveiros, nubes tenebrosas,  
 Brancidos de trovoadas que o mundo fendem,  
 Não meuo he trabalho, que grande erro  
 Auda que tuiffe a voz de ferro.

Os casus vi que os rudes marinheiros  
 Que tem por mestra a longa experiencia,  
 Contão por certos sempre e verdadeiros  
 Julgando as cousas se pollos apparencia,  
 E que os que tem juizos mais marinos  
 Que se por puro engano e por creencia,  
 Vem do mundo ja p'cedidos e contados  
 Julgo por falsos, ja mal agradados.

Vi dar arente visto o lume vivo

Que a maritima gente tem por santo,  
 E a tempo de tormenta e vento el'pinho  
 De tempo a tale escuro e triste pranto:  
 Não meo soy a todas eor'sinas  
 Mel' que, e' coisa certa de alto espanto,  
 Ver a nau de mar com largo cavo  
 S'aver as altaz agias do Oceano.

Ea o vi certamente, e' não profano

Que a tri'la mar e' organa' deusar se,  
 Não se hão vaporz'ulo e' fútil fumo  
 E de vento teaz'ido, redar se  
 De a'que levado dum caso ao Polo sumo  
 Se não, não delgado que encurzarse  
 Deo'ltos fact'amente não podia,  
 Da materia das nau's porcia.

Ha se pouco e' pouco acrescentado

E mais que hum larzo mais se encurzasse,  
 Aque se estrecia, aque se alarga, e' tudo  
 Os golpes grandes de agua em si chapasse  
 Estresse co' a en'la en'heando,  
 Encima delle hãa usarem se estressano,  
 Feg'ral se mais, mais encurzada  
 Co' cargo grande dogos em si remada.

Qual

Qual roxa Sanguefuga se veria

Nas beijas da almaria ( que imprudente,  
 Bebendo a recolbo na fonte fria)  
 Fartar co' jangue albejo a se de a dente:  
 Chapando mais e' mais se encurzasse e' cria,  
 A se exibe e' se alarga grandemente,  
 Tal a grande colera, bebendo a recolbo  
 A si, e' a nuvem negra que se fienta.

Mas depois que de todo se fartou

O pe' que tem no mar a si recolbo,  
 E pello ero abanendo em fim recio  
 Por que coa' agua a jacente agua malbe:  
 As ondas torna as ondas que tomou  
 Mas o sabor do sal lhe tira, e' tolbo,  
 V'ção agora as sabias na escriptura  
 Que feg'ral'os sam elles de Natura.

Se os antigos Philosophos, que andado

Tantas terras, por v'ns feg'ral'os delles,  
 As mar anilhas que eu passei, passado  
 A tão d'uerjas ventos dando as vel'ac  
 Que grandes escripturas que deixado  
 Que instrução de furos e' de estrellas,  
 Que estirabozas, que grandes qualidades,  
 E tudo sem mentir que as verdades.

L 3

Mas

Mas ja o Planeta que no ceo principia  
 Habita, semo tezes apressada,  
 Agora meyo caldo, e po a meya  
 Murcha a, em quito o mar cozeja a armada.  
 Quanto da Estréia para hum maralheira  
 Pra que tua vista, terra, terra, brada,  
 Salta no bordo alvar, e la a ge-ate  
 Coz o bruno Ori zonte do Orizate.

A marinha de nuvis se começão  
 A descubrir as montes que entrez amos,  
 As ancoras pesadas se adereção,  
 As velhas ja chegado amainam os  
 E pera que mais certis se combeção  
 As partes são remota ante o flanco,  
 Pello meu instrumento de Astrologia  
 Invenção de futil juizo e sabio.

Desembarcamos logo na espiasta  
 Parte, por onde a gente se espalhou,  
 De ver asq- a estradas se despoja  
 Da terra que asper para não sefoja  
 Parem eu conselhos na marinha  
 Pra que, por decais em que parte eston,  
 Me decaiba, em tomar do sol a altura  
 E compozer a triunfal puzura.

Achamos ter de todo ja passado  
 To Semisapros peze a grande meta,  
 Estando entre elle e o circulo gelado  
 Austral, por te do mundo mais secreta:  
 Fin de meus compaheiros rolando  
 Vijo hum estranho vir de pelle preta,  
 Que comião per forza, com quanto apasba  
 De mel as dentes faveis na montanha.

Tornado vem na vista, como aquelle  
 Que não se vira nunca em tal estremo,  
 Nem elle entrado a me, sem me a elle,  
 Selvagem mais que o bruto Polifemo;  
 Com o olho a mostrar da rica pelle  
 De Cobo o gentil mortal supremo,  
 A peza fina, a quente esprecuria  
 A nada dillo o bruto se moua.

Mando mostrar lhe peças mais sumtuas  
 Contas de Christallos transparentes,  
 Alguns jaentes cascaus pequenios,  
 Hum baquete de vermeillo, por contentes:  
 Vahgo por fuma e por acena  
 Que com isto se aboga a grandevence  
 Mando o saltar com tudo, e assi cavamba  
 Pera a poucação, que perto tinha.

Mas logo ao outro dia fero parciais  
 T'alas nã, e de cor da t'feara treas,  
 Drezado pellos a peros outros  
 As peras vem bajar que e' ftoatro leas:  
 Domestico ja tanto e' compaubeiros  
 Se nos mesteão que fazem que se atreua,  
 Fernão Velloso a pr ver de terra o trato.  
 E parte se co elles pello mata.

He Velloso no braço confiado

E de arrogante cre que vey segura,  
 Mas , sendo t'um grande espaço ja passado,  
 Em que algum bom final saber procura.  
 Estando a vista aliada co enulado  
 Não aucturayro, no pello monte duro  
 Apertre, e' jogando co mar caminha.  
 Mais apressado do que fora vinha.

Obatel de Castello foy de pressa

Podlo tomar, mas antes que chezasse,  
 Hum Etiopie casado se arrecessa  
 A elle porque não se lhe escazasse:  
 Outro e' outro lhe sacra vesse em pressa.  
 Velloso sem que alguem lhe ali ajudasse,  
 Acudo eu logo, e' em quanto o remo apertó.  
 Se malta a hum bando negro de foberto.

Da.

Da' pessa nuaem ftao e' p'le p'ado  
 Ocuem sobre nos outros sem medala,  
 E não ferão ao vento em vão deitalo  
 Que ella perna trouxe en dal' ferida.  
 Mas nos como pessos magoados  
 A resposta lhe deuas i' lo' ocido,  
 Que em mais que nos barretes se foficida  
 Que a cor vermicelha leuão de ftao fida.

E fendo ja Velloso em saluamento

Logo nos recalhevos per a a arma da,  
 Vendo a malicia fca e' rudo intento  
 Da gente bestial, bruta e' maluada:  
 De que os nob' um malhor combeciamento  
 Podemos ter d' a ludia de f'jada,  
 Que e' f'ramos inda mayor logge della.  
 E a f'itorney a dar ao vento a bella.

Diffe então a Velloso hum compaubeiro

(Começando se tolde a farrir)  
 Oula Velloso amigo, aquelle outro  
 He millhor de decer que de subir.  
 Si he, responde o casado aucturayro  
 Mas quando tu pera ca tri tentos vier,  
 Daquelle cas, de pressa hum pouco vier  
 Por me lembrar que e' f'lanco co f'ron nio.

Continua.

Contou então que tanto que passarão  
 Aquella noite, os negros de quem fallo,  
 Avante mais passar o não deixarem,  
 Querendo se não tornarem a matar:  
 E tornando se logo se emboscarão  
 Por que sendo nos para tomallo,  
 Nos pôdeffem mandar ao reino escuro  
 Por nos combarem mais a seu feitura.

Porém já cinco Soes erão passadas  
 Que dali nos partiramos, cortando  
 Os mares nunca a destreza navegados,  
 Prosperamente os ventos aspirando:  
 Quando bñs vimos estando de fadigas  
 Na cortadura proua vizando,  
 Hũa nuvem que os arcos escurece  
 Sobre as suas cabeças apparece.

Tão temerosa vinda e carregada,  
 Que nos nos corações bñm grande medo,  
 Bravidade o rugir nos se longe brada  
 Como se disse em não valgem os leões:  
 O patifado, disse, sublimado  
 Que ameaço dentro, ou que se prende,  
 E se clama, e este mar nos apresenta,  
 Que não coisa parece que tormenta!

Nã

Não acabava, quando bñs figura  
 Se nos moitra no ar, rubesta e valida,  
 De disforme e grandissima estatura,  
 O rosto carregado, a barba esqualida:  
 Os olhos encovados, e a postura  
 Melancholica e mais, e a voz terravel e palida,  
 Cheia de terra e crespos os cabellos,  
 A boca negra, os dentes amarellos.

Tão grande era de membro, que bñm posso  
 Certificarte, que elle era o segundo  
 De Rolo, e tão nobilissimo Cozido,  
 Que bñm dos sete milagres faz do mundo:  
 Com tanta de voz nos falia barbaudo e grosso  
 Que parece sair do mar profundo,  
 Arrepção se as carnes e o cabelo  
 A um, e a todas, foz de onas lo e vello.

E disse: O gente casada mais que quereis  
 No mundo cometerão grandes conjuas,  
 Tu que por guerras e cruas pates e tantas  
 E por trabalhos vñas nunca repuscas  
 Pão as valadas terminas quebrantadas  
 E muezar meus longos mares o fozas,  
 Que eu tanto tempo he ja que guardo, e tenho  
 Nunca aradas de trabalho, ou proprio lembra.

Pois

Pois ven ver os segredos escondidos  
 Da natureza, e do humido elemento,  
 A ventura grande humano concedido  
 De nobre, ou de immortal interimento:  
 Ouve os danos de mi, que apercebidos  
 Estão, a teu sobreintendimento,  
 Por tudo o largo mar e pella terra  
 Que inda has de sojgar com dura guerra.

Sabe que quantas naos esta viagem  
 Que tu fizeste fizeres de atrevidas  
 Inimiga teão ella por viagem  
 Com ventos e tormentas desmedidas  
 E da primeira armada que possizes  
 Fizeste por estas ondas insfrendidas,  
 En fary deo prouiso tal castigo  
 Que se ja não a dano que o perigo.

Aqui espero tomar se não me engano  
 De quem me desicobrisa fuma vingança,  
 E não se acabará se não o dano  
 De vossa pertinace confiança:  
 Antes em vossas naos verrey cada anno  
 Se he verdade o que meu juizo alcança,  
 Nas fragias, por depois de toda sorte,  
 Que o menor mal de todos seja a morte.

E de

E da primeira Ulfset, que a ventura  
 Com fama alta fizeste tocar os Cae,  
 Serpentina e mona sepultura  
 Por pazis incognitas de Deo:  
 A que porá da Turca armada dura  
 Os soberbas e prosperos triumphos,  
 Comira de seus duros a ameaça  
 A delirada Quiba com desobediça.

Outro tambem virá de humada fama  
 Liberal, canelero, prouiso a lo,  
 E confizo trará a sermosa dama  
 Que Anor por gram merce lhe terá dado:  
 Trefte ventura, e negro sa lo os chama  
 Neste terreno meo, que duro e yralo,  
 Os dixerão abom crú a infrazis tuas  
 Para verem trabalhos necessarios.

Verão morrer com fume os filhas charas  
 Em tanto amor giralos e nacidos,  
 Verão os Cafres alpeiros e auroes  
 Tirar as lulas da mo fuma vestidos.  
 Os creól duros me abros e percliar  
 As calas, as fuma, as ar rucio despidos,  
 Depois de teu pisada haizamente  
 Com delicados pú a arca ar deute.

E deão

E verão mais os olhos que escaparem  
 De tanto mal, de tanta desventura,  
 Os dois amantes misero ficaram  
 Na ferida e implacabil effusão  
 Ali depois que as pedras abençoaram  
 Com lagrimas de dor de meoza para,  
 Atr' aquelles as almas saltaram  
 Da ferrosa e infernal prisão.

Mais hia por diante o monstro horrendo  
 Dizendo nesses fados, quando aliado  
 Lhe disse eu Quem es tu? que esse estupefido  
 Corpo, certo me tem maravilha.  
 A boca e os olhos negros recarando,  
 E dando hum espantoso e grande brado,  
 Me respondeo com voz pesada e amara  
 Como quem da pergunta lhe pejava.

Eu sou aquelle occulto e grande Cabo  
 A quem chamam tres outras Tormentarias,  
 Que nuncia a Promontorio, Panopio, Espirito,  
 Pario, e quintos passasão foy victoria.  
 Aqui toda a Africana costa acaba  
 Neste meu nuncia disto Promontorio,  
 Que por ao Polo Antartico se estende  
 A quem d'esse conselho tanto offende.

Foy dos fillos asperrimos da terra  
 Qual Esceludo, Egro, e o Continaco,  
 Chouvine Almagostor, e foy na guerra  
 Contra o que vibra os raios de Vulcan:  
 Não que possesse terra sobre terra  
 Mas conquistando as unhas do Oceano,  
 Foy capitão domar, por onde andava  
 A armada de Neptuno, que tu buscas.

Ancores da alta esposa de Peleo  
 Me fizeram tomar tamanha empresa,  
 Todas as Deusas desprezando do ceo  
 So por amar das aguas a Princesa:  
 Hum dia a vi com fillos de Nerco  
 Sayr nua na praia, e logo pecha,  
 A ventale fusti, de tal maneira  
 Que inda não fusti coisa que mais queira.

Como foyse impossibil alcançalla  
 Pella grandeza foy de meu gesto,  
 Determinoy por armas de temalla  
 E a Doris este caso manifeste.  
 De modo a Deusa eu não por mi lhe fallar  
 Mas ella com firmeza rijo humelto,  
 Respondeo: Qual ferra o amor bastante  
 De Nymphas que sustente o lobo Gigante.

Com tudo por lavar a mão o Oceano

De tanta guerra em buscarey manira,

Com que com minha boca afeite o dano,

Tal resposta me torua a mefajadura:

Em que cair não pude uelto engano,

(Que he grande dos amantes a inguira)

Escheria-me com grandes abundancias

O peito de deijos e esperanças.

La nefcio ja da guerra desfilando

Húa noite de Doris prometida,

Me apartar de longe o gesto linho

Da branca Thetis truca de fidalgo:

Como dando corri de longe abreindo

Os braços pera aquella que era vida

De ste corpo, e comego a olhar bellos

Alto beijar as faces e as cabellos.

O que não sey de neço como o conte

Que crendo ter nos braços quem amava,

Abraçado me achey cum duro noite

De afpero mato, e de espessura branca:

Estan lo cum peudo fronte a fronte

Quem palla rosto avelino apertava,

Não siques lo meo não, mas mudo e quido

E junto a hum peudo outro o peudo

O nympho

O Nympho a mais severosa do Oceano

Lo que minha presença não te agrada,

Que te inflama ter-me neste engano,

Ou fosse maior, nunca soubo, se nada:

Daque me parto irado, e quasi infuso

Da magoa e de dejoura ab passado,

A bujar outro mundo, e de não visse

Quem de meu peanto, e de meu mal se risse.

Erão ja neste tempo meus irmãos

Vencidos e em miseria elle uma postas,

E por mais segurar-se os Deuses vãos

Algo a varios montes sette postas:

E como contra o Ceo não uallem mãos,

Eu que chorando andava meus desgostes,

Comegay a sentir do fado inimgo

Por meus atreuimentos o castigo.

Conuertefeme a carne em terra dura,

Em pedras os ossos se fizeram,

Estes membros que des e elle figura

Por estas longas aguas se elevou ao:

Em fim minha gran hysima estrutura

Neste remoto cabo conuertido

O Deuse, e por mais dobradas magoas

Me anda Thetis cercando destas aguas.

M. A. S.



Assim costava e com medonho choro  
 Subito dante os olhos se apartou,  
 De fôr se a nuvem negra, e com fôrera  
 Bravido, muito longe o mar fôrera  
 Em levantando as mãos ao fôrero coro  
 Das Anjas, que tão longe nos guicou,  
 A Deus peidi que remettesse os dardos  
 Castos, que Adamastor costou fôreros.

Le Phlegon, e Pyrois vinão tirando  
 Coz outros dois o carro radiante,  
 Quando a terra alta se nos fôr moito ando  
 Em que fôr convertido o grão zigante.  
 Ao longo de sta casta, começando  
 Le fôr cortar as ondas do Levante,  
 Por ella abaixo hum pouco navegamos  
 Onde segunda vez terra tomamos.

A gente que esta terra possuye  
 Pôso que taes Estropes erão,  
 Mas humanos no trato portuay  
 Que os outros, que são mal nos receberão  
 Com baldos e com fôr de algria  
 Pella praya arcuosa a nos dierão,  
 As mulheres confizo e o mar fôr zado  
 Que apurou não, gordo e bem criado.

As mulheres qatinadas trem encina  
 Das vez arafes boi, ab pentadas  
 Animas que elles temem mais effina  
 Que todo o outro gado das marvidas:  
 Cantigas pastoras em profa, ou rima,  
 Na sua lingua cantão concertadas,  
 E dize sem das ruiditas avaras  
 Imitando de Titiro as Camaras.

Estes como na vista prazentivos  
 Fôrsem, humanamente nos tratamos,  
 Trazendo nos galubas e carnicios  
 A treco doutras peças que leuamos:  
 Mas como nunca em fim meus companheiros  
 Palsura sua algria nos alcançamos  
 Que de fôrte algum sinal de que buscamos  
 As veitas dando, os ancoras leuamos.

La aqui tinhamos dade hum grão radiço  
 A castrã negra de Africa, e tornava  
 A proa a demandar o ardente negro  
 Do Ceo, e polo Antartico fôrava  
 Aquelle libro draxamos, onde vejo  
 Outra armada pringosa, que buscaua  
 O sul menoro Cabo, e de fôrto certo,  
 Nequelle abto se z fôrto certo.

Da p' si fozas cortas lo muito dias  
 Entre tormentas r' l'has e' banhaças,  
 Não larga mar fazendo ondas vias  
 Soa a voz r'idos de arduas e' p'raças:  
 Co mar hum tempo aulou nos em porfias  
 Que como tudo se lhe sam mudanças,  
 Corrente nelle achamos t'ão possante  
 Que passar não deixamos por diante.

Era mayor a força em demasia  
 Segundo p'ra tras nos obrizana,  
 Do mar que c'astro nos ab'corria  
 Que por nos a do vento que a'ffoprava:  
 Injuriado. Voto da porfia  
 Em que co mar ( parece ) tanto a'flama  
 Os a'ffp'ros e' fuz' a' iradamente  
 Com que nos fez venhar a gr'ão corrente.

Trazia o Sul o dia celebrado  
 Em que tres Reis das partes do Oriente,  
 For'ão buscar hum Rey de ponto nado  
 No qual Rey outras tres ha' juntamento:  
 Neste das outras porto soy tomado  
 Por nos da mesma ja' costada gente,  
 Nem larga rio, co qual o nome deuas  
 Do dia em que por elle nos usamos.

Della

Desta gente refresco alguns tamanhos,  
 E do rio fresca agua, mas com tudo  
 Nenhum final aqui da India achamos  
 Não posso tam nos outros cast' mudo:  
 Ora té Rey quememba terras andamos,  
 Sem sair nunca deste ponto rudo,  
 Sem vermos nunca n'uma p'ra final,  
 Da desfejada parte Oriental.

Ora imagina agora quem coitades  
 Andamos todos, quem perdidos,  
 De fomes de tormentas que br'astades  
 Por climas e' por mares não sabidos:  
 E do esperar comprido t'ão confusos  
 Quanto a desesperar ja' compellidos,  
 Por que não naturais de qualidade  
 Inimiga de nossa humanidade.

Corrupto ja' e' danado o mantimento  
 Danoso e' não ao fraco corpo humano,  
 E além disso nenhum contentamento  
 Quasi que de esperança fosse engano:  
 Creto que se este v'osso a'partamento  
 De soldados não fora Lusitano,  
 Que durará c'ell' tanto obediente  
 Por ventura a seu Rey e' a seu regente!

M 3 Crei

Creu tu que ja não seião levantados  
 Contra seu capião se os resistira,  
 Fuzendo se Piratas obrigados  
 De desesperaçõ, de fome, de arida  
 Graue lemente pareceris estão precizados  
 Pois que arduo trabalho grande os tira  
 Daquelle Portoguesa alta excellencia  
 De lealdade firme, e obediencia.

Deixas lo o porto em sua do doce rio  
 E tornando a cortar a agua salgada,  
 Fuzendo desta colta algum destino  
 Destando para o peço todo a armada:  
 Por que tentado Nota manso os frães  
 Não nos apañasse a agua do estrado,  
 Que a colta faz ali daquelle banda  
 Donde a rica Sisalia osão vigada.

Esta passãda, hego o lino lino  
 Entomendado ao sacro Nicolão,  
 Pera onde o mar na colta brada os gemos  
 A proximidade deãa os dostra nãos  
 Quando into o coraçõ que espanta os tenos  
 E que tanto foz abom frães por,  
 Do que esperava ja de se sperado  
 Foy aliãa novidade alho, aliãa

E sey

E sey, que estando ja da colta perto  
 Ondas prazas os valia bem se vião,  
 Nam ra, que ali far ao mar aberto  
 Entre as vela extenuãõ os seião.  
 Alegria muy grande foy por certo  
 Achamos ja se fozes que sabião  
 Nãos, q. por que entrelas esperamos  
 De achar nosos algia, como a barcos.

Ethiopes sam todos, mas parece  
 Que com gente melhor communicãõ,  
 Pelos a algia Arabia se conhece  
 Entre a luzozem sua que saluãõ.  
 E com povo delgado que se tece  
 De algodã, os cabes a apertãõ,  
 Com otro que de tinta az, el se tinge  
 Cadabran as dos gombosas partes corge.

Pella Arabica lingua que mal salia,  
 E que Frenão martinez muy bem entende  
 Dizem, que por nos, que em grãde za zualia  
 As nosas, o seu mar se corta os fozes,  
 Mas que lo donde se o Sal, se abalio  
 Pera onde a colta ao Sal se alarga, os estende,  
 E do Sal pera o Sol, terra onde aua  
 Crece asfi como na da cor do dia.

M 4 Muy

Mas grandemente aqui nos alegramos  
 Com a gente, e com as novas muito mais.  
 Pellos finais que neste rio achamos  
 O nome lhe ficou dos bons finais.  
 Haun padreão nesta terra aluauamos  
 Que para afroular lagartas tais  
 Trazia algem, o nome tem do bello  
 Criador de Tobias e Gabriel.

Aqui de limos, castas e de rios,  
 Nojosa trição das agoas fundar,  
 Alomparras as ruas que dos caminhos  
 Longos do mar, veus ferdidas e immundas.  
 Das espaldas que tinhamos vizinhos  
 Com nossas apra zimas e jocosas,  
 Ocuramos sempre o estado mantimento  
 Longos de todo o falso pensamento.

Mas não soy, das esperanças grande e immensa  
 Que nesta terra auencem, limpa e pura  
 A alegria mas logo a recompensa  
 A Ramonisa com mais de furtura.  
 Assim os tres ferros se dispersa,  
 Coelta condição prejada e dura  
 Nacemos a pesar tera firmeza,  
 Mas o benhego mada a natureza.

E sey

E sey que de dorça cruz e seya  
 A mais que tu nunca vi, de fregarão  
 Muitos a vela, e em terra estranha e alheia  
 Os ossos para sempre sepultarão.  
 Quem amou que sem o ver o creya  
 Que tão desformentado ali lhe acharão,  
 A gorgina na boca, que crecia  
 A carne, e juntamente apodrecia.

Apodrecia com ferida e bruto  
 Cheiro, que o ar vizinho infectou,  
 Não tinhamos ali medos a medo,  
 Surarçião futil meos se achou.  
 Mas qualquer neste oficio pouco instruido  
 Pella carne se poder asse costuro,  
 Como se fora morta, e bem comuinha  
 Pois que morto ficava quem a tinha.

Em fim que nesta incognita e fessura  
 Deixamos para sempre as coas apodrecidas,  
 Que em tal caminho e em tanta de furtura  
 Forão sempre com nosco apegue e curas.  
 Quem facil he ao corpo a sepultura  
 Qualquer andas do mar, qualquer enterrado,  
 Ellambos, a fidesse com os ossos,  
 Recordar de todo o illustre os ossos.

Assi

Assim que deste porto nos partimos  
 Com mayor esperansa e com maior tristeza,  
 E pela costa abairro a mar abrimos  
 Dahi ando alguns fidalgo de mais firmeza:  
 Na dar a Moçambique que em fim se ginsou,  
 De cuja fidelidade e mi tolereza  
 Ia por os sabedores, e os doze annos  
 Dos portos de Moçambique pouco haueamos.

Ate que aqui no teu seguro porto,  
 Cuja bealanza e de deus e de auctoridade,  
 Dar a foyde a hum diao, e a vida a hu morto,  
 Nos trouxe a piedade do alto affecto:  
 Aqui repousou, aqui doct conforto,  
 Noua quintação de pensamento  
 Nos deste, e vis aqui se ateente ouisite,  
 Te conrey tudo quanto me prouisite.

Ia que agora Rey se oue no mundo  
 Gerentes que tan caminhos conuiessem  
 Certo que tanto he uento e o faciendo  
 Visses guallo mundo se estendeu sero:  
 Oujao alquem a ter de nos profano  
 Por mau uerjo que d'illo se estendeu sero,  
 Do que en vi, a poder de forças e de arde,  
 E do que uida si de ter, a uidao partel.

Fize

Este que bebto tanto de agua Amia  
 Sabes quem tem conuente peregrina,  
 Entre si, Rodri, Smirna, e Colofonia,  
 Atenas, Ios, Argo, e Salamina:  
 E foyto que esleuete toda a foyde,  
 A cuja voz aldisou e dinou  
 Ouam logo pario Micio se alicerou,  
 Mas o Tibre, e o foyto se alicerou.

Caerem, Iouam, e o foyto sempre estremo  
 Desses foyto Semidofes, e curação,  
 Foyto de Mages Circa, Polifemo,  
 Syrenas que to canto se alicerou:  
 Dem the uado nauegar a vella e remou  
 Os Cramer, e a terra onde se esleuete  
 Os comparoerem em guallo a Laro,  
 Dem the perder nas aguas o Palto.

Venas solas the foyto e imaginou  
 Dos abros, e Calipso nauera lar,  
 Harpia que o maior the contamineu  
 Deos ain foytoas nuas ja passalar.  
 Que por nuas e por uento que se afireu  
 Nellao Fabulas nao tambem, foytoas,  
 A verdale que en conto, nuas e pura  
 Venas toda e gualloca e foytoas.

Da

Da boca do sacando capitão  
 Pendendo estanho todos embibidos,  
 Quando deu fim as longas narrações  
 Dos altos feitos grandes e subidos  
 Louva o Rey e sublima coração  
 Dos Reis em tantas guerras combatidos,  
 Da gente louva a antiga fortaleza,  
 A validade do reino e soberza.

Vez recitando o povo que se admira  
 O caso cada qual que mais notou,  
 Nenhum d'elles da gente os olhos tira  
 Que tão longas canções raiou.  
 Mas ja o marcebo Delio as retas vira  
 Que o irmão de Lampreia mal guio,  
 Por vir a descaisar nos Tethys braços  
 E o Rey se vey do mar aos nabres paços.

Quem dou de e louvor e a justa gloria  
 Dos proprios feitos, quando sam feados,  
 Qualque nome trah allia que em memoria  
 Vinga, ou ignale as grandes ja possades.  
 As meigas da illustre e alta historia  
 Fazem mil vezes feitos sublimades,  
 Quem valerosas obras exercita  
 Louvor allia muito o offerta e incita.

NÃO

Não tinha em tanto os feitos gloriosos  
 De Achiles, Alexandre e na pelleja,  
 Quanto de quem o canta, os naicrosas  
 Verjas, jisso fo honra jisso de feja:  
 Os trophos de Mikuldes famosos  
 Tenistoles despendo fo de coruja,  
 E diz, que nada tanto o delectava  
 Como a vez que feo feitos celebrava.

Trah allia por mostrar Vasio da Geras  
 Que effa nomeçação que o mundo conta,  
 Não merecem tamanha gloria e fama:  
 Como a sua, que o ceo e a terra espanta:  
 Si mas aquelle Heroe que estima e ama  
 Com deos, merces faveas, e honra tanta  
 A lra Mantua faz que for  
 Entas, e a Romana gloria toc.

Dá a terra Lusitana Scipião  
 Cesar, Alexandre, e dos Augustos,  
 Mas não de di com tudo aquell e deos  
 Cujá faza os faz duras e rebuillo  
 O Hano, entre as mayores opressões  
 Companhia torpes dantes e venustas,  
 Não de di Fulvia certo que be meate a  
 Quando a deccava Antonio por Clodia.

Voz

Vay Cesar se jugando toda França

E *Mormis* não lhe cupedem a sciencia,  
 Mas não não a pena, e mostra a *Luiza*  
*Igualma* de *Cirro* a eloquentia:  
 O que de *Scipião* se sabe e alcança  
 He nas comedias grande experiencia,  
 Lia *Alexandro* a *Flomero* de mancia  
 Que sempre se lhe sabe a cabecia.

Em fim não ouve forte capitão

Que não fosse também douto e sciante,  
 De *Latia* serza, ou *Barbara* nação  
 Se não da *Portuguesa* tão formosa:  
 Sem vergonha o não digo, que a razão  
 Dalgun não ser por versos excellentes,  
 He não se ver porzado o verso e rima,  
 Porque quem não sabe arte não na estima.

Por isso e não por falta de Natureza

Não ha tambem *Virgilio* nem *Homeros*,  
 Nem antes se este costume dura  
 Pois *Eneas*, nem *Achiles* ferou:  
 Mas o pior de tudo he que a ventura  
 Tão afferos os fez, e tão *Aniteris*,  
*Torados*, e de *Ugreno* tão renisso  
 Que a muitas lhe dá pouca, ou nada de fô.

Assi

As *Musas* e guarda o uosso *Gama*

O muito amor da patria, que as obriga  
 A dar aos seus na lra a noiva e fiana  
 De toda a illustre e bellica sabza:  
 Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,  
*Celsope* não tem por tão amiga,  
 Nem as filhas do *Teyo*, que deixaffem  
 As terras doaro suas, e que o cantaffem.

Porque o amor fraterno e puro gosto

De dar a todo o *Lusitano* feito  
 Seu louvor, he fomento o profupolito  
 Das *Taquitas* gentis, e seu respeito:  
 Parente não deixet em fim de ter desposso  
 Ninguem a grandes obras sempre o peita,  
 Que por ella ou por outra qualquer via  
 Não perdera seu preço e sua valia.

F I M.

## Canto Seifto.



**A**M sabia em que

*modo festejasse*

O Rey Pação os factos narrou em  
*taes,*

*Pera que os amizades alcançasse  
 Do Rey Chriſtão, das gentes tão poſſantes;  
 Peſajdes que tão longe o apoucaſſe  
 Das Europeas terras abundantes,  
 A ventura, que nauos fez vizinhos  
 Dentre Hevraes ao mar abriſto-caminho.*

*Com jogos, danças, e outros alegrias  
 A ſegundo a policia Milidiana,  
 Com ſafadas e leſdas peſcarias  
 Com que a Lezria Antonia alegrá e regana.  
 Eſta ſancto Rey todos os dias  
 Festeja a companhia L. ſuama,  
 Com banquetes, manjares deſajados  
 Com fruias, uis, carnes, e peſtades.*

*Mas*

*Mas vendo o Capitão que ſe detinha  
 La mais do que devia, e o freſco vento  
 O comida que porta e tomé aſinha,  
 Os Pilotos da terra e mantimento,  
 Não ſe quer mais deter, que ainda tinha  
 Muito per a cortar do ſaſto argento,  
 La do Pação benigno ſe deſpede  
 Que a todos amizade longa pede.*

*Pedeſte mais, que aquelle porto ſeja  
 Sempre com ſuas Frotas viſitado,  
 Que ſinham outro bom mayor deſeja  
 Que dar a tais barões ſeu reino e cidade;  
 E que em quanto ſeu corpo o ſpírito ſeja  
 Eſtará de continuo aparelhado,  
 A pôr a vida e o reino totalmente  
 Por tão bom Rey, por tão ſablime gente.*

*Outras palavras tão breſpõdica  
 O Capitão, e logo as velhas dando,  
 Pera as terras da Aurora ſe partiu,  
 Que tanto tempo ha ja que ſay deſcuido;  
 No Piloto que leua não mais  
 Falsidade, mas anteſe naſ moſtrando  
 A navegacão certa, e aſſi caminho  
 La mais ſeguro do que dantes vinha.*

*N A*



As ondas marzagão do Oriente  
 La marmas da India, & ouzergão  
 Os raptas do Sul, que nate ar drate,  
 La quasi seus desijos se acabão:  
 Mas o manado Tocco, que na alma freta  
 As venturas, que cañão se aparelhãõ  
 As grege Lusitana dellas dõa,  
 Arde, pague, blasfema & desatua.

Via estar todo o Céo determinado  
 De fazer de Lisboa uma Roma,  
 Não nõ pode estornar, que destinado  
 Fosse do outro poder que tudo doma,  
 Do Olimpo dice em sua desajustado,  
 Nauo remedo em terra baixa, & toma,  
 Entra no humido reino, & vaifo aa corte  
 Daquelle, a quem o mar cego em forte.

No mais interno fundo das profundas  
 Cavernas altas, onde o mar se esconde,  
 La donde as ondas fazem furibundas,  
 Quando as iras do vento o mar responde,  
 Neptuno mora, & morão as juvenidas  
 Narcidas, & outros Deuses do mar, onde  
 As ogas tempo dixerão nas caldas,  
 Que habitaõ estas humidas deidades.

Dijolva

Desfolbre o fundo manca de subertio  
 As areas ali de prata fua,  
 Targos altas se veem no campo aberta  
 De transparente massa cristalina,  
 Quanto se ibregão mais os albos pesto,  
 Tanto menos a villa determina  
 Se he cristal o que vê se diamante,  
 Que assi se mostra claro & radiante.

As portas de ouro fua, & marbetadas  
 Do rico algefar que nas conchas nasce,  
 De esculpencia ferrosã estão lavradas,  
 Na qual do irado Baco a vista pacc:  
 E vê primeiro em cores variadas  
 Do velho Chaos a tãõ confusa face,  
 Fem se as quatro elementos trasladadas  
 Em dize for officinas occupadas.

Ali sublima o Fogo estana enima,  
 Que em mudiã materia se sustenta,  
 Daqui as confusões suas sempre anima,  
 Depois que Provetto furtalo o inda:  
 Logo a paz elle leue se sublima  
 O consubal Ar que mais afubã  
 Tomou lugar, & vem por quente ao frio,  
 Alguns dizea no mundo estar frio.

N 2 E. Rang

Eflava a terra em montes revellida  
 De vides, trevas e arvores floridas,  
 Dando pullo diverso e dando vida  
 Aos abismos vella produzidas:  
 A clava forma de cillena esculpida  
 Das aguas entre a terra desparzidas,  
 De peçudas oriente no immundo,  
 Com seu humar montuculo de corpos todos.

Noutros parte esculpida eflava a guerra  
 Que usarão de Deozes eus Gigantes,  
 Esta Tifon de buico da alta terra  
 De Etna, que as flamas longa crepitantes:  
 Esculpida se vi ferindo a terra  
 Neptuno, quando as gentes ignorantes,  
 Delle o cavallo usarão, e a primeira  
 De Miuerna pacifica da linceira.

Pouca tardança faz Lyto irado  
 Na vista de lles espas, mas entrando  
 Nos paços de Neptuno, que unido  
 Da vinda sua se eflava ja aguar lanteic  
 Aos portas o recebe, acompanhado  
 Das Nymphas, que se eflava mar anilhando,  
 De ver que comecou tal caminho,  
 Entre os scios da qua o Rey do traido.  
 O Neptuno

O Neptuno, se disse, não te espantes  
 De Baco nos teus reinos recoberes,  
 Por que tambem eu te grandes e passantes  
 Manda a Fortuna inq-ista seu poderes:  
 Manda chamar os Deozes do mar, antes  
 Que se de mais, se ouvirer o mais quizeres,  
 Verão da deusatura grandes e olos,  
 Oução todos o mal que toca a todos.

Dizendo ja Neptuno que seria  
 Esto outro caso aquillo, logo mandou  
 Tritão, que chamem os Deozes da agua fria,  
 Que a mar habitão d'ella e de outro banda,  
 Tritão, que de ser fillo se gloria  
 De Rey, e de Salacia veneranda,  
 Era maninho grande, negro e sero  
 Trombeta de seu pay, e seu lorteyo.

Os cabellos da barba, e os que decem  
 Da cabeça nos ombros, todos erão,  
 Hã limos presides da qua, e bem parecem  
 Que nunca branlo peitrem combereão,  
 Nas portas pendur adas não saltem  
 Os negros Misibãis, que ali se gregão,  
 Na cabeça por gorra tanta posta  
 Hã umy grande casco de Lagosta.  
 N 3 O corpo

O corpo ni, & os membros genitais  
 Por não ter ao nadar impedimento,  
 Mas porém de pe-pucos animais  
 Da mar, judos cobertos cento & cento:  
 Comarols, & Cangrejos, & outras mais  
 Que recebem de Plêbe crescimento,  
 Ostras, & Comarols de muscos sajos,  
 As costas eoa casta os Caranchojs.

Na mão a grande Concha retorcida  
 Que traxa sua foz para tocana,  
 A voz grande canora foy ouvida  
 Por tudo o mar, que longe retumbava:  
 La toda a companhia apercibida  
 Dos Deuses, pera os pejos caminhava  
 Do Deo, que fez os mares de Dardania,  
 Destruídos depois da Greza infamia.

Vinha o padre Otavio acompanhado  
 Dos filhos & das filhas que gerara,  
 Vem Nereu, que com Dario foy casado,  
 Que tudo o mar de Nymphas povoara:  
 O Propheta Proteo, deixando o gado  
 Maritimo pacer pella agua amara,  
 Ali vejo tambem, mas ja sabia  
 O que o padre Lyto na mar queria.

Vinha

Vinha por outra parte a linda esposa  
 De Neptuno, de Celo & Vesta filha,  
 Coraça, & toda no zello, & tão fermosa  
 Que se amansava o mar de maranhão:  
 Vestida bñ camiza preciosa  
 Trazia de delgada bearelha,  
 Que o corpo cristalino deza verse,  
 Que tanto bem não he pera esculdorse.

Anfírita fermosa como as flores,  
 Neste caso não quis que successe,  
 O Deffim teaz consigo, que aos amores  
 Do Rey lhe acumpelhou que obedecesse:  
 Com othas que de tudo sam senhores  
 Qualquer parecera que o Sol venesse,  
 Ambas vem pella mão, ygoal partido  
 Pois ambas sam esposas do bom marido.

Aquella que das fúrias de Atromente  
 Fugindo, vejo a ter d'ouro estado,  
 Consigo trax o filho bello Infante,  
 No numero dos Deuses relatado:  
 Pella preza brincando vem diante  
 Com as lindas corcubinas, que o selgado  
 Mar sempre cria, & aos vezes pella areia  
 Na coto o toma a bella Pansopa.

És Deus que soy sem tempo corpo humano,  
 E por virtude da cruz poderosa  
 Foy convertido em peixe, e deste dono  
 Livre a salvação da vida gloriosa,  
 Inda me choras a feroz crueldade,  
 Que Caros tinha usado com firmeza  
 Sylla, que elle ama, della sendo amado  
 Que a mais obriga amor mal empregado.

Infortunadamente todos affentados  
 Na grande salte nobre e humil,  
 Os Deuses em rapasões estradas,  
 Os Deuses em cadeiras de trillal  
 Forão todos do Padre agasalhados,  
 Que os Tebano tinha affento yqual  
 De faves rube a casa a rica massa  
 Que no mar nasce, e Arabia em breito passa.

Estando soffregado ja o tumulto  
 Das Deuses, e de seus recebimentos,  
 Começa a descobrir do peito occulto,  
 A causa o Tyuero de seus tormentos:  
 Haem pouca carregando se no vulto,  
 Dando mostra de grandes sentimentos,  
 So por dar aos de Lisboa triste morte  
 Cojerem aliojo fada desta sorte.

Principe

Principe que de jure se aborras  
 De um Polo ao outro Polo o mar irado,  
 Tu que as gentes da terra toda enfreas,  
 Que não passas o termo limitado  
 E tu padre Octavo, que rodas  
 O mundo vniuersal, e o tem cercado:  
 E com justo decreto assi permittes,  
 Que de claro vião se de feras lictes.



És vos Deuses do mar, que não soffreis  
 Injuria alguma em vosso reino grande,  
 Que com castigo yqual vos não negareis,  
 De quem por que por elle corre, e anda:  
 Que de quando soy elle em que viciis?  
 Quem pode ser que tanto vos abraude,  
 Os peitos sem razão enlucrados  
 Contra os humanos fracos e atreuidos?

Viltes que com grandissima osalia  
 Forão ja cometer o Leo supremo,  
 Viltes, aquella infama fantasia  
 De tentar arrem o mar com vella e reme  
 Viltes, e ainda venis cada dia,  
 Soberbas e insolencias tais, que temo  
 Que do mar e do Leo em poucos anos,  
 Venhão Deuses a ser, e os humanos.

Vides

Vedes agora a fraca geração

Que abem vassallo para o nome toma,

Com saberão, e alião coraçõ,

A vos, e a mi, e a mundo todo domas:

Vedes o vesso mar cantando vão,

Mais do que fez a gente alta de Roma,

Vedes o vossa reino deussando

O v'ffio estatuto não quebrando.

Eu vi que contra os Myrias, que príncipa

Não vossa reino este caminho abrirão,

Bocas injuriado, e o companheiro

Aquilo, e os outros todos resistirão:

Pois se do ajustamento asent ardeio

O v'vencos esta injuria assi sentirão,

Vos a quem mais compete esta vingança,

Que esperais porque a poudeis em tardança?

Eu não confiate Deuses que caideis

Que por amor de vos do ceo deis,

Nem da megoa da injuria que soffreis,

Mas da que sem faz tambem a mi:

Que aquellas grandes bonras, que subeis

Que no mundo ganbey, quando repais

As terras habitadas do Oriente,

Todas vejo abatidas d'esta gente.

Que

Que o gran Senhor e fados que deslinde,

Como lhe bem parecer p'baixo mundo,

Famas mores que nunca a determinão

De dar a estes barões no mar profundas

Aqui terreis p' Deuses como infantes

O mal tambem a Deuses, que a segundo

Se ve, ninguem ja tem oremes valha

Que quem com mais razão valer deua?

E por isso do Olimpo ja fugi,

Buscando algum remedo a meus pesares,

Por ver o preço, que no Ceo perdi,

Se por dita acharey um v'ffio morto:

Mais qu'il dige, e não passon daqui,

Por que as lagrimas ja correndo a farta

Lhe saltarão dos olhos, sem que lago

Se acendem as Doidades das guetas foga.

A ira com que subito alterado

O coração dos Deuses soy uam parte,

Não soffro mais conselho bem cuidado,

Nem dilação sem outro algum decontar:

Do grande Eolo manlho ja recado

Da parte de Neptuno, que sem conto

Solt as furias dos ventos repugnantes,

Que não aja no mar mais naufragantes.

Bem

Bem quizes a primeiro ali Pretho  
 Dizer nelle regocio a que sentia,  
 E jezando a que a todos parecia,  
 Era alguma profunda prophesia:  
 Por em tanto o tumulto se mudou  
 Subito na d'agua companhia,  
 Que Thetis inda n'as bridas,  
 Neptuno sabe bem o que mandou.

La la o soberbo Hypocades soltava  
 Do carcere fechado as ferrosas  
 Vistas, que com palavras animava,  
 Contra os barcos audazes e animosos  
 Subito o ceo ferreo se cobria, e  
 Que os ventos mais que nunca impetuosos  
 Compeção mais ferrosas a yr tomando,  
 Torres, montes e casis derribando.

Em quanto este conselho se fazia  
 No fundo a quejo a lada lassal rota  
 Com vento soffregado presozia  
 Pello tranquilo mar, a longa rota  
 Era no tempo quando a luz do dia  
 Do Eas Empirio estra renata,  
 Os do quarto da prima se deitauão  
 Para o jezando os outros de pr' tanto.

Venidos

Venidos ven do sono, e mal despartos  
 Boijando a minh'as se encostando,  
 Pellas antenas, palos, e el cubertos,  
 Contra as agulhas arcos que assoprando  
 Ordeas contra a seu querer abertos  
 Mas cibrando os membros e l'iração,  
 Remo das contra o furoso bojar querros,  
 Historias contão, e as mal refertos.

Com que milhor podemos hum dizia,  
 Este tempo passar que he tão pesado,  
 Se não com algum conto de alegria  
 Com que nos deixes o sono carregado?  
 Responde Linoardo, que trazia  
 Pensamentos de firme namorado,  
 Que contos poderemos ter milhoris  
 Para passar o tempo, que de amores!

Não he disse Veloso, coisa justa  
 Tratar de andaras em tanta asperza,  
 Que o trabalho do mar, que tanto custa,  
 Não soffre amores, nem delicadeza,  
 Antes de guerra feruida e robusta  
 A nossa historia seja pois dureza  
 Nossa vida ha de ser jezando cotendo  
 Que o trabalho por ter mo esta dizendo.

Consente

Confrontem nisto talão, e encomendão  
 A' cliso que conta isto, que aprisa,  
 Contarei d'isso, sem que n'e reprehensão  
 De contar coisa fabulosa, ou viciosa:  
 E por que as que me ouvirem de aqui aprontão  
 A fazer feitos grandes de alta proua,  
 Das nauas d'outro no mesmo terra,  
 E isto se jura ao deus de luz e terra.

No tempo que do reino a redea leua  
 João filho de Pedro moderada,  
 Depois que se fôzgado e livre o leua  
 Do vizinho poder que o mal se fia:  
 La na grande luz e terra, que de uras  
 Bontas sempre abunda semeada  
 A fera Errois dura e má cunhada  
 Que lefre fôz a n'essa Lusitania.

Entre as damas gentis da corte lusitã,  
 E tu breves cortezãs, a caso bami das  
 Se levantou d'as ardas com ira arfã,  
 Ou foz e penão, ou foz por fã:  
 Os cortezãs a quem não tem ponto pesa  
 Selar palmas e grãos de espada  
 Dizem que por arão, que bonras e fãmas  
 Em tais dias não ha para ser damas.

E que

E que se ouer alqueria com lança e espada  
 Que queira subleuar a parte sua,  
 Que elles em campo e afo, que e d'uada,  
 Lhe darão fea infamia, ou morte crua:  
 A femal fra por e a pouco d'fada  
 Ou nunca a apredriam, tanto se roua  
 De forças naturais conuocantes,  
 Soterra pelo a amigos e parentes.

Mas como fôzsem grandes e possantes  
 No reino os inimigos, não se atreueram  
 Nem partates, nem feruillós amantes  
 A sustentar as damas, como deuses:  
 Com legiões firmadas e ballantes  
 A sa e e que em socorro os deuses leuem  
 De todo o Ceo, por rastos de alibastros  
 Se dão todas as da parte de Alencastro.

Era este legião patrão, e militar e  
 Com Portuguezes ja contra Castella,  
 Onde as forças magnanimas prouara  
 Das companheiras, e benigna estrela  
 Não meuas n'essa terra a fomentara  
 Nemoradas affeitos, quando nella  
 A filha viu, que tanto o peito dána  
 De sorte Rã, que por malher a torna.

Elle

Este que ficaveris lha não queria,  
 Por não confiar de fardar dias intestinas  
 Lhe diz, quando o dritto pretendia  
 Darreis la das terras libertas,  
 Não Lysitaco ni tanta confusão,  
 Tanto primor, e partes tão devidas,  
 Que elles seu poderião se não erro  
 Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

E se agravaadas damas são feridas,  
 Por vos lha mandareis embaixadores,  
 Que por cartas discretas e solidas,  
 De vossa agravao as fação sabedores:  
 Tambem por vossa parte encarnadas  
 Com palanias de fagos e danças,  
 Lhe seño vossas lagrimas, que tu creço  
 Que as terras ficaveris e farto estro.

Deffarte as aconselha o Duque esperto,  
 E logo lha nomea doze sortes,  
 E por que cada dama hum tenha certo,  
 Lhe manda que sobrelles lancem sortes,  
 Que ellas se doze sum: e descuberto  
 Qual a qual tem caído das confortes,  
 Cabilas eferent ao seu por varios modos,  
 E todas a seu Rey, e o Duque a todos.

La, lha a Portugal o menajgero,  
 Toda a corte aborrega a novidade,  
 Querera o Rey subhana ser primeira,  
 Mas não lha soffre a Regia Magestade.  
 Qualquer das cortesão aventureiro  
 Deixa ser sem ferida vontade,  
 E ja fira por bemaventurado,  
 Quando com pella Duque montado.

La no lral cidade, donde fira  
 Origen (como he fama) ja nome eterno  
 De Portugal, armaz mudeiro leue  
 Manda o que tem a leme do governo  
 Apercehem se as doze em tempo beue  
 Darnas, e roupas de uso mais moderno,  
 De elmos, cimeras, letras, e primores  
 Canales, e Concertos de mal corte.

La do seu Rey tomado tem licença  
 Pera partir do Douro celebrado,  
 Aqueles que esculhidos por fraterça  
 Furão do Duque lagles eprimenciaes  
 Não ha na companhia differença  
 De cavaleiro, de ilro, ou e forçales  
 Mas hum se, que Magestade se doze,  
 Deffarte fala as sortes companhias,



Foy fimois confocio pa desejo  
 A muita ja de andar terras estranhas,  
 Por ver mais aggas que as do Douro e Tejo,  
 Vistas gentes, e he, e de varias maneiras  
 Agora que apparelho tento vejo,  
 (Pois que do mundo as cousas sem tambeas)  
 Quero se me deixais ir se por terra,  
 Por que eu ferey confocio em Inglaterra.

E quando caso for, que eu impedido  
 Por quem das causas he vltima causa,  
 Não far com vosco as prazas inditadas,  
 Pencia falia vos faz a falia vobis:  
 Tudas por mi fereis o que he devido:  
 Mas se a verdade o sprito me atuibha,  
 Rios, montes, fortunas, ou fua enveja,  
 Não farão que eu com vosco la não seja.

Assim diz e afrouxado as amigas,  
 E tomada licença sem fim se parte,  
 Passa Lido, Castella vendo antigas  
 Lugares que ganhara o patrio Marte:  
 Navarra, ou a distimas perigos  
 Do Perouro, que Espanha e Galia parte  
 Villas em fim de Franca as causas grandes,  
 No grã de imperio foy parar de Franca.

Ali chegado, ou fesse caso, ou marcha,  
 Sem passar se deteu muitos dias,  
 Mas dos ouz a illa tristissima companhia  
 Cortão do mar do Norte as ondas frias  
 Chegadas de Inglaterra as costas estranhas,  
 Para Londres ja fazem todos vias,  
 Do Duque sem com festa agasalhadas,  
 E das damas servidas, e amadas.

Chegasse o prazo, e dia afinalado,  
 De entrar em campo ja os doze Ingleses,  
 Que pelo Rey ja tinhamo segurado,  
 Armase de lous, petas, e de arneses  
 Li as damas tem por si fulgente e armado  
 O Marte feroz dos Portugueses,  
 Vellensse ellas de cortis e de sedas  
 De ouro, e de joyas mil, ricas, e lindas.

Mas aquella, a quem fora em sorte dado  
 Magrigo, que não vinha com tristeza  
 Se ve, se, por não ter quem nomeado  
 Seja seu cavalleiro, nella enpresca  
 Bem que os ouz apreção, que acabado  
 Sera o negocio assi na corte Inglesa,  
 Que as damas de vobis se combenjo  
 Passo que douz e tres dos seus saltejo.

La man sublimar e público tributo  
 Se offenta o Rey leglescom a la corte,  
 Estando tres e tres, e quatro e quatro,  
 Deu como a cada qual cubra os seus  
 Não sem vestes do Sol do Tejo as Bactas,  
 De força piforia, e de dano mais forte,  
 Outros doze faz como os laghetes  
 No campo contra os onze Portuguezes.

Magistão os cavalos enmendo  
 Quasras freas, com ferroz sembrante,  
 E Ravi o Sol nas armas rutilando,  
 Como em cristal, ou rigido diamante,  
 Mas exerceuse não e outra bandeira  
 Por toda a fregal e difformante  
 Dos onze contra os doze quando a gente  
 Começa a alvoroçar se generalitate.

Não tobo a rosto aonde aida  
 A causa principal de rebeldia,  
 En entra buem cavalleiro, que trazia  
 Armas, cavallo, eo bellas jersuapua  
 Ao Rey e os seus davan fide, e logo se bria  
 Para os onze, que este era o grande Magistão,  
 Abraça os companheiros com amor,  
 A quem não falta de tre nos perigos.

A dama como ocaia, que este era aquelle,  
 Que vinha a defender seu nome, e fama,  
 Se alegre, e vesle ab do animal de Fiel,  
 Que a gente bruta mais que verdade ama  
 Lo dno final, e o som da tuba impelle  
 Os bellicosos animos, que inflama,  
 Pão despor as fuzias redas logo  
 Abaixo luyas fere a terra fogo.

Dos cavalos o estrepito parece  
 Que faz, que o chão debaixo talo treme,  
 O coração no peito, que estremece  
 De quemas alba se alvoroça, e teme.  
 Qual do cavaleiro, que não dece,  
 Qual do cavaleiro em terra dando gente,  
 Qual do cavaleiro as armas faz de brancas,  
 Qual dos penachos do elmo aponta as armas.

Alguem dali tomou perpetuo sono,  
 E fez da vida ao fim breve intervalo,  
 Correndo algum cavalleiro sem dano,  
 E outra parte o dano sem cavaleiro.  
 Cae a saberba laghesa de seu tronco,  
 Que douz ou tres ja fez a mão do dolo,  
 Os que de espada tem fazer buo alho,  
 Mais achão ja que arroyo cado, e molho.

Gallar palmas em tanto estremo  
 De golpes feros, cruaes e fustigadas,  
 He desses gualdadores, que sabemos  
 Mais do tempo, com sabulas fustigadas:  
 Basta por fim do caso, que entrad'osmos,  
 Que com finzas altas e affamadas,  
 Com nosso furo a palma da victoria,  
 E as damas vencedoras, e com gloria.

Reolhe o Duque os doze vencedores  
 Não sem paço, com festas e alegria,  
 Combeiras occupa, e caçadores  
 Das damas a ferrososa companhia,  
 Que querem dar aos seus libertadores  
 Banquetes mil, cada bori, e cada dia,  
 Em quanto se detem em laglaterra,  
 Até tornar as doze e chor a terra.

Mas dizem que com tudo o gran Magriço  
 Dejezse de ver as cousas grandes,  
 La se deixou ficar, onde bem se viu o  
 Notavel ao condeissa fez de Frandes,  
 E como quem não era ja nauiga  
 Em talo trave, onde em Marte mandes,  
 Havia frances mais em campo, que o deffuzo  
 La teve de Torcato e de Ceruano.

Quero

Outro tambem dos doze em Alemanha  
 Se lança, e se tem bom fero desafio  
 Com Germano em anoso, que com marda  
 Não divide o que por nos estremo foz:  
 Cantando assi V'riso, ja a companhia  
 Libe pede, que não faça tal desafio  
 Do caso de Magriço, e de vencimento  
 Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

Mas nelle passo assi prompto estando,  
 Fivo mestre, que albande as aves anda,  
 O apito toca, acordão despertando  
 Os marinheiros d'ella e de outra banda:  
 E por que o vento vinha refrescando,  
 Os traquetes das gamas tomar manda,  
 Alerta, disse, filly, que o vento crece  
 Daquelle unamem uegra que apartos.

Não crão os traquetes bem tomados,  
 Quando dá a grande e subita procelia,  
 Amaina, disse o mestre a grandes bradas  
 Amaina, disse, amaina a grande della,  
 Não esperão os ventos inclinados  
 Que amainassem, mas juntos dando nella,  
 Em pedajas a fazem, com ruído  
 Que o mundo parca se destruydo.

O + O coo

Oco fere com gritos nisto a gente,  
 Com subito temer, e de furodo,  
 Que no romper da vela a Nao pendente  
 Toma gran fuma d'agoa pelo bordo,  
 Alga disse o mestre firmemente,  
 Alga tudo ao mar não saite acordo,  
 Vão entres dar a bomba não offendo,  
 As bomba que nos imos alegrando.

Carreos logo os soldados animosos  
 A dar as bomba e tanto que chegarão,  
 Os balões, que os mares temerosos  
 Derão as Nao, num bando os derrubarão:  
 Tres marinheiros duros, e forçosos,  
 A mexer o leme não bafiarão,  
 Talves lhe puchão d'ũa e doutra parte  
 Se apreenciar das bomens força e arte.

Os ventos e'ão tais, que não poderão  
 Mostrar mais força d'impeto cruel,  
 Se pera derrubar então vierão  
 A fortissima torre de Babel.  
 Nos altissimos mares, que vicião,  
 A pequena gran lora d'um batel,  
 Mostra a passante nao, que moue espanto  
 Vendo que se foyem nas ondas tanto.

A nao

A nao grande, em que voy Paulo da Gama,  
 Quebrado leua o mastro pelo mar,  
 Quasi toda atalga a gente chama  
 Aquelle que a salvar o mundo vey:  
 Não menos gritos vãos ao ar derrama  
 Toda a Nao de Coelho, com receyo,  
 Com quanto trax o mestre tanto conto  
 Que primeiro amainou que disse o vento:

Agora sabre as nuvens os subilo  
 As ondas de Neptuno furibundo,  
 Agora a ter parece que deçião  
 As incimas entranhas do profundo:  
 Norte, Austro, Boreas, Aquilo querião  
 Arruinar a machina do mundo,  
 A noite negra e feya se alumia,  
 Com raios, em que o Polo todo ardia.

As Alcionas aves trille tanto  
 Tanto da costa brava leuentarão,  
 Lembrando se de seu passado pranto,  
 Que as furiosas agouas lhe casarão:  
 Os Delphos namorados entre tanto  
 La nao com as maritimas entrarão,  
 Fugindo as tempestade, e ventos duros  
 Que necesse fugido os deicia estar seguros  
 Naoa

Nunca tam trius reges fabricas  
 Contra a fera soberba dos Gigantes,  
 O gram ferroiro fo duto, que obrou  
 Do entrada as armas radiantes:  
 Nem tanto o gram Tourote arremessou  
 Relampagos ao mundo fulminantes,  
 No gram diluio, donde foi viserão  
 Os deus que em gente as pedras converterão.

Quantos montes caido, que derrubarão  
 As ondas que batião demolidas,  
 Quantas arvores bellas arrancarão  
 De vento brava as furias inludadas:  
 As serpejas raizes não cuidarão  
 Que nunca pera o ceo fossem viradas,  
 Nem as fundas arvas que podesssem  
 Tanto os mares que encima as revolversem.

Vendo Vasco da Gama que tem perto  
 Da fira de seu desejo se perdia,  
 Vendo ora o mar ate o inferno aberto,  
 Ora coo nova furia ao ceo subia,  
 Confuso de temer, da vida incerto,  
 Onde nãoham remedio lhe valia,  
 Chama aqurle remedio sanllo e forte  
 Que o impossibil pode della sorte.

Divina

Divina guarda, angelica, celiste,  
 Que as ceas, o mar e terra senboreas,  
 Tu que a todo Israel refugio deste  
 Por metalle das aguas Eritreas:  
 Tu que huaste Paulo e defendeste  
 Das Syries arcusos e unhas feas,  
 E guardaste cos filhos o segundo  
 Ponouder do alegado e vacuo mundo.

Se temo novos medos perigosos  
 Doutra Sylla e Caribis ja passados,  
 Outras Syries, e baxos arcusos,  
 Outros Arrocra annos infemados,  
 No fim de tantos casos trabalhosos,  
 Por que fomos de ti desparados,  
 Se este nisso trabalho não te offende,  
 Mas antes teu seruiço se pretende!

O ditos as aquelles que puderão  
 Entre as agudas luoças Africanas  
 Murrer, em quanto fortes soltuerão  
 A janlla Fe, nas terras Mauritanas:  
 De quem feitos illustres se saubarão,  
 De quem ficão memoria soberanas,  
 De quem se ganha a vida com peridella,  
 Douc surgendo a morte as honras della.

Assi dizendo as ventos que lutarão,  
 Como torras involutas bramando,  
 Mais e' mais a tormenta acrocentaão,  
 Pella munda excarcia offuscando:  
 Relampagos medonhos não offusão,  
 Foros tronais que dem representando  
 Cair o ceo dos exos sobre a terra,  
 Configo os elementos terem guerra.

Mas ja a amorosa stella scintilana  
 Diante do Sol claro, no Orizonte  
 Mesfegira do dia, e' visitana  
 A terra, e' o largo mar, com brda fronte:  
 A deusa que nos ceos a governana,  
 De quem fuge o enfifero Oriente,  
 Tanto que o mar, e' a chiara armada viva,  
 Tocada junto fez de medo, e' de ira.

Ellas obras de Baco sum por certo,  
 Disse, mas não se'ã, que auante leue  
 Tão chamada treção, que descuberto  
 Me' seja sempre o mal a que se atreue,  
 Ista dizendo, dice ao mar aberto,  
 No caminho gastando espaço breue,  
 Em quanto manda as nymphas amorosas  
 Crimaldas nas cabeças por de resos

Crimaldas

Crimaldas manda por de varias cortis  
 Sobre cabellos luuros a porfia,  
 Quem não dirã, que naceu roxa a flores  
 Sobre oiro natural, que amor infia:  
 Abrandar determina por amores  
 Dos ventos a unjosa compaña,  
 Mostrando-lhe as amadas Nymphas bellas,  
 Que mais fermosas vintão que as estrellas.

Assi soy, por que tanto que chegarão  
 A vista dellas, logo lhe falecem  
 As forças com que dantes pellejarão,  
 E ja como rendidos lhe obedecem.  
 Os pés e' mãos, parece, que lhe atarão  
 Os cabellos que os raios escurecem,  
 A Boreas, por do peito mais queria,  
 Assi disse a bellissima Orisa.

Não creas, fero Boreas, que te creço  
 Que me tivesse nunca amor constante,  
 Que brandura he de amor meu certo arreyço,  
 E não coquem furor a firme amante:  
 Se ja não pois a tanta infamia freyo,  
 Não esperes de mi daqui em diante,  
 Que possa mais amarte, mas te mereço,  
 Que amor contigo, em mi, lo se converte.

Assi

*Affo me fmo a seruaça Galateia  
 Dixja ao fero Neto, que bem sabe  
 Que dia he que em vella se receta,  
 E bem vi que com elle tudo acaba,  
 Não sabe o braso tanto bem se o crea,  
 Que o coração no peito lhe não cabe,  
 De contentes de ver que a dama o manda,  
 Pouco cuida que faz se logo abraça.*

*Defta maneira as eua ar amonfcaõ  
 Subitamente os outros amadores,  
 E logo as linda Venus se entregamõ,  
 Amansadas as iras e os furores,  
 Ellas lhe prometto tudo que amamõ  
 Scopiteros fauor em seus amores,  
 Nas bellas mãos tomamdohe os aneis  
 De lhe ferem leão effa viagem.*

*Lá a mercam clara dama nos outeiros,  
 Per ende o Ganges mar marando fca,  
 Quando da cefta garga os marinhellos  
 Exurgem da terra alta pella proa,  
 Ia fura de tormenta, e dos primicias  
 Merta, o temor não do peira roa,  
 Dijfe alegre o Piloto Melindoso,  
 Terra he de (alcoo fe não me engano.*

*Effa*

*Effa he par certo a terra que buscaõ  
 Da verdadeira Italia, que apparece  
 E fe do mundo mais não deffajar,  
 Veffo trabalho laggo a qui fover:  
 Soffrer a qui não pode o Gama mais,  
 De tudo em ver que a terra se comber,  
 Os pedras no chão, as mãos ao ceo  
 A mercor grande a Deos agardera.*

*As graças a Deos dava, e razão tinha  
 Que não fomenta a terra lhe mostrara,  
 Que com tanto temor buscando tinha  
 Por quem tanto trabalho efpingurara,  
 Mas via fe hurado tão afubra  
 Da morte, que no mar lhe aporelhara  
 O vento duro feruido, e medonho,  
 Como quem defferta de horrendo fubio.*

*Par uerço de fte: horridos perigos  
 De fte trabalho grande e temores,  
 Alcanço os que fcaõ de fama antigos  
 As honras immortaes, e os prou mayores:  
 Não excaftado fempre nos antigos  
 Trencos nobres de feus antecessores,  
 Não nos feitos de ualor, entre os fuaos  
 Animas de Mofaõs Zebellinos.*

*Não*

Não cos manjares novos e requizitos,  
 Não cos passios molles e carnosos,  
 Não cos varijs delicias e infinitas  
 Que afevulão os peitos generosos.  
 Não cos manja brevidades apetitos  
 Que a Fortuna tem sempre tão mimosas,  
 Que não soffre a crebriem que o passo manda  
 Pera alguma obra heroica de virtude.

Mas com buscar os seus forçoso braço  
 As honras que elle chama proprias suas,  
 Vingando, e restituindo o forçado ago  
 Sufferido porpestaltes e ondas cruas.  
 Vencendo as turpes fims no regaço  
 Da Sul, e reguês de abrigo suas,  
 Equilibrando o carra pto mantimento  
 Temperado com hum arduo sofrimento.

E com forçar o rosto que se enfia,  
 A parecer seguro, ledo, interior,  
 Pera o pilouro ardente, que offusca  
 E leua a perna, ou braço ao compaubeiro.  
 Destarte o peito hum calo humoso cria  
 Desprezador das honras, e dinheiros,  
 Das honras, e dinheiros, que a ventura  
 Forja, e não diztaiz justis, e duros.

Destarte

Destarte se esclarece o entendimento,  
 Que experencias fazem reponjado,  
 E fica sendo, como de alto officio,  
 O braço tracto humano embaraçado,  
 Este gade tiner forja e regimento  
 Direito, e nam de offitios occupado,  
 Sabida ( como deus) a illastre mundo,  
 Contra ventade sua, e não rogando.

FIM.

## Canto Septimo.

**A** se viã chegados  
 junto as terras,  
 Que desfraldada de tanto fora,  
 Que entre as correntes ludias se  
 enerra,

E o Ganges, que no pro terreno mora;  
 Ora sui gente forte que na guerra  
 Querren leuar a palma vencedora,  
 Le pois chegadas, ja tendes diante  
 A terra de riquezas abundant.

P

Ara



A vos, à geração de Luso digo,  
 Que tam pequena parte sois no mundo;  
 Não digo inda no mundo, mas no amigo  
 Curral de quem guerra a vós rotando:  
 Vos, a quem não somente algum perigo  
 Estorna com paizlar o povo contando;  
 Mas nem cobicia, ou pouca obediencia  
 Da Madre, que nos vos está em essencia.

Vos Portuguezes poucos, quanto fortes,  
 Que o siaco poder v'osso não pesais,  
 Vos que na causa de vossas varias mortes  
 A lei de vida eterna dilatais:  
 Assim do céu deitades saes as sortes,  
 Que vos por muito poucos que sejais,  
 Muito saçais na sancta Christandade:  
 Que tanto, à Christo exaltas a humillidade.

Vedeis Alemaes, soberbo gale,  
 Que por tam largos campos se apacata,  
 Da successor de Pedro rebelado,  
 No vo pastor, e' roma crida mantida:  
 Vedeis em suas guerras octopado,  
 Que inda ao ceo error se nam contenta;  
 Não contra o superbissimo Otomano  
 Mas por sair do jugo soberano.

Vedeis

Vedeis d'oro leges, que se noma  
 Rei da velha e' sanctissima cidade,  
 Que o torpe Ifmaelita seborra,  
 (Quem vos honra tam longe da verdade)  
 Entre as Bortais neues se recorta,  
 Noua manira faz de Christandade,  
 Pera os de Christo tem a espada nua,  
 Nam por tomar a terra que era sua.

Guardalhe por entanto bem falso Rei,  
 A cidade Hierosolima terreste,  
 Em quanto elle não guarda a sancta lei,  
 Da cidade Hierosolima celeste:  
 Pais de ti Gallo indigno que dirige  
 Que o nome Christissimo quizeis,  
 Nem pera defendelo, nem guardalo,  
 Mas pera ser contra elle, e' derribalo!

Acha que tés direito em seborrar  
 De Christão, sendo o tratan largo e' tãto,  
 E nam contra o Cyrifio e' Nido mas  
 Laminigar do antigo nome sancto,  
 Ali se ante provar da espada os fies,  
 Em quem quer reprovar da Igreja o canto,  
 De Carlos, de Luis, o nome e' a terra  
 Erdahe, e' as causas nam da pilla guerra!

P 2 Pmç

Pois que dizey daquelles que em delicias,  
 Que o vil ocio no mundo traz consigo,  
 Gullio as ridas, logro as divicias,  
 Esquicias de seu valar antiga;  
 Nascerm da tyrania inimicicia,  
 Que o pouo forte tem de si inimigo,  
 Contra Italia fallo, ja sumerfa  
 Em dicio mal, e de si mesma adversa.

O miseros Christãos, pola ventura  
 Sois os deuses de Cadmo desparzidos,  
 Que hão aos outros se dão as morte dura,  
 Sendo todos de hum ventre produzidos;  
 Nem vedes a divina sepultura  
 Pessada de cões, que sempre vinda  
 Vos vem tomar a vossa antiga terra,  
 Fazendo se famosos pela guerra!

Vedes que tem por uso e por decreto,  
 Do qual sanção inteiros observantes,  
 Apuntarem o exercito inquieto,  
 Contra os povos, que san de Christo amantes;  
 Entre vos matos deixa a fera Alito  
 De sanear cirzarias repugnantes,  
 Olby seftas seguras de perigos,  
 Que elles e vos, sois vossas inimigos.

Se cubiqe

Se cubiqe de grandes senhorias  
 Vos faz, e conquistar terras albas,  
 Nam vedes que Paffolo e Hermo rias,  
 Ambos volarem auriferas areas,  
 Em Lidia, Affria Laurão de ouro os fies,  
 Affrica efronde em si luxentes veas,  
 Monansi ja se quer riqueza tanta,  
 Pois mouer vos não pode a casa Santa.

Aquellas invenções feras e novas,  
 De instrumentos mortais da artellaria,  
 La deuem de fazer as duras provas,  
 Nos muros de Bizancio, e de Turquia;  
 Fazeri que torce la aos filhasfres coas,  
 Dos Caspio montes, e da Citia fria,  
 A Turca geração, que multiplica  
 Na policia da vossa Europa rica.

Gregos, Triacs, Armenios, Georgianos  
 Bradando vos estão, que o pouo bruto  
 Lhe obriga os caros filhos aos profanos  
 Preceptos do alcorão (duro tratado)  
 Em castigar os feitos inhumanos  
 Vos glorias de peito forte, e astuto,  
 E não queirais honnores arrogantes,  
 De serdes contra os vossos muy passantes,

P. 3

blar

Mas em tanto que cegeis, e sedentais  
 Andais de vossa justiça, o gente infame,  
 Não saltarão Ubreliões atrevidos,  
 Nesta pequena casa Lusitana  
 De Affrica tem maritimos officios,  
 He na Asia mais que todos soberanos,  
 Na quarta parte nos os campos ara,  
 E je mais manda ouzera la cheyria.

E vejamos em tanto que avanteja  
 Aquelles tam famofos na regente,  
 Depois que a branda P'coso infu- queje  
 O furor não dos ventos espigantax  
 Depois que a larga terra lhe appareje,  
 Fim de juas perfis tam constantes,  
 Onde se fannar de Ubrelio a ley,  
 E dar novo costume, e novo Rey.

Tanto que avinda terra se cheyria,  
 Leva embarcações de presidarios  
 Acharão, que o caminho lhe mostraria  
 De Calcuta onde se em moradores  
 Para se logo as praus se inclinaria,  
 Por que ella era a cidade de os milhoras  
 Do Malabar milhor, onde vivia  
 O Rey que a terra toda possuia.

Alem

Alem do lado jax, e aquera do Gange,  
 Ha um terreno muy grande, e affaz famofa,  
 Que pela parte Austral o mar abrangy,  
 E pera o Norte o Hemispho cernemosa.  
 Logo de Rey duexes o constange  
 A varias ley, algos o viciosa  
 Mahoma, algos os deos adorão,  
 Algos os animas, que entre elles morão.

La bem no grande moute, que cortando  
 Tem larga terra, toda Asia desparte,  
 Que nomes tam diversos vai tomando,  
 Segundo as regiões por onde corre,  
 As fontes fann, donde vem manando  
 Os rios, cuja se em corrente morre  
 No mar ludo, e carão todo o peso  
 Do terreno, fazendo o Chersuajo.

Entre bem se a outro rio, em grande espaço  
 Sey da larga terra hãe longa porta  
 Quasi por amizade, que no regoço  
 Do mar com Crilão infula confronta,  
 E junto donde nasce o largo braço  
 Gangetico, o nome antigo conta.  
 Que os vizinhos da terra moradores  
 De chiro se mantem do fimo flores.

P 4

Mas

Mas agora de rios, e de riança,  
 Noas e rios sum os habitantes:  
 Os Delis, os Patanes, que em piffança  
 De terra, e gente, sum mais abundantes,  
 Decaus, Oris, que defferença  
 Tem de sua saboço nas resonantes  
 Aças do Gange, e a terra de Bengala  
 Fertil de forte que outra não lhe iguala.

O Reino de Cambaia bellicofo  
 ( Dizem que foy de Pero Rei potente)  
 O Reino de Narsinga poderoso,  
 Mai de ouro e pedras, que de forte gente.  
 Aqui se encrega a la de mar indico  
 Haem monte alto, que corre longamente,  
 Servindo ao Malabar de forte muro,  
 Com que do Canarã riu se guera.

Da terra os naturais lhe chamão Gote,  
 Do pi do qual pequrno quantidade  
 Se estende bñ fralla estreita, que combate  
 Do mar a natura al ferocidade:  
 Aqui de outras culades sem debate,  
 Calca tem a illofiro dignidade,  
 De cabeça de Imperatoria, e bella,  
 Semores se intitula o feudo della.

Chegala

Chegala a frota ao rico feudo  
 Haem Portuguez manda lo logo parte,  
 A fazer sabedor o Rei gentio  
 Da via da sua a tam remota parte:  
 Entrando o meofagiro pelo Rio,  
 Que ali nas ondas entra, e não diffe arte  
 A cor, e gesto ell'ambo, o trajo novo  
 Fez concever a bello todo o povo.

Entre a gente que a bello conceitia,  
 Se chega hum Mahometa, que nascido  
 Fora na região da Berberia,  
 La onde fora Antropobolido.  
 Ou pria vez janhança ja seria  
 O Reino Lusitano conhecido,  
 Ou foy ja affinala lo de feo ferro,  
 Fortuna o tronxe a tam longo de terra.

Em vendo o meofagiro com jocundo  
 Rosto, como quem sabe a lingua Hispana  
 Lhe disse, quem te tronxe e effeatro mudo,  
 Tam longe da tua patria Lusitana?  
 Ouvindo lhe responde o mar profundo,  
 Por onde nunca veio gente humana,  
 Vimos basiar do ludo a rão corrente,  
 Por onde a Lei divina se avocente.

Espantalo

E foytado fructo da gran viagem,  
 O vitor o que Moçoado se chamava,  
 Quando as opressões que não possyem  
 Do mar, a Lusitania foy contava,  
 Mas vindo em fim, que a força da ventosyem  
 So pera o Rei da terra reclama,  
 Lhe diz que estamo fora da cidade,  
 Mas de caminho ponha quantidade.

E que em tanto que a naua lhe ibyasse  
 De sua estranha vinda, se quera  
 Na sua pobre casa reponesse,  
 E de manter da terra comera.  
 E depois que se hum pouco recreasse,  
 Coelle pera a armada tornaria,  
 Que allegria não pôde ser tamanha,  
 Que a bar gente vizinha em terra estranha.

O Portuques acerto de ventade  
 O que o leão Moçoado lhe offerre  
 Como se longa fora ja a amizade,  
 Coelle come e bebe, e lhe obedece.  
 Ambos se tornão logo da cidade,  
 Pera a fructo, que o Moçoado heu comede,  
 Sobem as Capitães, e toda a gente  
 Moçoado recebe benignamente.

O capitão

O Capitão abraça em tabo leão,  
 Quando clara a lingua de Castella,  
 Tanto de si o offensa, e prompto se funda  
 Pela terra perguntando, e confes della  
 Qual se ajuntava em Ralope o arado,  
 So por ouvir o a nome da doçzella  
 Fandoy, tocando a lira de ouro,  
 Toda gente se ajunta a ouvir o Moço.

Elle começa, e prate que a natura  
 Vizinha fez de vna paterna nuoba,  
 Que destino tam grande ja que ventura  
 Vos trouxe a cometer des tal caminha.  
 Numa semelhança não oculta, e escura  
 Vir do longinco Teyx, e questo Minho,  
 Par maris naveis dentro leão arado,  
 A Rexas tam remotas e apartadas.

Deus por certo ventoz, por que pretende  
 Algum seruiço seu por vos obrado.  
 Por isso so vos gada, e vos defende  
 Dos ondas do mar, do vento prado.  
 Sabey que estais na balia, onde se ellende  
 Diverso povo, rico e prosperado,  
 De ouro la gente, e sua pelearia,  
 Ubeiro faue, ar lente especaria.

Ella

Esta provincia, cujo porto agora  
 Tomado tentes, Malabar se chama,  
 Do culto antigo os Idolos adora,  
 Que ca por ellas partes se derrama  
 De diversos Reinos, mas dum so fora  
 Nostro tempo, segundo a antiga fama,  
 Sarani Perimal sey derradouro  
 Rei, que este Reino teve muito e inteiro

Parce como a esta terra entam viessem,  
 De la do foy Arabico outras gentes,  
 Que o culto Mahometico troucessen,  
 No qual me insultarão meus parentes,  
 Succedo que prezando cuntraessem  
 O Perimal, de fábula e ellequentes,  
 Fazem lhe a ley tomar com feruo tanto,  
 Que propoem de nella morrer sancto.

Nasci arua, e nellas meo curioso  
 Mercadaria que offereça rica,  
 Por aze nellas a ser religioso,  
 Onde o propheta jez, que a ley publica  
 Antis que parta, o Reino poderoso  
 Cos seus reparte, por que não lhe fica  
 Fábulo proprio, faz os mais acertos,  
 Rica de pobres, lares de feixitos.

A hum

A hum Cochim, e a outro Canaror,  
 A qual Oual, a qual a ilha da pioveta,  
 A qual Coulin, a qual di Cranguar  
 E os mais, a queiro mais feruo e contrita  
 Hum so moço, a quem tinha muito amor,  
 Depois que tudo deu, se lhe apresenta,  
 Pera este Cabeca famente fia,  
 Gelado ja por trallo uobre e rica.

Esta lhe dico titulo exaltante  
 De Emperador, que sobre os outros manda,  
 Isto feito se parte diligente,  
 Pera oule em fábula uida acabe, e aude,  
 E Jaqui fica o nome de potente  
 Canari, mais que todos digno, e grande  
 Ao moço e descendente, donde vem  
 Este, que agora o Imperio manda e tem.

A ley da gente todavica e pobre,  
 De fabulas compollo se imagina  
 Andio niu, e famente hum pauo cabre  
 As partes, que a cubrir natura infira  
 Douz modo ha de gente, por que a uobre  
 Naves chamados som, e a meos digna  
 Polcin tem por uoar, a queos obriga  
 A ley não mellorar a culla antiga

Por que

Porqu' ei q' f'aram sempre haem mesmo officio,  
 De outro nao pod' receber conforto,  
 Nem os filhos teram outro exercicio,  
 Seulo a de seus possidos ate morte,  
 Pera os Naires he certo grande trujo  
 Destes serem tocados de tal forte,  
 Que quando algum se toca por ventura,  
 Com cerimonia mil se alimpa e apura.

De sta sorte o Indico povo antigo  
 Nem tocava na gente de Samaria,  
 Mais estranbezava inda das que diga  
 Nesta terra terreis de infancia varia,  
 Os Naires sos sam dudos ao perigo  
 Das armas, fos defendem da contraria  
 Papado o seu Rei, trazendo sempre vsado  
 Na esquerda a adarga, e na direita a espada.

Bramenes sam os seus religiosos,  
 Nome antigo, e de grande preminencia,  
 Obseruado ei precitos tam santos  
 T'ham, que primeiro pos nome as circumas  
 Nam muito coisa vicia, e temerofas  
 Das carnes tem exandissima abstinencia,  
 Somrante no venereos apantancuta  
 Tem mais licenza, e menos regimento.

Cerais

Cerais sam as mulheres; mas fozente  
 Pera os da gerao' de seus maridos;  
 D'usa condicam, d'usa gente,  
 Que nam sam de costumes offralidos.  
 Estes e' outros costumes variamente  
 Sam pelos Malibares abentidos,  
 A terra he grossa e estrato, com tudo apulo  
 Que as ondas podem dar da Orina ao Nulo.

A si contava o Mooro; mas de quando  
 Andava a fuma ja pela cidade,  
 De vinha de sta gente estranha, quando  
 O Rei saber mandava da ter dade,  
 Le vinham pelas ruas caminhando,  
 Roldados de todo fredo, e aliado,  
 Os principes que o Rei buscar mandava;  
 O Capito da armada que de girava.

Mas elle, que do Rei ja tem licenza  
 Pera desembarcar, acompanhado  
 Dos nobres Portuguezes sem detença  
 Parte de ricos panos alternado;  
 Das curas e ferozes disforçaga  
 A vista alegre ao povo aluorçado,  
 O rema compassado fere firo  
 Agora a mar, depois a frega rio.

Na

Na praia b'um regedor do Reino estava,  
 Que na sua lingua Catual se chama,  
 Rodando de Naires, que esperava  
 Com defusada festa o valer Garua:  
 Ia na terra nos braços o leuano,  
 E não portatil trizo h'ia rica cama  
 Lhe offerece em que tra, collouo ofado,  
 Que nas bombas das bombas he leuada.

Desta arte o Malabar, de arte o Luso,  
 Caminhão la pera onde o Rei o espera:  
 Oitavas Portuguezes v'ão ao topo  
 Que infantaria se que esquadra fere:  
 O povo que concorre tray confuso  
 De ver a gente estrange, e bem quizerá  
 Perguntar: mas no tempo ja passado  
 Na torre de Babel lhe foi vedada.

O Gama, e o Catual h'ão fallando  
 Nas cousas que lhe o tempo offerecia,  
 Monquide entrelhe tray inter pretando  
 As palavras que de ambos entendia:  
 Assi pela cidade caminhando,  
 Onde h'ão rica fabrica se requia  
 De hum sempre usado templo ja chegado,  
 Pelas portas de qual jantou entrado.

Al' ellas das deidades as figuras  
 Esculpidas em ped, e em pedra fria,  
 Varios degestos, varios de pinturas,  
 A segando o Demonio lhe fogia.  
 Vem se as abominaveis esculpturas,  
 Qual a Chimera em membros se varia,  
 O Christão albei a ver Deos vjados  
 Em forma humana estam mar enlaidos.

Hum na cabeça cornos esculpido,  
 Qual Iupiter Amon em Lybia estava,  
 Outro não corpo resplandecia vaido,  
 Bem como o antigo lavo se pintava:  
 Outro com muitas braços deuidos  
 A Briarco parece que imitava:  
 Outro fronte animatom de fora,  
 Qual Anubis d'Egyptico se adora.

Aqui scita de barbaro gentio  
 A supersticiosa adoração,  
 Darcito não sem outro algum desvão,  
 Pera onde estava o Rei do povo v'ão  
 Engrossando se tray de grato o fio,  
 Coi que ven ter ostraudo Capião,  
 Estão pelas tribales e juvenlis  
 Vellos e moços, d'uma e douz g'ra.



La chagão por ta, e não passas lentas,  
 Dos jardins aduiferos fermosos,  
 Que tuas fasciões arrezias apoufentes,  
 Altas de torres não, mas sumpuosas,  
 Edificações nobres sem affentes,  
 Por entre os arvoredos de leitafos,  
 Affi viamos Reis daquelle gente,  
 Na campo e na cidade jantam ceto.

Pelos portais da citra a satibez  
 Se expozes do Vedaba facultade,  
 Em seguras mullas ando por nobrez,  
 Da lada a mui remota antiguidade,  
 Affiguradas não com tal viage  
 As historias daquelle antiga idade,  
 Que quem delias tuar noticias inteeja,  
 Pela sombra a camboge a verdadeira.

Estava hum grande exercito que pisa  
 A terra Oriental, que o Idospe leua,  
 Rege q' haviu capitão de fronte lisa,  
 Que com frondentes Tijfos pelijava,  
 Por elle edificadas estaua Nafes,  
 Nas ribeiras do rio, que manaua,  
 Tão proprio, que se ali elluier Semelle,  
 Dirá por certo, que he seu filho aquelle.

Mais aante bebendo feca o rio,  
 Mui grande multidão de Affria gente,  
 Sujrita a fentidão feitura,  
 De bina tam bella, como incostante,  
 Abtem junto ao lado mauca firo,  
 Esculpido a feroz gente ardente,  
 Com quem teria o filho competencia,  
 Amor refando, bruta inconstancia.

Daqui mais apartadas trevelidões  
 As bonduras de Grecia gloriosas,  
 Tercera Monarchia, e fupremã,  
 Atte aragoas Gurgeticas pulsoas,  
 Dum capitulo mancho se quicidões  
 De palmas rochado valrofas,  
 Que jantão de Filipo, mas sem falta,  
 De progenie de Iupiter se exalta.

O Portugal fufcitando effas memorias,  
 Dizio o Catual ao Capitão,  
 Tempo ardo tu, que outris victorias,  
 Ellas que agora achais abatemã,  
 Aqui se fphuerão nuas historias,  
 Por gentes estrangeiras que veão,  
 Que manifestas fahes magos o alcançidões,  
 Quando o tempo faturem effas memorias.

E he mais a magica sciencia,  
 Que para fealdar surge tam mba,  
 Nao valerã dos homõs resistencia,  
 Que contra o Ceo não val da gente mambat:  
 Mas tambem hez que a bella excellencia  
 Nas armas, e no paiz, da gente estranha  
 Sera tal, que sera no mundo ouvido  
 O recandar, por gloria do recuado.

Affo fallando entãção ja na sala,  
 Onde aquelle potent Emperor  
 Nãa camilla jaz, que nam se iguala  
 De outra algũa no prezo e no lauroz mudo,  
 No recostado gesto se afilada  
 Hum recuando e no prospero feubar,  
 Hum pau de ouro cingir, e na cabeça  
 De preciosas gemas se abreza.

Bem junto delle bem velho residente,  
 Cos olhos no chão, de quando em quando  
 Lhe dilipa a terço folha da frãna ardente,  
 Que a seu costume estãna humilhando,  
 Hum Beo curar, pessa prominentemente,  
 Pera a Cama venico n passo brande,  
 Perã que no grande Principe o presente,  
 Que diante lle estava que se affente.

Sentado o Cama junto ao rico leito,  
 Os seus mais affilados, prompto em vista  
 Ellana o Samori no trajo e no gesto  
 Da gente, nunca de antes delle vista:  
 Lançando a grã voz do sabio peito,  
 Que grãnt autoridade logo aquista  
 Na opinião do Rei, e do povo todo  
 O Capitão lle fallou deste modo.

Hum grande Rei, de la das partes, onde  
 O ceo volubil com perpetua roda  
 Da terra a luz solar coa terra esconde,  
 T ingindo a que deixou de escura moda,  
 Ouvindo do rumor que la responde  
 O eco, como em ti de lãdia toda  
 O principado estã, e a magestade,  
 Vinculo quer castigo de amizade.

E por longos rodos a ti manda,  
 Per te fazer saber que tudo aquillo  
 Que sobre o mar, que sobre as terras anda  
 De riquezas, de la do Tijo ao Nilo:  
 E des da fria plaga de Orlãda,  
 Até bem donde o Sol nam muda o estillo  
 Nos dias, sobre a gente de Esciopia,  
 Tudo tem no seu Reino em grande copia.

E se queres com pastos, e línguas  
 De paz, e de amizade fairs, e tua,  
 Le verás confesar das abundancias  
 Das fazendas da terra sua, e tua,  
 Porque creção as cercas, e abastanças,  
 Por quem a gente mais trabalha e sua,  
 De vossos Reinos, sera certamente  
 De ti procurado, e della gloria izente.

E fendo affluente o rio desta amizade,  
 Entre vos firmemente permaneca,  
 Eitara prompto a toda adversidade,  
 Que por guerra a teu Reino se offerca:  
 Com gente, armas, e nao de qualidade  
 Que por ymão te traha, e te conserve,  
 E da vntade com ti sobrysto possas  
 Me dar a mycerissima resposta.

Tal embarcada dava o Capito,  
 A quem o Regente respondia,  
 Que em tres embarcadores de nação  
 Tam remota, gram gloria recedia:  
 Mas neste caso a vltima temção  
 Com as de seu conselho tomaria,  
 Informando se certo de quem era  
 O Rei, e a gente, e terra que differia  
 E que

E que em tanto podia do trabalho  
 Passado se repouzar, e em tempo breue  
 Daria a seu despacho ham justo talha,  
 Com que a seu Rei resposta alegre leue:  
 Le neste panha a noite o estado atalho  
 As humanas creações, por que ceue  
 De doze sellos os membros trabalhados,  
 Os olhos ocupando ao ocio dados.

Affastados ser am juntamente,  
 O Gama, e Portuguezes no apoufento  
 De nome Regedor da Indica gente,  
 Com seillo e geral contentamento:  
 O Casal no cargo diligente  
 De seu Rei, tinha ja por regimento  
 Saber da gente estranha donde vinha  
 Que collantes, que lei, que terra tinha.

Tanto que as iguéis carras de sermofo  
 Mancho Delio viu, que a luz renoua,  
 Mandou chamar Monquide, de seiso  
 De poder se informar da gente noua:  
 Lo lhe pergunta prompto e curiosa,  
 Se tem noticia inteira, e certa proua,  
 Das estranhas quem sam, que ouuido tinha  
 Que de gente de sua patria muy vizinha

Que particularmente ali lhe deffe  
 Informaço muy larga, pois fazia  
 Nisso serviço ao Rei, porque soubesse  
 O que nelle negocio se faria  
 Monarcha torna, posto que eu quizesse  
 Dizerte d'isto mais nam saberia,  
 Somente sey que he gente de de Hespanha  
 Onde o meu arado, e o Sol no mar se banha.

Tem a ley dum Profeta, que zerado  
 Foysem fazer na carne de um morto  
 Da muy, tal que por baso ella apricado  
 Do Deus, que tem do mundo o regimento;  
 O que entre meus antigos he vulgarado  
 Delles, he que o valor foygualdo  
 Das armas, no seu braco resplandey,  
 O que em nossos passados se parey.

Por que elles com virtude sobre humanos,  
 Os dptarões dos campos abundosos  
 Do rico Teyo, e fresca Guadiana,  
 Com feitos memoraveis, e ferozes  
 E não contentes iula, e na Affricana  
 Parte, cortando os mares procelosos  
 Não não querem deixar vosses seguros,  
 Tomando nos ciladas, e altos muros.

Não

Não morem tem mostrada esforço, e macha,  
 Em juas que contra guerra que alicia,  
 Ou das gentes beligeras de Espanha,  
 Ou da dalgua que do Pireus deza.  
 Ahi que nunca em fim com longa estranha  
 Se tem, que por vencidas se combeza,  
 Não se sabe iula não, se afirma e affello  
 Para elles. Ambos nemham Marcello.

E seja informaçõ não ser inteira  
 Tanto quanto costum, delles precide  
 Infamante, que he gente verdadeira,  
 A quem mais falsidade coiza e offende.  
 Vay verbe a fruta, as armas, e a maquina  
 Do fualdo mortal, que tudo rende,  
 E fulgoras de veres a policia  
 Portuguesa na paz, e na milicia.

Li com desejo o Idolatra ardia,  
 De ver isto, que o Mouro he cont sua,  
 Manda esparpar bateis, que se ver queris  
 Os leobas em que o Gama navegava.  
 Ambos partem da praia, a quem se guia  
 A Nave geraçom, que o mar cubava,  
 As Capitana sobem forte e bella,  
 Onde Paulo os recebe a bordo della.

Parpartem

Purpureas sem as talhas, e as bandeiras  
 Do rio se faz, que o bicho gera,  
 Nellas estão postadas as guerreiras  
 Obras, que o forte braço se fizera:  
 Batalhas tem campo aventureiras,  
 Desafios cruéis, pintura fera,  
 Que tanto que ao Cécio se apresenta,  
 A terra nolla as olhos apocenta.

Pelo que te pergunta: mas o Cécio  
 Lhe pelas primeiras que se offerte,  
 E que aquella delcete que tanto ama  
 A ceita Epicurea, experimente:  
 Dou effronantes vinhos se derrama  
 O licor, que Nos mollicha as gentes:  
 Mas comer o Cécio nam pretende,  
 Que a ceita que seguis lho defende.

A trombeta que em paz no pensamento,  
 Imagem faz de guerra, rompe os ares,  
 Co fogo o diabolico instrumento,  
 Se faz ouvir no fundo la dos mares:  
 Tudo o Cécio nota: mas o intruso  
 Mostra sempre termos singulares  
 Feitos dos homê, que em retrato breue  
 A multa poesia ali desferue.

*Aquasi*

Aquasi em pé, co elle as Góias junto  
 Coelbo de outra parte, e o Mauritano  
 Os olhos para os bellicos trasfunto  
 De hum velho branco, afreito ventrante,  
 Cajo nome nam pode ser desuante  
 Em quanto viver no mundo trato humano,  
 No traje a Greça refuzca está perfeita,  
 Hum rano por insignia na direita.

Hum rano no mulo tiabit: mas o ergo  
 Eu que cometo infans, e temerario,  
 Sem ver Nymphas do Tejo, e do Mondego,  
 Por canibos tam ardo, longo, e vario:  
 Vassa sanar inuoco, que manejo  
 Por alto mar, com vento tam contrario,  
 Que se nam me apudico, si grande medo,  
 Que o meu fraco battel se alongue cedo.

Ollas que ha tanto tempo, que cant no lo  
 O vasso Tejo, e os vassos Lusitanos,  
 A fortuna me traz peregrinando,  
 Nouos trabalhos vinda, e mouos danos:  
 Agora a mar, agora espreito a mulo  
 Os perigos Mauerias inhamao,  
 Qu'el Carice que a morte se condene,  
 Nãa mulo sempre a espula, e moutra a pena.

*Agora*

Agora com pobreza avariciada,  
 Por bispinho albeio degradado,  
 Agora da esperança ja adquirida,  
 De novo mais que nunca de tribuado.  
 Agora aos coltos escapando a vida,  
 Que dum fio pendia tam delgado,  
 Que não meço milagre foi saluar se,  
 Que pera o Rei ludaino acerta se.

E ainda Nymphas minhas não bastare,  
 Que tambem miseria me coraressen.  
 Se não que aquelles que eu cantando andava,  
 Tal premio de meus versos me toraressen  
 A troco dos descansos que esperava,  
 Dos capellas de leuro que me bouaressen,  
 Troubaas novas e jadas me iuncta rão,  
 Com que em tam duro estado me deitãrão.

Vede Nymphas que engobas de fealdades  
 O vosso Tejo tria valeroso,  
 Que assi sabem prezãr com tais fauores  
 A quem os faz cantando gloriosos.  
 Que exemplos a futuros escriptores,  
 Pera esperar engobas curiosos,  
 Pera porer as cousas em memoria,  
 Que merecerem ter eterna gloria.

Pois

Pois logo em tantos males he forçado,  
 Que se vossa favor me não fultora,  
 Principalmente aqui, que seu obgado  
 Oute feitos dizeis seu engobado.  
 Dai-me vos sas, que eu teulo ja jurado  
 Que não no empregue em quem o não mereça  
 Nem por bispinho boue de quem subido,  
 Sob pena de não ser agradeido.

Nem creai Nymphas nam que fama desse  
 A quem as bem comam, e de seu Rei  
 Antepoer seu proprio interesse,  
 Inigo da divina e humana ley,  
 Nem tam ambiciosa, que quizesse  
 Sabir a grandes cargos, cantores,  
 Se por poder com tempo exercicio  
 Vjar mais largamente de seus ducos.

Nem tam que use de seu poder ballante  
 Pera seruir a seu desejo stio,  
 E que por comprazer ao bulho errante  
 Se mude em mais figuras que Proteio,  
 Nem Camenas tambem caudeis que care  
 Quem com habito bouista e grande veio,  
 Por contentar o Rei no officio mio,  
 A despir e reubar o pobre poio.

Nem

Nem quem acha que he justo q' que he deus  
 Guarde a ley do Rei seu amante,  
 E não acha que he justo e bom respeito,  
 Que se pague a suor da sua geneta.  
 Nem quem sempre com pouco esperto peito  
 Razões aprende, e cande que he prudenciar,  
 Para tomar com não respect e chafis,  
 Os trabalhos do Rei, que não passa.

Apelles seu direy que menturaria  
 Por seu Deo, por seu Rei, e amada vida.  
 Onde perdidos, em fama e delicia,  
 Tambem de suas obras merecida.  
 Apulo, e as Musas que me acompanharia,  
 Me dobraram a furia concedida.  
 Em quanto eu tanto alento desconfado,  
 Por venar ao trabalho meu folgada.

F I M.

## Canto Oitavo.



A primeira figura

se desinha

O Catual, que tira ciller pintado

Que por deusa haem ramo nemão tinha,  
 A barba branca, longa e protenda.  
 Quem era, e por que causa he conhecida  
 A deusa que tem na mão tomada,  
 Paulo responde, cuja voz discreta  
 O Maurilano sabio he interpreta.

Este figuratado que apparece,  
 Branca em vista, e seros nos aspinar,  
 Mais brancos, e mais seros se combecem  
 Pela fama, nas obras, e nos feitos  
 Antigos sãos, mas mais resplandecem  
 Co nome, entre os tempos mais perfeitos,  
 Este que vis he Lafo, donde a fama  
 Oulso Reino Lusitania chama.

Foi

Foy filho e companheiro do Thebano,  
 Que tam diversas partes conquistou  
 Parece vindo ter as riberas Flavianas,  
 Seguido as armas que continha o seu,  
 De Douro, Guadiana o campo raso,  
 La deo Elbio, tanto o contentou  
 Que ali quis dar, ate ja causado offeo  
 Estima sepultura, e nome aos riosseos.

O ramo que lhe ves pera diuina,  
 O verde Tyro foi de Baco usado,  
 O qual na messe idale amosfo e anisa  
 Que foi seu companheiro e filho amado  
 Foi castro, que de Tyro a terra pisa,  
 Depois de ter tam longo mar arado,  
 Onde muro perpetuo edifica,  
 E templo a Pallas, que em memoria fica

Vistes he o que faz a sancta casa  
 As Deusa, que lhe dá logoz sacunda,  
 Que se lêna Asia Troia usque abraza,  
 La na Europa Libnos ingente funda:  
 Quem sera esbrouto ca que o campo arrasa  
 De moicos, com presenja suribunda?  
 Cr ante batalhas tem debar atado,  
 Que as Agreas nas bandeiras tem postadas.

Affo e Cretio diz, responde a Guana,  
 Este que ves pastor ja foi de gado,  
 Variato sabemos que se chama,  
 De libro na lingua mais que no cejado  
 Injurado tem de Roma a fama,  
 Vencedor immortel afamado,  
 Nam tem coelle não, nem ter poderão  
 O peyor que com Pirro ja tuerao.

Com forza não: com manha vergulhosa,  
 A vida lhe tirado que se espanta,  
 Que o grande aperto em gente julo q' honrosa  
 Ahi vezzi lito maguamos quebranta  
 Outro estã aqui que contra a patria jresa  
 Degradado com nosos se alimenta,  
 Espalhes bem com quem se aluuant esse  
 Pera que eternamente se illustresse.

Ves com nosos tambem vinct as bandeiras  
 Dessas aves de laspirer validas,  
 Que ja naquelle tempo as mais garriciras  
 Cretas de nu funderam ser demitidas,  
 Offa com feroz avoz e mantidas,  
 Pera alquiter os poios tam fingidas  
 A fatidica Cerus que o anisa,  
 Elle he Sarcotas, e ella e sua diuina.



Olla e flouros habilitada e se pintada,  
 O grão progreitor dos Reis primeiros,  
 Nas Vigas e o fagorão, por em nado  
 Creou ferem Lucharinga os estrangeiros,  
 Depois de ter os Muros superado  
 Galgas, e Leonetes canalicos,  
 Ao casa Sancta passa o sancto Euriptor,  
 Por que o nome dos Reis se sanctifica.

Quem be até ás estaturas que me esperata,  
 Porqueto o Malabar mar anilhado,  
 Que a terra esquadra, que grates tanta,  
 Com tam pouca, temozos e destruzado,  
 Tanto maris a perirnos quebranta,  
 Tantas batalhas e inanca casado,  
 Tantas curvas tem por tantas partes,  
 A seu pio detribada, e estandartes.

Este he o primeiro Assuso, disse o Coiro,  
 Que toda Portugal em Muros tomas,  
 Por quem no Etilio logo jura a fama,  
 De mais não celebrar anham de Roma,  
 Este he aquelle zeloso e quem Deus ama,  
 Com cujo beijo o Muro logo doua,  
 Pera quem se seu Reino abaxa os muros,  
 Nada deixando ja pera os futuros.

Se Cesar, se Alexandre Reitoria,  
 Tampequero poder, tam pouco grato,  
 Contra tantos inimigos quantos erdo,  
 Os que de barataria este excellento,  
 Nam creas que seus panes se esfoderão  
 Com glorias immortais tam largamente:  
 Mas deixa os feitos seus em explacito,  
 Ve que os de seus vassallos jam nutacito.

Este que vai albar com gesto yrado,  
 Pera o rampido Aluano mal soffrido,  
 Dizendo lhe que o exercito espuhaldo,  
 Revolta, e se torna ao tempo desfraldado,  
 Torna o meço do velho acompanhado,  
 Que vencerdo o torna de vencido,  
 Fazer mojar se chama o ser te velho  
 Pera leis vassallos clare espulso.

Vello te vai com fillos a entregar-se,  
 A corda avata, no de seda e panes,  
 Por que nam quis o meço foga esse yrado,  
 Como elle promettera de Castellanado,  
 Fez com seu e promessa leuacaso,  
 O cerco que se estava suberano,  
 Os fillos e molher obrigo as promessas,  
 Pera que o jacobus julor, a seccimtoquin.

Nam fex o Confultants que cercado  
 Foi por forças Canhões de ignorantes  
 Quando a passar por buxo foi furcado  
 Do Sacramento pago triumphante  
 Elle pelo seu peso injuriado,  
 Assim se couteja soffrindo e constante,  
 E fustro affo, e as filhas naturais,  
 E a consorte seu culpa que de mais.

Ves este que fustro de cida,  
 Dá fustro o Rei que cerca a villa forte,  
 Ia o Rei tem preso, e a villa de fercale  
 Elle fustro feito digno de Mourer,  
 Vello ca deo pintado nella armada  
 No mar tambem nos Mourer dando a morte,  
 Tomando lre a galis, levando a gloria,  
 Da primeira a primeira villosa.

E don Fuar R. apido que na terra,  
 E no mar respaldado juntamente,  
 Co fogo que acendeo junto da terra  
 De Abila, não z. ab. de Mourer zente  
 Olha imoando jalla e fusla guerra  
 De acabar pelopulo e fustro cante,  
 Das mãos dos Mourer entra a felice alma,  
 Triunfando nos acor com jalla Palma.

na. 7. 2. 3. Não

Nam vos tam ajuntamento de estrogiro  
 Trajo, sair da grande armada vossa,  
 Que ajuda a combater o Rei primeiro  
 Lisboa, de si dando fustro a prova:  
 Olha Enrique fustro cavalheiro,  
 A Palma que lre nasce junto ao costa,  
 Por elles mostra Deus malogre nullo,  
 Germinando jam os Martyres de Christo.

Ham Sacerdote de brandindo a espada,  
 Contra Arrambes que toma, por vingança  
 De Liria, que de antes foi tomada,  
 Por quem por Maphane de corolla a lora,  
 He Teodoro Prur: mas de cercado  
 Sofflarem, e de tras a segurança  
 Da figura nos muros, que primeira  
 Subindo ergueo das Quinas a bandeira.

Vello ca donde Sancho desbarata,  
 Os Mourer de Vandalia em fustro guerra,  
 Os inimigos rompendo, o Aferez mata,  
 E Hospicio pendido derriba em terra,  
 Mem Maniz he, que em si o valor retrata,  
 Que o sepulchro do pay vai effo a terra,  
 Digno destas bandeiras, pois sem falta  
 A contraria derriba, e a fustro xalta.

R. 3. Olha

Olha aquella que deys pela lança,  
 Com as duas cabeças dos vigias,  
 Onde a cilada escocelle, com que alcança  
 Acidade por murchas e o fidalgo;  
 Ella por armas toma a semelhança  
 Do cavalleiro, que as cabeças fria  
 Na mão leuana, feito nunca frito,  
 Girado sem passar de o forte peito.

Nam vii hum Castelhano, que agruado,  
 De Affonso novo Rei, pelo odio antigo  
 Dos de Lara, em Mouras he ditado,  
 De Portugal faz gualdo inimigo?  
 Abrantes villa toma acompanhado  
 Dos duros infeis que traz cruquico;  
 Mas vi que hum Portuguez com pouca gente  
 O desbarata e o prende enfadadamente.

Martin Lopez se chama o cavalleiro,  
 Que de lles leuar pode a palma, e o leuro;  
 Mas olha hum Ecclesiastico guerreiro,  
 Que em lança de aço torna o Bazo de ouro;  
 Villa entre as duandofas tem inteiro,  
 Em não ser a batalha ao bravo Moura,  
 Olha o final no pro que lhe apore,  
 Com que um pouco seus e esforço corre.

Vio

Vio não os Reis de Cordova e Sevilla,  
 Rater, em outros deus, e não de espaço,  
 Rater' mas antes mortos, maravilha  
 Frangir de Deus, que não de humano braço;  
 Vio ja a villa de Alajarc se humilha,  
 Sem lhe valer defesa, ou muro de aço,  
 A dom Mathem o Bispo de Lisboa,  
 Que a cerca de palma ali cerca.

Olha hum Mestre que deys de Castilla,  
 Portuguez de nação, como conquista  
 A terra dos Algarves, e ja villa  
 Nam acha que por armas lhe resista,  
 Com manha, esforço, e com benigna cibella  
 Villa, castellos toma a escalla villa;  
 Vio Taula tomada aos moradores,  
 Em ringuiza dos sete caadores.

Vio hum belico astucia ao Moura gamba  
 Saltes, que elle gambou com força ingente,  
 He dom Paio Correa, cuja manha  
 E se onde esforço faz enveja ao gente;  
 Mas não passou os tres q' e Feliza e Espanha  
 Se fazem combater por penosamente,  
 Em defesa, justas e tuentes,  
 Nellas deitando publicos teofras,

R 4

Villa

Vellitas no se vem de aue sturtiras,  
 A Castilla, on he o prezo seu lealdade  
 De jogos de Belona verdadeiros,  
 Que co n' d'ouro de alqum se exerciair tem,  
 Vi' martos os soberbas e canilleiros,  
 Quem principal dos tres del'ofurão,  
 Que Gonçalo Ribeiro se nomea,  
 Que pode não temer a ley Letra.

Atenta vem que a fama tanto ostende,  
 Que de armbem possado se contenta,  
 Que a patria que de hum fraco foi peude  
 Sobre seus duros bombros a sustenta,  
 Não se ven tanto de pra, que repende  
 A nul defonfiança inerte e leuda  
 De prau, e faz que tome o dize freya,  
 De Rei seu natural, e nam de alheya.

Olha por seu conselho e consalia,  
 De Deu guada se, e de sua Esprella  
 So pode o que impossibil parecia,  
 Venir o povo ingrate de Castilla:  
 Ve' por in d'ultra, e furço, e valentia  
 O vno estraço e victoria clara e bella  
 Não se ate, assi ferroz como infantia,  
 Que entre o Turco, e Guahana habita.

Mas

Mas não ven quasi ja desbaratado,  
 O poder Lusitano, pela asfencia  
 De Capitão deante, que aperta lo  
 Orulo inerte a fuma e' trua e' fencia  
 Vello com prezo ja do seu achado,  
 Que lhe dizem que falta resistencia  
 Contra poder ta n' vbo, e' que vrieffe,  
 Por que confizo e furço aos fracos deffe.

Mas olha com que sancta confiança,  
 Que in la não era tempo respouza,  
 Com quem tinha em Deu a segurança  
 Da victoria, que logo lhe daria:  
 Assi Pompilio, quando que a possua  
 Das inqiza a terra lhe corria,  
 A quem lhe a d'ara nome e' llo e' deudo,  
 Pouca, respouza, e' sua satisficão lo.

Se quem com tanto e furço em Deu se atreue,  
 Ouir quatero como se nomea,  
 Portuguez Capião chamar se deve:  
 Mas mais de dom Nuno Alvarz se atreue,  
 Dize a patria que tal filho teve:  
 Mas a terra pai, que em quanto o Sol radia  
 E de globo de Cerco e' Neptuno,  
 Sempre suspirará por tal alveo.

Nã

Na mesma guerra de que presas gacha,  
 El bravo Capitão de pouca gente,  
 Comandadores venoz, e o galeo apauca,  
 Que bramão roubado casualmente:  
 Outra vez de que a lança em sangue hecha  
 Delle se por lutar com amor ardente  
 O preso amigo, preso por real,  
 Pero Rodriguez he do Landreal.

Olha este desreal o como paga  
 O perjurio que fez se del engano,  
 Com Fernandez he de Elias quem o esfragá,  
 E faz vir a passar o ultimo dano:  
 De Xerez rouba o castillo, e quasi alagá  
 Co sangue de seus donos Castellano:  
 Mas olha Rei Pereira que co rosto  
 Faz esfando aos galeos, diante pagão.

Olha que dezesseis Lusitanos,  
 Neste encuro sabidos se defendem,  
 Fortes de quatrocentos Castellanos,  
 Que em derredor pelas torres se defendem,  
 Porém logo sentiram com seus danos,  
 Que nam so se defendem, mas offendem,  
 Digno feito de ser no mundo eterno,  
 Grande no tempo antigo e no moderno.

Sabe-se

Sabe-se antigamente que trezentos  
 La contra mil Romanos pelearão,  
 No tempo que os viris atreuidos  
 De Viriato tanto se illustrarão,  
 E d'elle alcançando vencimentos  
 Memorandi, de traça nos deixaram,  
 Que os muitos pag ser poucos nam tememos  
 O que depois mil vezes amostramos.

Olha ca deus losantos Pedro e Henrique,  
 Progenia generosa de loare,  
 Aquelle faz que fama illustre fiquer  
 Delle em Germania, com que a morte enzarcar:  
 Este, que elle nos morto o patriquer,  
 Por seu desfechido, e desfragar  
 De Ceita a Moura tomada traidado,  
 Príncipe entrando as portas da cidade.

Ves o Conde dom Pedro que sustenta  
 Dadas cercas contra toda a Barbaria,  
 Ves outro Conde estã que representa  
 Em terra Marte, em forças eousadas,  
 De poder defender se nam contenta  
 Alaxere de ingente companhia  
 Mas do seu Rei defende a cor a vida,  
 Pondo por pauca a sua, ali per dila.

Quarta

Outros muitos verias que as pinturas  
 Aqui tambem por certo pintarião:  
 Mas saltalhe pinguí, saltão lhe cores,  
 Hora, premio, favor que as artes crião,  
 Culpa dos viciosos fautores,  
 Que depreção certo, e se depreção  
 Do lustre, e do valor das seu passadas,  
 Em gestos e vaidades atoladas.

Aquelles pais illustres que ja derão  
 Principio as gerações que delles prade,  
 Pela virtude muito antes fixação,  
 E por deixar a coisa que deprende,  
 Cigra, que dos trabalhos que tuarão,  
 Se alta fama e rumor delles se estende,  
 E poros deixo sempre seus mecoses,  
 Com lhe deixar dezanjos covardes.

Outros tambem ha grandes e abastados,  
 Sem nemham trono illustre donde vendão,  
 Culpa de Reis, que cas vezes a primades  
 Não mais que a milã e faryo e saber teubã  
 Estes as seu nam querren ver pintados,  
 Crendo que cores dãs lhe não comendão,  
 E com a seu costumeo natural,  
 As pinturas que fallã querren mal

NÃO

Não argo que á com tudo descendentes  
 Do generoso tronco, e casarica  
 Que com casturos abas e excellentes  
 Delytã e nobrezas que lhe foy  
 E se ha luz dos antigos seu parentes  
 Nelles mais o rahir não clarifica,  
 Nam falta ao mecos, nem se faz escurear  
 Mas deites a ba pontos a pintura.

Aqui está declarando os grandes feitos,  
 O Gama que ab mostra a varia tinta,  
 Que a danta mão tam clara, tam perfeita  
 Do singular artifice ab pinta:  
 Os olhos todos promptos e direitos,  
 O Letual na historia bem distinta,  
 Mil vezes perguntana, e mil comia,  
 Argo dejas batalhas que ali via.

Mas ja a luz se mostra em dambolosa,  
 Por que a alampala grande se estendia  
 Debaxo do Orizante e luminosa  
 Levava os Antipolos o dia,  
 Quando o Gama, e a trouxe generosa,  
 Dos Naires, de uno fonte se partia  
 A buscar o repouso que depreisa,  
 Os lassos avarios, na noite morsa.

Entre

Entre tanto os Anjos se famofos  
 Na fufte epifanio, que em sacrificios  
 Attenua sempre as cafas dominicas,  
 Per fuaí d'abolição, e' m' d'os  
 Mandados do Rei proprio, e' d'indios  
 Exatidão a arte e' fua officios,  
 Sobre ella vinda della gente e' ftramba,  
 Que as fua terras vem da ignota Espanha.

Suaí de m'ltos o Demos ver d'abrir,  
 De como a noia gente lhe feris  
 Inopropetuo, eterno cativo,  
 De ftruíam de gente, e' de vobis  
 Vafte e' fparado o atonito e' fparado  
 Dizer ao Rei (segundo o que entendi)  
 Os fuaí temerofos que ali m' fira  
 Nas ent'ilhas de' v'ltimas que m' fira;

A fto mais fe ajunta que bem devoto  
 Sacrificios de ley de Maphamete,  
 Das odios concebidos nome temoto,  
 Contra a divina Fe, que tudo excede,  
 Em forma do Prophecia f' f' e' nota,  
 Que de f'illo da e' f'ama Af' e' procede,  
 Baco odioso em f'ombos lhe aparece,  
 Que de f'uaí odios inda fe nam leje.

E diz

gala. E diz lhe afí, guardeinas gente m' fira,  
 Do mal que fe aparece pelo amigo  
 Que pelas aguas humidas caminha,  
 Antes que e' fteis mais perto do perigo.  
 Mo dizgado accorda o d'fouro a f'ira,  
 E' fparado do f'ombo: mas conf'igo  
 Cuida que não he mais que f'ombo v'fado  
 Torna a dormir quieto e' f'ofgado.

Torna Barbo dizgado, nome conhecido  
 O grande e' f'iblor que a temo p'ffado  
 Tem m' f'irado o p'f'rito a que obedece  
 Sem o qual f'ortis m' f'itas baptizado?  
 Em parti tudo vello, e' tu alar m' f'ede  
 Pois f'aberas que aquelles que e' f'egados  
 De novo f'am, f'eram may grande dano  
 Da lei que tu deis ao ref'is povo humano;

Em quanto he f'rita a f'orça de f'ta gente,  
 Ordena como em tudo fe ref'ida,  
 Por que quando o Sol fe f'acilmente  
 Se pode nelle por a e' f'ida v'fida,  
 Por m' d'epois que f'abe claro e' ardente,  
 Se e' f'adiza dos olhos a conquista,  
 Tam cega fica, quanto f'icava  
 Se raizga criar los nam tolvem.

O

Ifo diz

Ille dicit, ille est o fons si desponde,  
 Tremendo sua o atouto Agareno  
 Salta da cama, lante os ferros pede  
 Levando nelle o feruido veneno:  
 Tanto que a nova luz que ao Sol procede  
 Mostra a raosta Angelico e sereno,  
 Convoca os principaes da torpe citta,  
 Aos quois do que foubou a conta citta.

Diversos pareceres e contrarios  
 Ah se dno seguindo o que entendio,  
 Altas traicoes, enganos varios,  
 Perfidas inuencoes e trecoas:  
 Mas deixando conselhos temerarios,  
 Destruam da gente pretradios,  
 Por muitas mansoas e ardis milhores,  
 Com peitas adquirando os regedores,

Com pitas, ouro, e dadias secretas  
 Concilio da terra os principaes,  
 E com razoes notaveis e discretas  
 Mostra em ser perdicaem dos naturaes,  
 Dizendo que sem gentes iniquas,  
 Que os mares debarrento Occidentaes,  
 Virem so de piratas e rapinas,  
 Sem Rei, sem leis humanas ou divinas.

O quanto

O quanto deve o Rei que bem governa,  
 De olhar que os conselheiros, os primarios,  
 De consciencia, e de virtude interna,  
 E de succero amor sejam dotados:  
 Por que como elle posto na suprema  
 Calceira, pode mal das apartadas  
 Negocias, ter noticia mais intrinca,  
 Do que he de dar a lingua conselheira.

Nem tam pouco diccy que tome tanto  
 Em grossa, e consciencia limpa e certa  
 Que se enlece num pobre e humilde manto,  
 Onde ambicao a caso ande encoberta,  
 E quando hi ha em tudo he justo e sancto  
 E em negocias do mundo pouco a certa,  
 Que mal coelles poderes ter conta,  
 A quietta innocencia em so Deus prenda.

Mas aquelles avaros Catuaes,  
 Que o Gentilico posse governar so,  
 Induzidos das gentes infernaes,  
 O Portuguez despachos dilatam so:  
 Mas o Ceasma, que não pretrande mais,  
 De tudo quanto os Mouros arde namo,  
 Que leuar a seu Rei haun final certo  
 Do mundo, que deixa descoberto.

o quanto

S

Nfo



Não trabalhas se, quem bem sabia  
 Que depois que leuasse ella certeza,  
 Armas, e mar, e gentes mandaria  
 Manoar, que exercida a summa alheia,  
 Com que a seu povo e ley sumeteria  
 Das terras, e do mar a redondeza,  
 Que elle não era mais que hum ditto  
 Descobridor das terras do Oriente.

Fallar ao Rei Creso determino,  
 Porque com seu despacho se torresse,  
 Que ja sentia em tudo da malicia  
 Creso impedirse quanto desejasse.  
 O Rei que da successão falsa, e urbana  
 Não era despartir se se partasse,  
 Que tam credulo era em seus agurros,  
 E mais feudo affo malto pelo Muro.

Este temor lhe esfrão baldos peões  
 Por outra parte a força da cobicia,  
 A quem por natureza está sujeito,  
 Hum desejo immortal lhe accende, e atira  
 Que bem vê que grandissimos proueitos  
 Fará, se com verdade, e com justiça  
 O contrato fizesse por longos annos,  
 Que lhe comete o Rei dos Lusitanos.

Sobre

Sobre isto nos conselhos que tomava,  
 Achava muy contrarios pareceres,  
 Que naquelles, com quem se aconselhava,  
 Exortava o ditto seu padree.  
 O grande Capão chamar mandava,  
 A quem chegado disse, se quizesse  
 Confessarme a verdade tempo, e ora,  
 Perdão alcançares da culpa tua.

Em seu bem informado, que a embaçada  
 Que de teu Rei me deite, que he fugida  
 Por que nem tu és Rei, nem patria amada,  
 Mas vagabundo vas passando a vida  
 Que quem da Hisperia ultima alongada  
 Rei, ou senhor de casaria despendida,  
 Ha de vir cometer com naos, e frotas  
 Tam incertas viagens, e recitas!

E se de grandes Reinos poderosos,  
 O teu Rei tem a regna magestade,  
 Que presentes me teozes valer osus,  
 Simas de tua imagina verdade.  
 Com pejas e dous altos sumptuosos  
 Se ha dos Reis otros a amizade  
 Que final nem poder não he bastante,  
 As palavras dous dago nãozantes.

S 2

Se

Se por ventura vindes desferreados,  
 Como ja foram bonis d'alta forte,  
 Em meu Reino sercis agasalhados,  
 Que toda a terra he patria pera o forte:  
 Ou si piratas sois ao mar vsados,  
 Dizemo sem temor de infamia, ou morte:  
 Que por se sustentas em toda idade,  
 Tudo faz a vital necessidade.

Isto a si dito, o Grama que ja tinha  
 Suspeitas das insulias que se denava  
 O Mahometico odio, donde vinha  
 Aquillo que tem mal o Rei cuidava:  
 Cua alta confiança, que cominha,  
 Com que seguro credito alcançava,  
 Que Veras Acidalia he influencia,  
 Tais palavras do sabio peito abria.

Se os antigos delitos, que a malicia  
 Humano cometto na presa idade,  
 Nam casar em que o uso da nigricia,  
 Aponte tão cruel da Christandade,  
 Perra por perpetua inimicia  
 Na geraçom de Adão, co a falsidade  
 O poderoso Rei da torçe ficia,  
 Nam conceberas tu tam má sospeita.

Mas

Mas por que ventura grande bem se alcança  
 Sem grandes opressões, e em todo o seyto  
 Sorgue o temor os passas da esperança,  
 Que em suas vias sempre de seu seyto,  
 Me mostras tu tão pouca confiança  
 Desta minha verdade: sem respeito  
 Das razões em contrario que acharias  
 Sendo creffes a quem não crees de mais.

Por que se em de rapinas so diresse  
 Vindongo, ou da patria desferreado,  
 Como crees que tão longe me viesse,  
 Bastar effento incognito e apartado  
 Porque esperança, ou por que interesse,  
 Vias experimentando o mar yrado,  
 Os Antarticos frias, e os ardores  
 Que soffrem do Camarero as macadotes?

Se com grandes presentes d'alta estima  
 O credito me pedes do que digo,  
 Em não vimmas q̄ a achar o estambo Clama  
 Onde a natura por teu Reyno amigo,  
 Mas se a Fortuna tanto me publica,  
 Que eu torne a minha patria, e Reino amigo  
 Então verás o dom sabido e rico  
 Com que minha tornada certifica.

Se te parez imaginado feito,  
 Que Rei da ultima Hesperia atine mundo,  
 Ou arçãos sublimar, o regio peito,  
 Nenhãum caso possível tem por grande.  
 Bem parece que o dade e o gran comento  
 Do Lusitano espirito demande  
 Mais cõdição, e se de mais abez,  
 Que crea de lle tanta fortaleza.

Sabe que ha muitos annos, que os antigos  
 Reo ussãos firmamẽtas propasitão  
 De vencer os trabalhos, e perigos,  
 Que sempre as grandes cousas se opesitão  
 E descobrindo as mares inuuzas  
 Do quito descanço, pretenditão  
 De saber que fim tinhão, e onde ellitão  
 As derradeiras praias que lanuão.

Causito Logo fui do ramo claro  
 Do venoz o Rei, que arão primeiro  
 O mar, por yr deitar do cubo caro  
 O morador de Abdo de realitão  
 Este por sua industria, e cogitão raro,  
 Não u mader ajuntando outro mader,  
 Descubrir pôde a parte, que faz clara  
 De Argo, da Libra a luz, da Libra e da Ara.

Creceudo

Crescendo cas successos bom primozas  
 No peyto as ussãdas, descobritão  
 Pouco e pouco canuãos estranzeros,  
 Que hão succedendo aos outros proseguitão  
 De Affrica os moradores derradizos  
 Aultrais, que anna as sete flammais virão,  
 Forão rãdas de nos, e tras ditzando  
 Quantos ellão os Tropicos queymando.

Affica com firme peyto, e toã tamãdo  
 Proposito venemõs à Fortuna,  
 Atã que nos na teu terreno estrãdo  
 Viemõs pãr a vltima colona  
 Rompendo a força do liquido Estãdo  
 Da tempestade horrifica, e importuna  
 Atã obzãmos de quem so queremõs  
 final, que ao nosso Rey de ti venemõs.

Esta he a verdade Rey, que não seria  
 Por tãto muerio bem pão fraco premio  
 Qual, não sendo illo affã, effer ar pocha,  
 Tãto lãgo tãto fuzido, e não premio  
 Mas antes descançar me ditzaria  
 No mudo descançado e fero premio  
 Da mader Thetu, qual pirata mudo  
 De trabalho a al' e por fuzido rico.

3 4

Affã que

Afí que o Rey, se não o gesto verdade  
 T'ha por qual br. seu era, e não duvidas,  
 Apertando ao despacho brevidade,  
 Não ote impulso o gesto da verdade  
 E se inla te parca fallidade,  
 Cayda de nã razão que esta prouada,  
 Que com clara payza po de verse,  
 Que facil he a verdade decenterse.

Atento estava o Rey na seguirança,  
 Com que prouava Gama o que de rã,  
 Comete delle certa confiança,  
 Credito firmo por quanto proferia,  
 Prouara, as palavras de abullança,  
 Julga na astoridade grão valia,  
 Comença de pagar por engana los  
 O Catual narrado, qual paga los.

Instante a cobiza lo proveyto,  
 Que espera do contrato Lusitano,  
 O faz obedecer, e ter respyto,  
 Co Capitão, e não co Mouro engano.  
 Elym ao Verã munda, que dizeyto  
 Au a m se m, e seguro delgado lano  
 Passa a terra munda qual par se gual,  
 Que pela effeçia troque, e renda.

Que

Que munda da fozem la cusa de munda,  
 Que nos Regnos Cataynos salga,  
 Salgã traç idoma lo da munda  
 Donde a terra se acaba, e o mar começa.  
 Li da Real presença veyranda  
 Se parte o Capitão para onde paga  
 Ao Catual, que delle tinha cargo  
 Embarcação que a sua esta de larga.

Embarcação que o leu ate mudo he pede:  
 Mas o mudo Regedor, que a mudo leças  
 He machinista, nada he comete,  
 Interpondo tardança e embarcaçõ  
 Coelle parte ao ceto, por que o arre de  
 Louge quanto poder dos regios payzes,  
 Onde, sem que seu Reitor a mudo,  
 Faze o que he mudo sua mudo.

La bem longe he diz, que he dize  
 Embarcação ballante, em que partisse,  
 Ou que pera a dez crassimo do dia  
 Futuro, sua partida differisse:  
 La com tantas tardanças entredia  
 O Gama, que o Gama confessorisse  
 Na ma tra, em dos Mouroa, turpa e fere,  
 O que delle ate a mudo entredia.

Era

Era este Catual, bem des que effando  
 Corruas pela Maometana gente,  
 O principal por quem se governaão  
 As cidades do Samorim potente.  
 Delle somente os Moçaras esperança  
 Foyta a seus reganos torpemente,  
 E he, que no concerto til conpira  
 De suas esperanças não delira.

O Gama com instancia lhe require  
 Que o mande por nos nao, e não lhe val,  
 E que afo lhe mandara lhe refire,  
 O nobre successor de Perimal  
 Par que razão lhe empede e lhe difere  
 A fazenda trazer de Portugal,  
 Pois aquillo que os Reis ja tem mandado  
 Nam pode ser por outraem derrugado!

Pouco obedece o Catual corruas  
 A tais palavras, antes revolvendo  
 Na fantasia algum futil, e astuto  
 Engano, diabolico, e estúpido,  
 Ou como banhar possa o ferro bruto  
 No sangue avarrentico, estama vendido,  
 Ou caivans nao em fogo lhe abraçasse,  
 Por que aubia as paizes mais tornasse,

Que

Que aubum torce as patria se pretende  
 O conselho infernal dos Maometanos,  
 Par que não saiba nunca onde se estende  
 A terra Eoa o Rei dos Lusitanos:  
 Não parte o Gama em fim, que llo defente  
 O Regedor dos barbas os profanos,  
 Nem sem licença sua yse possa,  
 Que as almeidas todas lhe tolha.

As brabas e razões do Capitão,  
 Responde o Uolatra, que mandasse  
 Ubejar as terra as nao, que luyse estão,  
 Por que malhar dali fosse, e tornasse:  
 Simul he de inimigo, e de ladrão,  
 Que la tam longe a finta se alargasse,  
 Lhe diz, por que do certo e não amigo  
 He num torce do seu aubum perigo.

Nestas palavras o discreto Gama  
 Excerga bem, que as nao deseja perto  
 O Catual, por que com ferro, e flama  
 Lhas afo, por afo descuberto:  
 Em varios pensamentos se derrama  
 Fantasmando esta revedo certo,  
 Que desse a quanto mal se lhe ardenama,  
 Tudo temia, tudo em fim cuidava.

Qual

Qual o reflexo have do polido  
 Espelho de aço, ou de cristal sereno,  
 Que do raso solar sendo ferido,  
 Vai ferir outra parte luminoso,  
 E sendo da caxosa mão movido  
 Pela casa do moço curioso,  
 Anda pelas paredes, e' rebado,  
 Tremulo aqui e' ali, e' desfezgado.

Tal o raso joyze suaflama  
 Do Gama preso, quando lhe lembrara  
 Corôa, se por caso o esperava  
 Na praça dos bateis, como ordenara:  
 Logo jactetamente lhe mandava,  
 Que se tornasse as fairs, que deixara,  
 Nam fuisse solido dos enzanos,  
 Que esperava, dos ferros Mianeranos.

Tal ha de ser, quem quer co dom de Marte)  
 Imitar os illustres, e' igo dadas.  
 Vair co pensamento a toda parte,  
 Aluimbar pirigas, e' equallor  
 Com militar engenho, e' sutil arte  
 Entender os inimigos, e' enganulos,  
 Creer tudo em fim, que nunca leuarey  
 O Capitão que diga não caidry.

Insiſte

Insiſte o Malabar em telo preso,  
 Seuſto manda chegar a terra a armada,  
 Elle constante, e' de yra nobre aceſo,  
 Os amiaçoy ſeu nem teme nada:  
 Que antes quer ſobter ſitomar o peſo,  
 De quanto mil a mil malicia enſada  
 Lhe andar armando, que por em ventura  
 A froa de ſeu Rei, que tem ſigura.

Aquella noite eſtece ali detido,  
 E parte do outro dia, quando ordenas  
 De ſe tornar ao Rei, mas impedido  
 Foi da guarda que tinha não pequena.  
 Carrete lhe o Cortio outro partido,  
 Temendo de ſeu Rei castigo, ou pena,  
 Se ſabe eſta malicia, a qual eſtuba  
 Saberá, ſe mais tempo ali o detuba.

Diz lhe que mande vir toda a fazenda  
 Vendibil, que trazia, pera a terra,  
 Pera que de pagar ſe troque, e' vendida,  
 Que quem nam quer commercio, buſta guerra  
 Polloque se mais prepoſito entenda  
 O Gama, que o danado peito encerra,  
 Conſente, por que ſabe por veridade,  
 Que compra co a fazenda a liberdade.

177

Toucriſte

Concerta-se que a regoa mande dar,  
 Embarcações idôneas com que traha,  
 Que os seus buccis não queira aventurar,  
 Onde lhes tome o inimigo, ou lhes descubra  
 Partem as abóridias a buscar  
 Mercaderia Espanha, que caminha,  
 E fôrta a fraze não, que lhe mandasse  
 A fazerla, com que se resgatasse.

Vem a fazenda a terra, aonde logo  
 A agalhamo o infante Catual  
 Casilla fôrta Alvaro e Diogo,  
 Que a possessem vender pelo que val,  
 Se mais que abrigação que mando e rego  
 Na pezo vil o premio pode, e vil,  
 Bem o mostra o Creato a quem o entende,  
 Pois o Gama soltou pela fazenda.

Por ella o solta, crendo que ali tinha  
 Peubar bastante, donde ricebesse  
 Interesse maior do que lhe vinha,  
 Se a Capitão mais tempo detinisse.  
 Elle vendo que ja lhe não caminha  
 Tornar a terra, por que não possesse  
 Ser mais retido, sendo as naos obrigadas  
 Nellas estar se deixa desamparado.

Na

Nas naos estar se de peza magaroso,  
 Até ver o que o tempo lhe descobre,  
 Que não se fia ja do cabrioso  
 Regedor corrupto, e pouco nobre.  
 Vêja agora o juizo curioso  
 Quanto ao rico, e ao como ao pobre  
 Pode o vil interesse e o fado unido  
 Do duobeyro, que a tudo nos obriga.

A Polidoro mata o Rey Teódo,  
 Só por ficar feitor do grão tesouro  
 Entra pelo fortissimo edificio,  
 Com a filha de Acriso a chana de ouro  
 Pode tanto em Troia avaro e trizo,  
 Que a treco do metal hezente, e louro,  
 Entrega aos inimigos a alta torre,  
 De qual quasi a regoa compoço morre.

Este vende manilha fortalezas,  
 Faz tre-loras, e salta os amigos,  
 Este a mais nobres faz fazer vilzas,  
 E entrega Capitães aos inimigos  
 Elle corrupto virz mais purezas,  
 Sem tener de honra, ou fama alguns perigos,  
 Este deprimos as vezes ás cianças,  
 Os juizes regando, e as consciências.

Este

Este interpreto mais que subtilmente  
 Os troços este faz e desfaz leis:  
 Este causa os perjuros entre a gente:  
 E mil vezes terâmos torna as Reis.  
 Ate os que se a Deus compoem  
 Se delicia mil vezes casar,  
 Que corrompe este encantador, e illude:  
 Mas não sem cor com tudo de virtude.

F I M.

## Canto Nono.



Iuerão longamen-

te na cidade

Sem vender se a fazenda os do  
 os feitores,

Que os infieis por marinha, e falsidade  
 Fazem, que nam lha comprera mercadores,  
 Que tudo sem proposito, e vontade  
 Era, d'ente ab os infidelidades  
 Da lilia, tanto tempo que viessem  
 De Mecca a nao, que os seus desfizessem.

L a n o

La no seio Eritreo, onde fundada  
 A fozes se do Egipto Pitholomeo,  
 Do nome da irmã sua a se chamada,  
 Que depois em Suez se converteo,  
 Não longe, o porto jaz da nomeada  
 Cidade Mecca, que se engrandeco  
 Com a superstitiosa foz, e profana,  
 Da religioza agoa Maometana.

Cida se chama o porto, donde o trato  
 De todo o reço mar mais florescia,  
 De que tinha prouido grande, e grato  
 O Soltão que esse Reino possuia  
 Daqui aos Malabares, por contrato  
 Dos infieis, sermosa compedia  
 De grandes naos, pelo Indico Oceano,  
 Especiaria vem bastar cada anno.

Por estas naos os Meccanos esperauão,  
 Que como fossem grandes e possantes  
 Aquellas, que a conueçio lha tomauão,  
 Com flama abrasassem crepitantes  
 N'este focario tanto confianção,  
 Que ja nam quereis mais dos navegantes,  
 Se nam que tanto tempo de tard fsem,  
 Que da fozosa Mecca os naos abresssem.

T

Mas



Mas o Governador dos ceos, e prates,  
 Que pera quanto tem determinado,  
 De longe os meios dá convenientes,  
 Por onde vem a effeito o fim fadado,  
 Inluzio piadosos accidentes  
 De affeijam em Moysaide, que guardado  
 Eillua pera dar ao Gama aiso,  
 E mercar por isso o Paraíso.

Este de quem se os Moysas não se ordena,  
 Por ser Moysa como elles, aucto, tra  
 Participante em quanto machinação,  
 A tem, em lhe de jahre tempo, e sera:  
 Muitas vezes os nam que longe estão  
 Visita, e com piedade considera  
 O dano, sem razão, que se lhe ordena,  
 Pela maligna gente Sarracena.

Informa o tanto Gama das armadas,  
 Que de Arabica d'elica vem cadava,  
 Que agora fãem das feus tem de jahre,  
 Pera ser instrumeto deste dano.  
 Diz lhe que tem de prate carregadas,  
 E destruções barrendas de Vabano,  
 E que pôde ser dellas apreuido,  
 Seguendo a flama mal-percebido.

O Gama

O Gama que tambem considera  
 O tempo, que pera a partida o chama,  
 E que de spacho ja não esperava  
 Mulher do Rei, que os Maometanos ama  
 Aos feitores, que em terra estão, mandava  
 Que se tornem aos nam: e por que a fama  
 Desta subita vinda os não impida,  
 Lhe manda que a fizessẽ escondida.

Porém não tardou mais, que vando  
 Flam ramar nam fuisse com verdade,  
 Que se'ão presos os feitores, quando  
 Foram sentidos virse da cidade:  
 Esta fama os oulhos penetrando  
 De jahre capitão, com brevidade  
 Faz reprefaria nã, que aos nam vinda,  
 A vender pedraria que trouxerã.

Eram estes antigos mercadores  
 Ricos em Calcuta, e combedidos  
 Da falta d'elles, logo entre os millores  
 Sentido foi, que estão no mar retidos:  
 Mas ja nas nam os tão trabalhadores,  
 Valtem a cabrestante, e repartidos  
 Pelo trabalho, hão paixão pela amerra,  
 Outros queb'ão co prate dano a barra.

T 1

Outros

Outeis pendem da verga, e ja desatão  
 A bella, que com gruta se folta ma,  
 Quando com maior gruta ao Rei relatio  
 A pressa, tam que a armada se leu ma:  
 As mulheres e fillos, que se murão  
 Das pellas que não presas, onde estãõ  
 O Samariã, se a paricio que perdidos  
 Hã os seus paõ, as outas os maridos.

Mas vls logo as feitores Lasitãõs  
 Com pella sua se zenda luvrentes,  
 A pressa dos inimigos Masmectãõs,  
 Por que lhe torce a sua pressa gentes:  
 Desculpas manda o Rei de seus cogitãõs,  
 Recibe o Capitão de milhormentes  
 Os presas, que as desculpas, e tornãõdo  
 A gnta negros, se parte as bellas dando.

Parte se co'la abaxo, por que estende  
 Quere a vna co' Rei gentio traballãõs,  
 Em que quer dello paz, a qual pretende  
 Por firmar o commercio que tratãõs:  
 Mas como a quella terra que se estende  
 Pela Aarã, sabido ja deixãõs,  
 Com estas novas torras ao patria cara,  
 Certo se vai levando do que achãõs.

Lena

Lena abã Malabares, que toucaõ  
 Per força, dos que o Samariã mandãõ,  
 Quando os presas feitores lhe tornãõ:  
 Lena piventa ardente que compãõs  
 A seca flor de Banda não fãõs,  
 A Noz, e o negro crãõ, que faz clara  
 A nova ilha Maluco, coa emella,  
 Com que Ceilio be rica illitre e bella.

Illo tudo lhe contra a deligencia  
 De Moçãõs fiel, que tambem leuã,  
 Que inspirado de Angelica influencia,  
 Quer no livro de Uerjo que se estenda,  
 O ditoso Affricãõ, que a demencia  
 Divina asse tirou de fora terra,  
 E tam longe da patria e do mar  
 Pera subir as patria verdadeira.

Apartadas asse da ardente cãõs,  
 As ventarãõs nãõ, levando a proã  
 Pera onde a natureza a tãõs posta  
 A Meta Austrina da esperãõs boa,  
 Levando allegres novas e repõsãõs,  
 Da parte Oriental para Lisboa,  
 Outra vez cometeudo os duros maldos  
 Do mar inerto, semilhas e helos.

T 3 O pãõs

O prazer de chegar a patria cara,  
 A seu penates caros e parturas,  
 Pera contar a peregrina, e rãa  
 Nãe q̃m, os varios q̃m, e gentes,  
 Vir a luz, e o premio, que ganhara  
 Por tão longos trabalhos, e accidentes,  
 (a la buca, sem por gally tam perfuro,  
 Que a coiza, ão para elle he inq̃slyto).

Porém a Deosa Cypris, que ordenada  
 Era para fazer dos Lusitanos  
 Do Padre eterno, e por bom gerão dada  
 Que sempre os guiasse de longos annos,  
 A gloria por trabalhos alcançada,  
 Satisfação de bem soffridos danos,  
 Libe a lãna ja ordenando, e pretendida  
 De lãe nos murtos trillres alegria.

Depois de ter bem pouco recoballo  
 Na mente, o largo mar que nãe se iã,  
 Os trabalhos, que pelo Deus nascido,  
 Nos Amphion e Theban se causãõ,  
 La traziã de longe no seu iã,  
 Pera premio de quanto mal passãõ,  
 Bezar lãe alguma delite, alguns descaño  
 No Reino de cristal liquido, e massa.

Algun

Algun repouso em fim, com que podesse  
 Resfocilar a lãssa humanidade  
 Dos nãe q̃m, e fãe, como interesse  
 Do trabalho, que incuãta a breve idade  
 Parece lãe razãõ que conta desse  
 A seu filio, por cuja poãstade  
 Os Deos faz deãr ao tal terreno,  
 E os humanos subir ao ceo sereno.

Isto bem recobado, determina  
 De trãlãe aparelhada a no nãe  
 Das agoas, alguma infãlãe dãmãe,  
 Ornada de pãstado e verde arãe  
 Que muitas tem no reino, que confãe  
 De primeira ao terreno seu,  
 Afãra as que possãe soberanas,  
 Pera dentro das portas Herculanãe.

Al quer que as aquãticas dãmãlãe,  
 Esperem as fortissimas herãe,  
 Todas as que tem titulo de bellãe,  
 Gloria dos albos, dor dos corãões,  
 Com dãmãe, e coresãe, porque nellãe  
 Inflãrãe a stãretãe affãões,  
 Pera com mãe vãstade trãbãerem  
 De conterãr a quem se affãerem.

I 4 I d

Tal nauha buscou ja, pera que aquelle  
 Que de Achives pariu, heo recebido  
 Fosse no campo que a bouina pede  
 Tomou de espada, por fual partido:  
 Seu filho vai buscar, porque fo nelle  
 Tem todo seu poder, sero Cupido,  
 Que assi como naquella empresa antiga  
 A ajuda ja, nestoura a ajuda e fiza.

No carro ajunta as casti, que no trido  
 Vio da morte as tres paus celebrando,  
 E aquellas em que ja fo convertida  
 Perillera, as boninas apambando:  
 Em derrida de Deusa ja partida,  
 No ar lasciuos beijos se não dando,  
 Ella por onde passa o ar, e o vento  
 Seruo faz, com brande mansuetude.

En sobre os ilalcos montes peade,  
 Onde o filho fradeiro estaua caido,  
 Ajuntando outras muitas, que pretende  
 Fazer hua famosa expedicio  
 Contra o mundo recuello, porque encule  
 Erros grandes, que ha dia nelle estido,  
 A nullo espas que nei serdo dados,  
 Nam pera ser amados, mas vofados.

Via

Via Acheu na casa, tem asstero,  
 Deixo na alegria bruta, infans,  
 Que por seguir hum seo animal sero,  
 Foge da gente, e bella forma human:  
 E por castigo que deo, e sero,  
 Mostra ste a fermosura de Diana,  
 E guarde se nam seja inda comido  
 Desses cães que agora ama, e confamida.

E di do mundo todo es principiu,  
 Que usouam no bem publico imagine,  
 Vi nelles, que não tem amor a mau  
 Que a si somente, e a quem Philencia infans  
 Vi que effes que frequentão os reus  
 Paes, por perdadura e saõ doutrina  
 Vendem abalqio, que mal consente  
 Mondar se o mau trigo florecete.

Vi que aquelles que deuem as pobres  
 Amar dinno, e ao pouo charidade,  
 Anão somente mandos, e ri qe za,  
 Simulido justiça, e integridade:  
 Da sea tybia, e de asperoz  
 Fazem direito, e não seurdade:  
 Lei em favor do Rei se e abelocem,  
 Ao em favor do pouo so pericem.

Ve em

Vi em fim que ninguém ama o que dese,  
 Se não o que somente mal deseja,  
 Não quer que tanto tempo se releve,  
 O castigo que dars, e justo seja.  
 Seus ministros ajunta, por que leve  
 E xercícios conformes ao peccado,  
 Que espera ter sua mal regida gente,  
 Que lhe não sur agora obediente.

Muitos destes ministros voadores,  
 Estão em vários obras trabalhando,  
 Uns amolando ferros passadores,  
 Outros afilando de setas delgandos,  
 Trabalhando cantando estroas de amores,  
 Vários casos em verso modulando,  
 Melodias fincra, e concertada,  
 Sacam a letra, anglica a joadas.

Nas fragras incertas, onde se junta,  
 Para as setas as pontas protrahentes,  
 Por lenda, corações ardendo estroando,  
 Vivas entr'ambas indo palpitantes,  
 As setas onde as ferros temperando,  
 Lagrimas san de miseras amantes,  
 A vivo flama, o ná nica morto lume,  
 Deijo le jo que quicima, e não em jurei.

Algu

Alguns exercitando a mão ardente,  
 Nas duras corações da plebe rude,  
 Crebroas fessuras pelo ar fessando,  
 Das que feridas não, da seta aguda,  
 Formosas Nymphas san, as que curando  
 As chagas recebidas, cujas ajuda  
 Não somente dá vida aos mal feridos:  
 Mas poens em vtila e vtila não ajudos.

Formosas san alguns, e entr'a fessas,  
 Segundo a qualidade for das chagas,  
 Que o veneno espalhado pelas veas,  
 Curado no ao de setas asperas traggas  
 Alguns são ligados em cabras,  
 Por palmaras fessas de jabies Meças,  
 Isto acontece aos de setas quando as setas  
 Acertão de lenas cruas fessadas.

Destes tiros affi de ser denada,  
 Que elles moços mal de setas não tirando,  
 Nascem amores mal de setas denados,  
 Entre o povo ferido miseras ando,  
 E tambem nos heros de altos estados,  
 Exemplos mal se vem de amor usando,  
 Qual o das moços, Babil, e Cyrena  
 Hum mancarbo de Affria, hum de Indica.

E. dos

E vos ò poderosos por passoras  
 Muitas vezes ferido o peito vedes,  
 E por haxas, e ruidos vos sentarás  
 Também vos tanto nas Vakarias vedes,  
 Hão esperando andain nocturnas boras,  
 Outros sobis telhados e paredes,  
 Mas eu creyo que deste amor indico,  
 He mais culpa a do miy, que a do minimo.

Mas ja no verde prado o carro leve,  
 Pumbão os brancos Cisnes mansamente,  
 E Dionis, que as resas entre a neue  
 No rollo traz, decia diligente.  
 O frecheiro, que contra o çeo se atreue,  
 A rabelia vem, lido, e content,  
 Vem todos os capidos fernadores,  
 Beijar a mão as Deusa dos avores.

Ella por que não gaste o tempo em não,  
 Nos braços tendo o filho, confada  
 Lhe diz, amado filho, em cuja mão  
 Teza minha potencia está fundada:  
 Filho em quem minhas forças sempre estão,  
 Tu que as armas Tifon tús emada,  
 A socorres me a tua potestade,  
 Me traz especial necessidade.

Dem

Bem vos as Lusitanias saizeis,  
 Que eu ja de muito longe saureis,  
 Porque das Parcas sey minhas amigas,  
 Que me as le ventrar e ter em prezo,  
 E por que tanto amirão as antigas  
 Obras de meus Romanos, me offerço  
 A lbe dar tanta ajuda em quanto posso,  
 A quanto se cilleular o poder minha.

E por que das infelias do adese  
 Baco foram na lula medelade,  
 E das injurias sei do mar verdejo,  
 Poderão em in ser mortos, que causa lbe  
 Na meo mar, que sempre temeroso  
 Lbe sei, quero que sejis repouso,  
 Tomando a quelle premio, e doç gloria  
 Do trabalho que faz clara a memoria.

E por a isso queris que feridas  
 As filhas de Nerco, no ponto fundo,  
 Da mar das Lusitanas encuchadas,  
 Que veni de descobrir o novo mundo,  
 Todas não lbe partas e subidas,  
 Illa que nas entranchas do profundo  
 Oceano, terci aparelha la,  
 De lbe de Flora, e Zephira bornada.

Al

Ali com mil refrescos, e manjares,  
 Com vinhos odoríferos, e resas,  
 Em cristallinos peços singulares,  
 Frangidos leitos, e ellas mais fermosas:  
 Em fim com mil delicias não vulgares,  
 O espretem as Nymphas aureas,  
 Dançar feridas, pera lhe entregarem  
 Quanto deilus as olhos cobrirem.

Quero que aja no reino Neptunio  
 Onde tu nasce, progenie forte e bella,  
 E tome exemplo o mundo vil, malino,  
 Que contra tua potencia se revolta,  
 Porque entendão que muro Adamantino,  
 Nem trilha hypocrisia val contra ella.  
 Mal aurá na terra quem se guarda,  
 Se teu fogo immortal nas agou arde.

Affi Vem propas, e o filho unico  
 Pera lhe obedecer ja se apercebe,  
 Mandado trazer o arco eburaco rico,  
 Onde as setas de ponta de ouro embebe:  
 Com gesto ledo a Cipria, e impudico,  
 Dentro no carro o filho seu recebe,  
 Fla re-lia longa nas auz, cujo canto  
 Fla Phactonias morte choron tanto.

Mas

Mas diz Cupido, que era necessaria  
 Hãa famosa, e celebre torçura,  
 Que posto que mil vezes lhe he contraria,  
 Outras myrias ha tem por compadecura:  
 A Deusa Gigantea tremetaria,  
 La-luce, venturosa, e verdalteira,  
 Que com tem olhos de, e por uale voa  
 O que ve com mil bocas apregua.

Vão a busca, e mandam a diante,  
 Que celebrando va com tuba clara,  
 O louvores da gente navegante,  
 Mais do que nunca se doutrem celebrar:  
 Ia marmarindo a fuma penetrante  
 Pelas fundas cavernas se espalhara,  
 Fala verdade, e vida por verdade,  
 Que junto a Deusa iraz Copulidade.

O lauzer grande, o rumor excellent  
 No cora, In dos Droses, que indinuder  
 Furão por Baco contra a illustre gente,  
 Mandando os fez bem paico afeypadar:  
 O peyto ferimid, que lue mente —  
 Muda quarsiquer propofico tomador,  
 La julga por mais zelo, e por cruz a  
 Dejejar mal a tanta fortalez.

Dejeite

Despede nisto a fera moço as setas  
 Hũa aporoutra, teme o mar tos tiros,  
 Dereitas pelas ondas inquietas,  
 Algũa rão, e algũa sazem giras:  
 Caros as Nymphas, lançam das secretas  
 Entranchas as dentisimos sospiros,  
 Com qualquer, sem ver o rosto que ama,  
 Que tanto como a vella pode a fama.

Os corpos juntos da churra Lãa,  
 Com força e moço indovito excelsa,  
 Que T betu quer ferir mais que urubãa,  
 Porque mais que urubãa lhe era esquina:  
 La não fica na algũa seta algũa,  
 Nem nos equarcos campos Nymphas rãa,  
 E se ferida anda estão ruendo,  
 Sera pera sentir que não morreu.

De lugar alim e estradas ondas,  
 Que veder Venus se e a medicina,  
 Mestando as brancas vellas, e redondas,  
 Que vem por cima da agua Neptunina:  
 Pera que tu recipe as respostas  
 Atendes Amor as flama feminina,  
 He ser, aly que a pudicia bovista  
 Faça quanto lhe Venus amestla.

La todo o bello core se aparelha  
 Das Nereidas, e junto camibouas  
 Em coreas gentis, bñança vella,  
 Pera a ilha, a que Venus as guiar:  
 Ah a sermoza Diosa lhe aconselha  
 O que ella fez mil vezes, quando amava,  
 Ellas que não do deyr amar venciada,  
 Estão a seu conselho offerciada.

Coriando não a nave a larga via  
 Do mar ingente, pera a patria amada,  
 Desfizando prouer se de agua fria,  
 Pera a grande viagem prolongada:  
 Quando juntas com subita alegria,  
 Ouverão vella da ilha namorada,  
 Ruzpendo pelo seo a mão sermoza  
 De Menemo juaze e deliciaza.

De luz a ilha não frefia, e bella,  
 Que Venus pelas ondas lhe temava,  
 (Bem como a vento leua branca vella)  
 Pera onde a furte armada se encrezava,  
 Que por que não possuiffem sem que nella  
 T amouffem parto, como deitava,  
 Pera on le as nave usurgio a mouia  
 A Atidalã, que tudo em fim podia.



Mas firme a ser eximibil, como vis a deus  
 Que era dos Nantas vista, & de mandada,  
 Quasi fican Delas, tanto que pario  
 Latona Plucho, & a Deusa na casa infante  
 Para a lago a praia a mar abrio,  
 Onde a costa fazia bñ cofeada  
 Curva, & quitta, eja brava a areia  
 Pintou de guina a macha Cyrena.

Tres formosas outeiras se mostrauão,  
 Erguidas com soberba graciosa,  
 Que de granitos asmalte se abarnauão,  
 Na sermosa ilha alegre, & deliciaosa  
 Claras fontes & limpidas manauas  
 Do cume, que a vendura tem ricosa,  
 Por entre pedras alvas se dirina,  
 A formosa Linpha fugitia.

Nam velle amoro, que as outeiras seculas  
 Vindão as claras aguas ajuntarje,  
 Onde bñ moça faz gem, que se ellenda  
 Tam bella, quanto pode imaginarje,  
 Arigredo gentil sobre ella pente,  
 Como que prompto eila per a afetarje,  
 Vendoje na crilla esplendorente,  
 Que em se a eilla pintando propriamente.

Má

Mil arvores estão ao ceo subindo,  
 Com pomos aduiferos & bellos,  
 A Larageira tem no fructo ludo  
 A cor, que tinha Daphne nos cabellos:  
 Encostase no chão, que está cauido  
 A Calceira aos pejos amarellos,  
 Os sermosos limões ali cheirando  
 Estam virginnas tetas imitando.

As arvores agrestes, que as outeiras  
 Tem com frontente como emubrecido  
 Almas sem de Alides, & os Leuirticos  
 Do lauro Deos amalos, & queridos:  
 Martos de Cyrena, cos Pinheiros  
 De Cybele par outro amor vendidos,  
 Eila apontando o agudo Cipariso  
 Para onde he pesto o Eterno paraíso.

Os deos que Li Pomona, a natura  
 Produze diferentes nos sabores,  
 Sem ter necessidade de cultura,  
 Que sem eila se dão muito milborts,  
 As Cerejas por portio na pintura,  
 As Amogas, que o nome tem de amoris,  
 O pomo, que da patria Persia veio,  
 Milbor tornado no terreno alveo.

V 2 Abre

Abre a Roma, mostrando a rubicunda  
 Cor, com que tu Rubi teu prezo perdes:  
 Entre os braços do Placido está a jocunda  
 Vile, d'as cachos raxos, e outros verdes:  
 E vos se na vossa arvore fecunda  
 Per as pyramidas viver quizerdes,  
 Entregai-nos ao dano, que os bicos,  
 Em vos fazem os passaros inicos.

Pais a tapeçaria bella e fina,  
 Com que se cobre a rustico terreno,  
 Faz ser a de Achemenia menos duna:  
 Mas o sombrio valle mais ameno:  
 Ali a cabeça a flor Cysfia inclina,  
 Sobella tam que lucida e serena,  
 Florece a sibio e o ueto de Cyrias,  
 Por quem tu Deusa Paphia inda suspiras.

Pera julgar difficil coisa fora,  
 Na q'ra veado, e na terra as mesmas cores,  
 Se duna na flores cor a bella Aurora,  
 Ou se lhadam a ella as bellas flores:  
 Pintando estava ali Zefiro, e o Furo  
 As viduas da cor dos amados veos,  
 O Lirio raxo, a fresca Rosa bella,  
 Qual relic e nas faces da douzella.

A can

A candela Cecim das Mazurinas  
 Lagrimas ruciada, e a Manjarona,  
 Vence as letros nas flores Hyacintinas,  
 Vam queridas do sibio de Latona:  
 Bem se excerga nas pomos e boninas,  
 Que competeia Choris com Pousona:  
 Pois se acaresi no ar cantando veio,  
 Alegres animais o chão peoio.

A longo da agua o niuro Cofre canta,  
 Reptando lhe do ramo Philomela,  
 Da sombra de seu cornos nam se esparta  
 Alcon noq'ra cristalina e bella:  
 Aqui a fugace Lebre se levanta  
 Da effresa mata, ou tenida Gazella,  
 Ali no bico traz ao caro ninho,  
 O mantimento o lear passarinho.

Nesta frescura tal dessembarcão  
 La das naves os segundos Argonautas,  
 Onde pela floresta se deixavão  
 Andar as bellas Deusas como incultas;  
 Algumas doces Cytaras tocavão,  
 Algumas arpas, e sonoras frautas,  
 Outras arcos arcos de ouro se fingião  
 Seguir os animais, que nam seguitão.

V 3 A 3

Afla Do conselho a a minha experta,  
 Que andassem pelos campos espalhadas,  
 Que villos dos barões a presa morta,  
 Se fizessim primayros de jejuns  
 Algumas que na forma descoberta  
 Do bello corpo estando confusas,  
 Pofsa a artificiosa fermofura,  
 mais levar se dezoçãna agua para

Mas as fortes manobras, que na preyã  
 Puchão as pes de terra cubiofas,  
 Que não ha nenhuma dellez, que não seja  
 De acharem caça, agreste de peffos  
 Não curtilo, que sem layo, ou rales caça  
 Caça naquelle montes de braytes  
 Tão suave, domestica, e benigna,  
 Qual ferida da tuba ja Ericina

Afla que em effingridas, e nas bestas  
 Pera sevir as Levas se fruação,  
 Pelas fumbrias matos, e florestas  
 Determinadamente se lançam  
 Outros nas fumbrias, que de as altas sylvas  
 Defendem a verdade a passadas  
 Ao longo da agua, que suave, e queda  
 Por aluz pedras corre ao praya toda

Coneção de encobrar subitamente  
 Por entre verdes ramos varias corte,  
 Ceres de quem a vista julga, e fonte,  
 Que não erão das roças, ou das flores,  
 Mas da lam fina, e seda diferente  
 Que mais incita a força dos amores,  
 De que se veittem as humanas roças,  
 Faz qual se por arte mais serpojas.

Da Veloso espantado haue grande grito,  
 Serborez caça estranha disse he esta,  
 Se inda durão o Genio antigo rito,  
 A Deusa he sagrada esta floresta  
 Mais descobrimos do que humano effrito  
 De seja nunca, e bem se manifesta  
 Que jam grandes as cousas, e excellentes  
 Que o mundo cubre aos bonis imprudetes

Sigamos estas Deusas, e vejamos,  
 Se factalia jam, se verdadeiras,  
 Nito dize vellocos mais que Gamos,  
 Selas, an a toter pelas ribeiras  
 Fugindo as Nymphas vão por entre os ramos,  
 Mas mais indoltristas que heiras,  
 Pouco e pouco seguindo, e praya dando,  
 Se deixio ja das Gafgas afanando

De hias as cabellas de ouro a vento leua  
 Correndo, e de outra as fraldas delicadas,  
 Accende o desejo que se ceua  
 Nas duas carnes sabidas mostradas,  
 Hias de industria eae, e ja raras  
 Com mostras mais mofas, que invidias,  
 Que sobre ella empoeirado tambem caia  
 Quon a seguiu pela arcuosa praia.

Outros por outra parte não topar,  
 Com as Deusas despidas, que se laçãõ  
 Ellas comegam sabidas a gritar,  
 Como que affeito tal nam esperãõ,  
 Hias fingindo nemas estimar  
 A vergonha, que a força, se lançaõ  
 Nas por entre a mata, as olhos dando  
 O que as mãos cobriças não rezando.

Outra como acudindo mais de pressa,  
 As verganhas da Deusa caçadora,  
 Escande o corpo apegado, outra se apressa  
 Por tomar as vestidas, que tom fura  
 Tal das manguebas ha, que se arrecessa  
 Vestida affi e calçada, que co a mora  
 Deste desejo, de modo que indo tarde  
 A matar na agua o fogo que nelle arde.

Qual

Qual cã de caçador segez, e ar labo,  
 Vado a tomar na agua a auc ferila,  
 Vendo rosto o ferito eao erguido,  
 Perã a lo aranda, pa Pata conhecida,  
 Antes que foz o estouro, mal susrido  
 Salta uago, e de pressa nam deuila,  
 Nalendo bay e latindo, affi o uerbo  
 Remete ha que nam era yrouã de Piedra.

Lionardo soldado hera de passio,  
 Manhofo, canalciro, e nonurado,  
 A que nam amor não hera haum fo de gosto,  
 Mas sempre fora delle mal tratado.  
 E tinha ja por firmes presumpçõs  
 Ser com amores mal afortunado,  
 Porém não que por deffe a esperança,  
 De inda poder seu fado ter mudança.

Quis aqui sua ventura, que corria  
 Apõs Esfote, exemplo de bellezã,  
 Que mais cara que as outras dor queria,  
 O que deu para dar se a natureza,  
 Ia consola correndo lhe dizia  
 O firmesera indigna de asperzã,  
 Pois de dita vida te conceda a palma,  
 Esperã haum corpo de quem leua a alma.

Tudo

Todas de correr cansas, Nymphas pias, e de  
 Rendendo se as venturas do inimigo,  
 Tu so de my so foges na effusiva  
 Quente disse que eu traço que te sigal.  
 Se tu tem das ja aquella ventura,  
 Que tu toda a parte sempre andas comigo,  
 O nam na creas, por que eu quando a creas,  
 Mil vezes cada hora me mentis.

Nam cansas, que me satisfaz se queres  
 Fugirme, por que nam posso tocarte,  
 Minha ventura he tal, que inda que esperes  
 Ella fará que nam possa alcançarte.  
 Espera, quero ver, se tu quizeres,  
 Que fatal modo basta de escaparte,  
 E notada no fim deste successo,  
 Tra-la spica e a man, qual cura he nesso.

O não me fijas, affirmação breve  
 Tempo foga de tua fermosura,  
 Que se com reflexo o posso ler,  
 Veneris das venturas a força de ar.  
 Que Esperador, que curriso se atreue,  
 A quebrantar a forta da ventura,  
 Que em quanto desejo me vai seguindo,  
 O que se faras nam me seguindo.

Pois

Póste da parte da deslita miral  
 Fraquezza he dar ajuda ao mais potente:  
 Lethas me hum coração, que hum tinal  
 Solta me, e corraes nam leuamente.  
 Não te corrigas effusiva nam me zambua,  
 Que nesses fins de ouro reluzente  
 Atala leuad ou de spois de presa  
 Lhe mudaste a ventura, por meus peses.

Nesta esperança so te vou seguindo,  
 Que ou tu nam soffres a peso della,  
 Ou na virtude de teu gesto leudo,  
 Lhe mudas a triste e dura estrella.  
 E se se he mudar, nam vas seguindo,  
 Que Amor te ferirá, e tal dorzella,  
 E tu me esperas ja, se Amor te fere,  
 E se me esperas, não ha mais que esperes.

La nam fugis a bella Nymphas, tanto  
 Por se dar cara ao triste que a seguiras,  
 Como por se ouvir do o dique conta,  
 Ai namor adar magas que dizes,  
 Volucando o rosto ja ferido e sangrado,  
 Toda barbada em riso, e alegria,  
 Cair se deixas, um pis do venador,  
 Quando se desfaz, ou para aqum.

O que

O que sumptos beijos na florista,  
 E que mimoso choro que fuzas,  
 Que afagos tam suaves, que ira honesta  
 Que em risinhos alegres se tornava  
 O que mais passam na creche, e na festa  
 Que Vemto com prazeres inflammas,  
 Milhor be experimentalo que julgalo,  
 Mas julgar o quem nam pode experimentalo.

Destla arte em sui conformes ja as fermosas  
 Nymphas, cos seus amados navegantes,  
 Os orado de capellas delectosas,  
 De louro, e de ouro, e flores abundantes  
 As mios abas lhe danão como esposas  
 Com palmas firmas, e espiplantes,  
 Se prometem eterna companhia  
 En vida e morte, de boza e alegria.

Hã dellas maior, a quem se humilha  
 Todo o coro das Nymphas, e obedece,  
 Que dizem ser de Ceo e Veila filha,  
 O que no gesto bello se parece,  
 Encobendo a terra, e o mar de murasilhas,  
 O Capião illastre que o merece,  
 Recebe ali com pompa honesta, e regia,  
 Mostrando se fuzera grande, e regia.

Que

Que despois de lhe ter dito quem era,  
 Com alto exordio de alta graça ornado,  
 Dando lhe a entucar, que ali virra  
 Por alta influencia do invisivel falo,  
 Pera lhe descobrir da vida esphera,  
 Da terra innocensa, e mar nãa nãez alo  
 Os segredos, por alta prophacia,  
 O que esta jornada se merecia.

Tomando o pela mão a leua, e guia  
 Pera o cume dum monte alto, e diuino,  
 No qual hãa rica fabrica se erguia  
 De crystal toda, e de ouro puro, e fino  
 A maior parte aqui passando dia  
 Em doçes jogos, e em prazeres contínuos,  
 Ella nos paços beira seus amores,  
 As outras pelas sombras entre as flores.

Asta fermosa, e a fuzte companhia,  
 O dia quasi todo estão passando,  
 Nãa alma doze, incognita alegria,  
 O trabalhos tam longos compensando:  
 Porque dos feitos grandes, lo casados  
 Forte e fanosa o mundo ali guardando  
 O premio la no fim bem merecido,  
 Com fama grande, e nome alto e sabido.

Que

Que as Ninfas do Oceano tem fermosas,  
 Tendo & a Ilha singl'ra pintada,  
 Outra tenso nam he, que as delicias  
 Honra, que a vida fazra sublimada  
 Aquellas premiozinas gloriosas,  
 Os triumphos, a fronte coroada  
 De Palma, & Louro, a gloria & maravilha  
 Ellos fantes delicias della Ilha.

Que as immortalidades que foyra  
 A antiguidade, que as illustres ama,  
 La no e bellante Olimpo a quem jubia,  
 Sobre as asar inclitas da fama,  
 Por obras valerosas, que fazia,  
 Pelo trabalho inuencoso, que se chama  
 Caminho da virtude alto & frugoso  
 Mais no fim doq, alegre, & delitoso.

Nam e' lo fcaes premios, que reparte  
 Por feitos inertais & soberanos,  
 O mundo, cos barões, que e' corpo & arte  
 Dinouo os fizorão, feudo barones  
 Que Iupiter, Mercurio, Pluio, & Marte  
 Eneas, & Quirio, & os deos Thebanos  
 Ceres, Palas, & Iuno, com Diana  
 Todos se' lo de fraca carne humana.

Mas

Mas a fons, trabeta de abraçãõs,  
 Le deo um mundo avont tam esbradas  
 De Deuses, Semideuses inmortais  
 Inlytios, Eracios, & de Magos  
 Por isso, o vos que as fomas e' divida,  
 Se quizer deo mundo ser tamada,  
 Despertai da fons da vida ignava,  
 Que o mundo de lous faz efecãõ.

E ponde na cabeça bairros de ouro,  
 E as ambiçõs tambem, que indignamente  
 Tomais mil bezes, & no corpo & efaro  
 Vais da tirania infome, & regente.  
 Por que effa bairra não esse oyo pago  
 Por delibero vilos nam deo de gente,  
 Melhor he mercellos, se' não ter  
 Que possibily fomas merceres.

Da ley na paz, e' lão ignavã, coellantes,  
 Que no se' arde não deo o dia pe' quentos,  
 Da voz de fcaes armaz ruidantes,  
 Contra a ley das leis Saracenas,  
 Fereis os Reinos grandes, & passantes  
 E todos creis mais, & me' bairra madas  
 Possiveis ripar os mercellos,  
 Com as bairras, que esse fcaes conto os vilos.  
 E fereis

E farris claro e Rei, que tanto amais,  
 Agora os conselhos bem cuidados,  
 Agora as espadas, que immortais  
 Vos farris, como as vossas ja passades  
 Impossibilidades não sejam,  
 Que quem quis sempre pode ser remunerado  
 Sorriemte os Heros e gloriosos,  
 E nestas ilhas de Pitias recibidos.

FIM.

## Canto Decimo

& ultimo.



As ja o claro ama-

dor da Larissa

Adaltra, inclinava os animos,

La pera o grande lago, que rodea

Tenistaão, nos fins Occidentais:

O grande arder do Sol Favonio esfrea,

Co fopo, que nos tanques naturais

Encrespa a agua serena, e despectada

Os Lunas, e luzidas que a coroa agrandam

Quando

Quando as fermosas Ninfas cas amantes  
 Pella não ja confusos e contentes,  
 Sabão peras e paços radiantes,  
 E de meteis ornados rebozantes:  
 Mandados da Rainha, que abundantes  
 Mesas, dadas manjares, exultantes,  
 Libe tinha aparelhados, que a fraquezza  
 Restauram da cansada naturza.

Al em cadeiras ritas crisalinas,  
 Se assentão, duas e duas, amante e dama,  
 Neutras as cabeceira deoro finas,  
 Esta coa bella Deusa e clara Gama:  
 De ggarias suaves e divinas  
 A quem não obega a Egipcia antiga fama,  
 Se acumulão os pratos de fulvo ouro,  
 Trazidos la do Atlantico tesouro.

Os vidros odoriferos, que açima  
 Estão não se do Italico Falerno,  
 Mas da Ambrosia, que louce tanto estuma,  
 Com todo o ajustamento sempiterno:  
 Nas vassas, onde em não trabalha a lima  
 Crespaissimuma trequem, que no interior  
 Coração moem subita alegria,  
 Saltando coa insulsa das gotas fria.



Mil praticas alegres se tocando,  
 E flos doces, fatis, e argutas ditas,  
 Que entre bñ e outro mór se elevam e vão,  
 Despertando as alegres aperturas:  
 Musicos instrumentos não faltando,  
 Quais no profundo se vão, os uns e spritas  
 Fingão de faltar da eterna pena,  
 Cua voz abria angelica Syrena.

Cantava a bella Nysa, e cor acentos  
 Que pella alta puzos não fando,  
 Em consonancia yqual os instrumentos  
 Sauros vem a bom tempo conformantes:  
 E em subito silencio esfrea os ventos,  
 E faz vir docemente murmurando  
 As ondas, e nos casais naturais  
 Alucinate os bratos animais.

Com doce voz e flos subindo ao ceo  
 Alto narões que estão por vir ao mundo,  
 (vjanlar as líras em Praxos,  
 Não gabo não, diafano, ratando,  
 Que lapitar em don lha concedo  
 Em fualto, e depois no reino fando  
 Patrocinado a disse, e as memorias  
 Recalco lego a Nysa a clara historia.

Materia he de Coturno, e não de Soco  
 A que a Nympha aprendeo no numero Lycei  
 Qual hepar não soube, ou Demodoco,  
 Entre as Phraes bom puzo em Carthago.  
 Aqui vinha Calope se amoco  
 Nella trabalho estarem, porque em pago,  
 Me torres, do q' estremo, e em v'ão pretendo,  
 O q' flos de estremo, que vou por dento.

Vão os avos decendo, e ja do Estio  
 Ha pena, que passar ate o Otio,  
 A fortuna me faz, o engulo frio,  
 Do qual ja não me jalle, por me abono:  
 Os desgostos me vão levando ao rio  
 Do negro e fquecimento, e eterno firo,  
 Mas tu me dá que compra o q' não Rainha  
 Das Misas, q' que quero as não vinha.

Cantava a bella Diosa, que virão  
 Do Tego, pello mar que o Gama abria,  
 Arma ten que as ribeas ven erão,  
 Por onde o Quano ludo f' yria  
 E que os Gratos Reis, que não derão  
 A terniz sua ao pago, e ferro e yria  
 Pruzido do braço duro e forte,  
 Ate realdo je a elle, ou logo ao morte.

Cantava d'hum que tem nas Malabar  
 Do sumo sacerdotio a dignidade,  
 Que se por não quebras os singulars  
 Barões, os reis que dea domo ade,  
 Sofrerá suas cidades e lugares,  
 Com ferro incendios pra e crueldade  
 Ver destruir do Samorim potente:  
 Que tau odium ter à tua nova gente.

E conta como la se embarcaria  
 Em Belica o remedio deite dano,  
 Sem saber o que em si aquillo traria  
 O grão Pacheco, Achiles Lusitano:  
 O peso sentida, quando estovaria,  
 O curuo leubo, e o feruido Oceano,  
 Quando mais negro os troncos, que gemerão,  
 Contra sua natureza se metterão.

Mas ja chegado aos fins Orientais,  
 E deixado em ajuda do gentio  
 Rey de Cochim, com pouca navegação,  
 Nas braças do salgado e curuo rio,  
 Desbaratara os Naves infernaes  
 No passo Combatta, tornando fros  
 Despuzo a arbor imensa do Oriente  
 Que recobria o grol sin pouca gente.

Chamará

Chamará o Samorim mais gente nova:  
 Virão Reis Bipur, e de Tãor,  
 Das serras de Nasfinga, que alta proua  
 Estarão prometendo a seu feitor:  
 Faráque todo o Naire em fim se moua,  
 Que entre Calic jaz, e Canavor,  
 Dambas as leu inimigas, pera a guerra,  
 Mouras por mar, Genticos polia terra.

E todos outra vez desbaratando,  
 Por terra, e por mar, o grão Pacheco casado,  
 A grande multidão que yá matando,  
 A todo o Malabar terà a admirado:  
 Cometerá outra vez não dilatando  
 O Genticos combates apressado,  
 Injuriando os seus, sazugulo yatos  
 Em vão au Desfes vão fur los, e imotai

La não defenderá somente os passos,  
 Mas queimar lhe ha by oris, templos, e casas:  
 Atajo de yra o Cão não vendo lasso  
 Aquelles que as cidades fazem rasas:  
 Fará que os seus de vida pouco escasses,  
 Cometerá o Pacheco que tem ofus  
 Por d'ou passos non tempo, mas recando  
 D'hum navio, tudo yá desbaratando.

X 3 Virá

Virá ali o Samario, porque em pessoa  
 Vijs a batalha, e os seus esforos, e animo,  
 Marcham tiro, que com zomado voa,  
 De sangue a tingirá um andar sabliar:  
 La não terá remedio, ou muias boz,  
 Não seja, que o Pacheco maior estimo,  
 Inocentura traiahi, e não vençous,  
 Mas sempre (a isto querendo) fará menos.

Que teras á a vez septima, cantas,  
 Pélleja co mualto e forte Luso,  
 A quem nenhum trabalho pesa, e agrava,  
 Mas com tudo este fo a far á confusão:  
 Trará pera a batalha barcada, e brava,  
 Machinas de madeira fora de rijo,  
 Pera lhe abalroar as Caravelhas,  
 Que ateli não lhe fara comestellas.

Pelli agua leua á ferras de fogo  
 Pera abraçar lhe quanto armada temba,  
 Mas a miltar arte, e cogendo, joga  
 Far á ser vail a bravaça com que vencia  
 Nenhum clero barão no Martio joga,  
 Que nas aso da ferra se jultaba,  
 Chega a este, que a palma a todos tomou,  
 E perdou a illastre Grecia, ou Roma.

Por que

Por que tantas batalhas sustentadas  
 Com muito pouco mais de cem soldados,  
 Com tantas marchas, e artes inventadas  
 Tantas Cães não imbelles profizades:  
 Ou parecerão fabulas feinhadas,  
 Ou que os celestes Coros invocadas  
 Decerto a ajudallo, e lhe darão  
 Esforço, força, ardil, e corajão.

Aquelle que nos Campos Maratonicos  
 O ego poder de Dario estrou, e reule,  
 Ou quem com quatro mil Lacedemonios  
 O passo de Thermopilas defende,  
 Nem o mancho Cecco dos Anfonios,  
 Que com todo o poder Tefco custende  
 Em defença do ponte, ou Quinto Fabio  
 Foy como este na guerra forte e sabio.

Mas neste passo a Nempha o sem canoro  
 Abaxando, fez romo, e entristecido,  
 Cantando em baixa voz canella em choro  
 O grande esforço mal agardecido  
 O Belisario disse, que no coro  
 Das Musas feras sempre engrandecido,  
 Se anti neste abatido o bravo Maris,  
 Aqui tees coro quem poder consolarie.

X 4 Aqui

Aqui tem compendio a esta nos feitos  
 Como as galas são iguillo e duros,  
 Em ti e nelle veremos ditas peitas,  
 A bocca estalo vir humilde, e efuere.  
 Marcer nos hospitais em pobres leitas,  
 Ou que os Rey, e as ley feruam de muro,  
 Isto segra a Reis, eja vontade  
 Mandu mais que a justiça e que a verdade.

Isto segra a Reis, quando as entebidas  
 Não apparecia branda que os contenta,  
 Dão as premios de Anas mercedos,  
 As lingua não de Viffos fraudulenta  
 Mas ninguém que os ben mal repartidos  
 Por que se doem sombras aprofeta,  
 Se não os dão a sabios cavaleros,  
 Dão os logo a auaratos lisonjeras.

Marta de quem ficou tão mal pagado  
 Hum tal naffado p Rey se mudo inco,  
 Segão es por a dar de beufo a estado,  
 He elle pena dar de hum reino rico.  
 Em quanto for o manda roicado  
 Dest Apuletem ruyos, eu te fico  
 Que elle seja entre a gente illustre e claro  
 E tu n'lo culpado por auaro.

Ma

Mu tin outro sustento, e estado  
 Ven com nome real, e tr az confesso  
 O fillo, que no mar ser à illustrado  
 Tanto como qualquer Romano antigo  
 Ambas darão com braço forte, armado,  
 A Quilos feril a pero castigo,  
 Fegudo nella Rey real, e humano,  
 Deitado fora o perfido Tirano.

Tambem serão Montaña que se arrea  
 De casar sumptuosas, e edificios,  
 Co ferro, e fogo seu, qumado, e feo,  
 Em pago dos passados maleficios  
 Depois na costa da Italia, andando ebea  
 Dordenho inimigos, e arteficio,  
 Contra os Lusar com vellas, e com remos  
 O murcho Laurindo fará estremo.

Desgraças as uas, do Samorios potente,  
 Que encherão todo o mar, nos ferros pela,  
 Que se comtronido do cobre ardente,  
 Fará pedaços leme, mastro, vela,  
 Depois lançando arpeos oufudamente  
 Na capitania inimiga dentro nella  
 Saltando, a far à se com lança, e espada  
 De quatrocentos de uros despejada.

Ma

Mas de Deus a escondida providencia,  
 Que elle se sabe o bem de que se ferue,  
 O porã onde esforço pem prudencia  
 Poderã aver que a vida lhe reserve:  
 Em Chant, pede em sangue e resiliencia  
 O mar todo com fogo e ferro ferue,  
 Lhe farias, que com vida se não seja  
 As armadas de Egipto e de Cambeya.

Ali o poder de muitos inimigos  
 Que o grande esforço ja com força rende,  
 Os ventos que saltaõ, e os perigos  
 Demar, que sobrejão pado o ofende:  
 Aqui refugio todas as antigas,  
 A ver o nome ar dar que aqui se aprende,  
 Outro Socus verã, que espreçoado  
 Não sabe ser rendido, nem demandado.

Com toda hãa cura fura, que em pedajas  
 Lhe leu a hãa cego tira, que passara,  
 Se ferue inda dos animas braças,  
 E de grão coraçã, que lhe fuzira:  
 Atã que outro pilono quibta os laços,  
 Com que co al na o corpo se hãa,  
 Ella jãa vena da priãa fura,  
 Onde sabido se acha de vencia.

Vazte

Vyte abas em paz de guerra turbalenta,  
 Na qual tu mercaste paz serena,  
 Que o corpo que em pedajas se aprefta,  
 Quãta geron tingança ja lhe ordina:  
 Que tu ou, vta andar a gão tormente,  
 Que vem ja dar a dora, e avras peã,  
 De Esperas, Babilias, e Tebas,  
 A Cambacocruis, e Manchaca.

Eu ven o pay com avras estrepido,  
 Trazendo farias e magos por avtolho,  
 Com que o patras aver lhe ellã avroudo  
 Foga no coraçã, e gãa nos olhos:  
 A sobre jra lhe vinda promente,  
 Que o sangue fará dar pellos gólhos:  
 Na injunção em fentido o Nã,  
 Pudido ba o lado ver, e o Gorge avtudo.

Qual o Touro cãfo, que se refaja  
 Para a trãa pelha, ja corua trãa  
 Na trãca d'oum Carnalho, ou abã fãa  
 E o ãe ferido, a fãra esprementã  
 Tal, antes que no fãro de Cambeya  
 Entre Francisco irado na opãtrã  
 Cidade de Dabal, a espãla avã,  
 Abacãdãe a pãida avããã.

E lão

E logo entrando fero na esquadra  
 De Dio, aluastre em cerros e batalhas,  
 Fará espalhar a fraca e grande armada,  
 De Calca, que remos tem por malhas:  
 A de Melique Yaz acastelada,  
 Com pelouros que tu Verano espalhas,  
 Fará yr per o frio e fundo affento,  
 Secreto leito do humido elemento.

Mas a de Mir Hocem, que abracando  
 A furia esperarà dos vingadores,  
 Verà braças e pernas yr nadando,  
 Sem cor por pello mar, de feus senhores,  
 Rayas de fogo yr do representando,  
 No ceo arador, os brauuos domadores,  
 Quanto ali freme de elos, e ouvidos,  
 E fiam ferro, flama e alaridos.

Mas ab, que della prospera victoria,  
 Com que depois virá ao patrio Tiro,  
 Quasi lhe roubará a famosa gloria,  
 Hous fustigado que trulle e negro tiro,  
 O Cabo Tarantulario, que a memoria  
 Com offeo guardaré não terá pejo  
 De irar deste mundo aquelle effrito,  
 Que não tirará toda a lada, e fuzo, e d'ito.

Al Cafres selongem poderão,  
 O que deitros inimigos não po lerão,  
 E ra das pias tollidos seu farão,  
 O que ouros e pelouros não si zerão,  
 Occultos os juizos de Deos fan,  
 As gentes trão que não os catualerão,  
 Chamão de fado mau, fortuna escura,  
 Sendo so providencia de Deos para.

Mas è que bez taramba, que abrir fizes,  
 Dixio a Nofra, e a voz alemantana,  
 La no mar de Melinde em sauz me touo  
 Das cidades de Lamo, de Oja, e Brava  
 Pello Cunha tambem, que uuma extinto  
 Será seu nome, em todo o mar que lina  
 As ilhas de Austro, e prais, que se chamão  
 De san Loureço, e em todo o Sul se asunão.

Esta luz de do fogo, e das luzentes  
 Armas, com que Albuquerque que yra anõ sand  
 De Ormuz os Parses, por seu mal valentes,  
 Que refuzou o pejo bouro, e brande,  
 Ali venio as fetas eilidentes  
 Reciprocarse, a ponta no ar virando,  
 Contra quem as tirou, que Deos pelija  
 Por quem ofende a fe da madre Igreja.

Ali do sol os montes não defendem  
 De corrupção os corpos no combate,  
 Que muitos pela praça, e mar se offendem  
 De Cereus, de Marzate, e Caligate:  
 Até que a força se de braço aprendem  
 A abaxar a cruz, onde se lhe ate  
 Obrigação de dar o regno inico  
 Da pedra de Baren tributo rico.

Que gloriosa palma teer vejo,  
 Com que victoria a frente lhe coroa,  
 Quando sem sombra vai de modo ao pejo  
 Toma a uba illustissima de Goa:  
 Depois abdicando ao dano ensejo  
 A deixa, e occasião espera boa,  
 Com que a torne a tomar, que usargo e arte  
 Vençação e fortuna, e o proprio Marte.

Eis ja sobrella toca e vés rompendo  
 Por muros fogo, lanças, e pilaeiros,  
 Abriu-se a espada o espasmo, e berrando  
 Espantado de Goutas, e de Mouras:  
 Irão soldados inclitos fazendo  
 Mais que Liões javalies, e Touros,  
 Na luz que sempre celebrada e dita  
 Sera da Egiptia favela Caterina.

Nem

Nem tu meats fugir poderes deste,  
 Posto que rica, e posto que offensa da  
 La no gremio da Aurora, onde nasceste,  
 Opulenta Malicia no made  
 As setas venenosas que fizeste,  
 Os Crises com que ja te vejo arrola,  
 Malicioz namerados, Juro valentes  
 Todos faras ao Lazo obediçetes.

Mas estanças cantara esta Syria  
 Em louvor do illustissimo Albuquerque que,  
 Mas აღმდგომი ხმა ვრა que o qualera,  
 Posto que a fama faz o mundo cerque:  
 O grande capitão, que o falo erdeza  
 Que com trabalhos gloria eterna mereça,  
 Mais ha de ser buon brando compenteiro  
 Para os seus, que juiz cruel e auroa.

Mas em tempo que fomes, e asperzas  
 Doraçã frechas, e trambolantes,  
 A facção, e o lugar fazem cruzes  
 Nas soldadas a tola obediçetes:  
 Partes de selvaticas brutesas,  
 De peitos submissos, e implacetes,  
 Das extremos suplicas pella culpa  
 Que a fraca humanidade e Amor de culpa

Nio

Não será a culpa abominoso incesto,  
 Nem violento estupro em virgem pura,  
 Nem menes adultério de forço,  
 Matricida forana vil loçua e escura:  
 Se o peito em de cioso em de modesto,  
 Ou de ofado a cruera se fora e dura,  
 Com seu bôa ira infana não refira,  
 Poé no fama alua toda negra e fea.

Vio Alexandre Apeler namorado

Da sua Campalpe, e deulha alegremente,  
 Não sendo seu soldado experimentado,  
 Nem tendo-se com arto dano e rogentel  
 Suetio Caro que andava ja abrafado  
 Arripa de Pantea em fogo ardente,  
 Que elle tomara em guarda, e prometta  
 Que nenhuma mas de sejo o venceria.

Mas vendo o illustre Persa, que venida

Fora de amor, que em fim não tem de sena,  
 Loucamente a perdia, e se foy ferida  
 Delle num caso grande em recompensa  
 Por força de lucta foy marido  
 O ferreo Balduino, mas ásperna  
 Cario: pay della gesto em cioso grande,  
 Que viu, e poncador seja de Frandi.

Mes

Mas proseguindo a Nympha o longo canto,  
 De Suarez contava, que as bandeiras  
 Faria tremolar, e por espanto,  
 Pella razas Arabicas siberias:  
 Medina abominabl teme tanto,  
 Quanto Meia, e Guli, com derradeiras  
 Prayas de Abasia Barba à se teme,  
 Do mal de que o Emporio Zeila gera.

Tambem illa tambem de Taprobana,

la pello nome antigo tão famoso,  
 Quanto agora soberba, e soberana,  
 Pella Cartisa talida, e heroica,  
 Della darã tributo as Lusitana  
 Bandeira, quando exalta, e gloriosa  
 Vencendo se ergue à na torre esganda,  
 Em Columba, das proprias tan te mada.

Tambem Sequira as ondas Eritreas

Dividindo, abreã novo caminho,  
 Por ati grande Imperio que se arreos  
 De jeres de Cardue, e Sobã rinhoc  
 Maqui com Cisternas de aguas cheas  
 Verã, e o porto Ar quio de rinhoc,  
 E fará de seubris novatas illas,  
 Que deo ao mundo novar mas em bar.

Y Vaã



Porém depois Moisés, cujo seculo  
 Mas na Africa, que cá terá prouido:  
 Castigará de Ormuz e Suberba o erro,  
 Com hoc fazer tributo dar doberido:  
 Também tu Guana, em pago do deserto  
 Em que estás, e serás oula tornada,  
 Com titulo de Conde, e d'outras nobres,  
 Vais mandar a terra que descobres.

Mas aquella foi a tua fidelidade,  
 De quem ninguém se exime das honras;  
 Ilustrado coa Regia dignidade,  
 Te tirará do mundo e foz coa ouz.  
 Outro Moisés logo, cujo plado  
 He mayor na prudencia, que nos anos,  
 Governará, e fará de isto Henrique,  
 Que por petua memoria delle fique.

Não vencerá somente os Malabares,  
 Destruin lo Panay, com Couleto,  
 Lançando as Bombardas, que nos arde  
 Se não se fo de pezo que os comete:  
 Mas com virtudes certos singulars,  
 Venha as inimigos d'alma todos fete,  
 De cubica triumpho, e de mestrancia,  
 Que em talidade he fama de excellencia.

Mas

Mas depois que as estrelas o chamarem,  
 Secederão à forte Malagarchas,  
 E se injulias o mundo se tatararem,  
 Prometete que fama eterna trabar:  
 Para teus inimigos confessarem  
 Teu valor alto, o fado quer que venbas  
 A mandar, mais de palmas coroado,  
 Que de fortuna justa acompanhado.

No reino de Bostão, que tantos danos  
 Terá a Malaca muito tempo feitos,  
 Não se dá as injurias de mil anos  
 Virgáris, e o valor de illustres peitos,  
 Trabalhos e perigo inhumano,  
 Abrelhas ferreas mil, passos estreitos,  
 Tranquillas, Baluartes, Lanças, Setas,  
 Tudo foz que rompas e sumetas.

Mas na India cubica e ambição,  
 Que das amenas poem aberto o rollo  
 Contra Deus, e baliça se farão  
 Vituperio uocabem, mais se desfollo:  
 Quem faz injuria vil, e sempre se  
 Com forças e poder, por que ella posso,  
 Não vence, que a victoria ter da deira,  
 He saber ter justiça, e não ira.

T 2 Mas

Mas com tudo não vejo que Sampayo  
 Será ao esforço illustre, e afamado,  
 Mostrando se ao mar hum feroz vejo,  
 Que de inimigos mil verá qualbado:  
 Em Buzande fará cruel ensayo  
 No Malabar pera que auctoentado  
 Depois a ser vencido delle venha  
 Cutile sem quantos armada tenha.

E não meus de Dio a fera frota  
 Que Chaud temerá de grande e enfada,  
 Fará com vista so perdida e rota,  
 Por Heitor da Silveira, e de Heitorada  
 Por Heitor Portuguez, de quem se nota,  
 Que na Costa Cambaica sempre armada,  
 Será um Conzrater tanto dano,  
 Quanto ja foy aos Gregos e Trojano.

A Sampayo feroz succederá  
 Cunha, que longo tempo tem o leme,  
 De Uale as torres altas erguerá,  
 Em quanto Dio illustre delle treuar,  
 O forte Buzinda se lhe dará,  
 Não sem sangue porém, que nelle gerar  
 Melique, por que a força so de espada  
 A tranqueira soberba se tomara.

Tua

Tras este vem Noronha, cujo Asspicio  
 De Dio os Ruyes feroz afuzenta,  
 Dio que o peito e bellico exercicio  
 De Antonio da silveira a bem sustenta:  
 Fará em Noronha a morte o usado officio,  
 Quando hum teu rano já Coana se exprimeia  
 No governo do Imperio, cujo zelo  
 Com medo o rexo mar fará amarello,

Das mãos do teu Esgaño vem tomar  
 As redas ham, que ja feroz illustrado  
 No Brasil, com vencer e castigar  
 O Pirata Francez ao mar vjale:  
 Depois Capitão mar do Indico m. r,  
 O mare de Dião soberbo e armado,  
 Espala, e primeira entre a porta aberta  
 Que fogo e frechadas mil terão cuberta.

A este o Rey Cambaico soberbissimo  
 Fortaleza dará na rica Dio,  
 Porque tuatra o Mogor poderossissimo  
 Libe ajude a defender o seu Reino  
 Depois yrá com peito esforçadissimo  
 A tolher que não passe o Rey Crentio  
 De Calecu, que afi com quantos deyo  
 O fará retas de sangue cheyo.

I; Destroia

Destroia a cidade Repulm,  
 Paulo e seu Rey com muitas em fugidas;  
 E depois junta as Calo Camarões  
 Hão saudades faz espharceida,  
 A frota principal de Samorim,  
 Que destrair o mundo não duvida,  
 Venit' a co furor do ferro e fogo,  
 Em ferit' Bealida e Marim p'go.

Tendo o'li tempo a ludis dos inimigos,  
 Vir' a depois com astro a generalis,  
 Sem que abe resistencia, com perigos,  
 Que todos tremem de li, e' m'ltum salit.  
 So q'm p'oque os asperos castigos  
 D'atual, que vir' a Bealida,  
 De sangue e' corpos mortos f'ra ch'ca,  
 E de fogo e' troada de f'ra e' f'ra.

Este f'ra Martinho, que de Marte  
 O nome tem coas obras devinado,  
 Tanto em armas illustre em toda parte,  
 Quanto em cons' l'lo sabio e' bem tratado.  
 So' f'ra de li ali Callo, que o' r'ndante  
 Portuguez t'ra' sempre levantado,  
 Conforme successos se f'ra a li  
 Que h'ua erig'ne Dio patria o' descende erigido.  
 Porju

P'f'ra f'ra, Abalio e' Ramo  
 Que trazido de Roma o nome tem,  
 Varios de gestos, varios de castigos  
 Que mil naçõs os tercos f'ra tem  
 Farão dos tercos ao mundo v' dos quixotismos  
 Porque h'ua poucos a terra l'ra detem,  
 Em sangue Portuguez juram de f'ra  
 De d'ubar os bigudas retorcidas.

D'afilios medulos e' L'ões,  
 Tra buca f'ra, p'ra encubertas,  
 Susf'ra Magarembas co' barões,  
 Que tam ledos as mortes tem por certas  
 At' que nas mayores e' p'f'ra  
 Castro libertador, f'ra e' f'ra  
 Das vidas de f'ra filhos, que que f'ra  
 Confama eterna, e' a Deus se sacrificam.

Fernando h'ua del'ce, ramo de alta pranta,  
 Onde o violento fogo com r'udo,  
 Em ped'ra os muros no ar levanta,  
 Ser' a ali arrebatado, e' ao ceo subido.  
 Alvaro quando o inverno o mundo e' p'ra,  
 E tem o cambio battido e' p'ra,  
 Ab'ndado, p'ra as ondas, e' as perigos,  
 Os ventos, e' depois os inimigos.

Eis bem depois, o rey, que as ondas corta  
 Co restante da gente Lusitana  
 E com força e saber, que mais importa,  
 Batalha dá feliz e soberana.  
 Flúo paredes, sabendo espasmas porta,  
 Outros a abrem, na fera esquadra infante,  
 Festos farão tão duros de memórias,  
 Que não cabão em verso, ou larga bistoria.

Este depois em campo se apresenta  
 Vencedor forte e intrepido, ao possante  
 Rey de Cambaya, e a vista lhe avindenta  
 Da fera multidão prado pedante.  
 Não menos suas terras mal justenta  
 O Hyalicham de braço triumphante  
 Que castigando traz Dabul na casta  
 Nem de esapou Pondá no ferido polta.

Estes e outros Barões por varias partes,  
 Demos todos de fama e maravilha,  
 Fazendo-se na terra bravos Martes,  
 Vão ao lugar os gollas desta líra.  
 Vencido triumphante esquadantes  
 Pella ondas, que corta a aguda quilha,  
 E achando estas Nymphas e estas nefas,  
 Que glorias e honras já de ardeas empesfas  
 Assim

Assim cantava a Nymphas e as entes as talas  
 Com sauroso aplauso e voz d'indio,  
 Com que festivo as alegres rodal,  
 Que com tanto prazer se celebrava  
 Por mais que da fortuna amarem aradas  
 Não confusa voz todas suas vozes,  
 Não vai hão de saltar gente famosa,  
 Hora, palor, e sumo gloriosa.

Depois que a corporal necessidade  
 Se satisfez do mantimento sobre,  
 E na harmonia e doce suavidade,  
 Vão os olhos feitos, que descobre,  
 Tbetis de graça eruda, e grande de,  
 Para que com mais alta gloria dobre,  
 As felias desta alegre e claro dia,  
 Para o feliz Gama assi dirija.

Faz te merce barão a Sapiencia  
 Suprema, de cos olhos corporais  
 Vires, o que não pode a vã concia  
 Dos errados e misterios mortais  
 Siquem si vive, e forte com prudencia  
 Por esse monte e spisso, su cos mais.  
 Assim se diz, e o gata por hum mato  
 Ao deo, diffual, humo a humano trato,  
 Não

Não milho muito que no ergulho caue  
 Se acharão, onde bem campo se esmoltaua,  
 De Esmeraldas, Rubis tais que presenc  
 A villa, que diuino chão pistaua:  
 Aqui hath globo vem no ar, que o lume  
 Clarissimo por elle penetrava,  
 De modo que o seu centro esta evidente,  
 Como a sua superficie, claramente.

Qual a materia seja não se encerra,  
 Mas exerce este bem que ella tem posse  
 De varios orbes, que a diuina verga  
 Compoe, e tem centro a todos se tem posse:  
 Voluendo pra se abaxar, agora se ergo,  
 Nica surge, ou se abaxa, e hã mesmo resto  
 Por toda a parte tem, e em toda a parte  
 Começa e acaba, em fim por diuina arte.

Vozes perfeitas em si possuio,  
 Qual em fim o Arc eipo, que o orion  
 Vendo o Gama esse globo, comovido  
 De espanto e de desejo ali ficou,  
 Diz he a Deosa, O quanto reduzido  
 Em pequenos volumes aqui te dou,  
 De mundo aos olhos teus, para que veja  
 Que onde vai, e yria, e o que deseja.

Vu

Ves aqui grande machina do mundo,  
 Ercos, e elemental que fabricada  
 Afo soy do saber alto, e profundo,  
 Que se sem principio, e meta limitada,  
 Quem cerca em di. e veder este rotundo  
 Globo, e sua superficie tão limitada,  
 He Deus, mas o q' he Deus ninguém o entende,  
 Que a tanto o engenho humano não se estende.

Este orbe que primeiro vez criouido  
 Os outros mais pequenos, que em si tem,  
 Que está com luz tão clara radiante,  
 Que a vida erga, e a mente põe também,  
 Empirio se nome, pode luz arido  
 Para as almas ell'io de aquelle bem,  
 Tambem que elle so se entende e alcança,  
 De quem não ha no mundo semelhante.

Aqui se vier da terra ghorisful  
 Dico: esse, por que eu, Saturno e Juro,  
 Espite, hum fumeo sabuloso  
 Fingido de mortal e tempo erguido  
 So para fazer versos deliciaes  
 Seruio, e se mais o trato humano  
 Não pode dar se so que o nome effo  
 Nestas eslellas poi a engenho teo.

E tambem

E tambem porque a santa providencia  
 Que em Jupiter aqui se representa,  
 Por espiritos mel, que tem prudencia,  
 Crioumaso man lo todo, que sustenta;  
 Infinita a prophetica juencia,  
 Em muitos dia exemplos, que apresenta,  
 Os que jam hão, quando favorecem,  
 Os maos, em quanto podem, pun ao peccar.

Que logo aqui a pintura que trata,  
 Agora debaixo, se a infimando,  
 Da illu nome, que a antiga Porcia  
 A seu Dedez, ja deo, fabulando:  
 Que os Anjos de celeste companhia  
 Direitos o sacro tempo está chamando,  
 Nem ceza que esse nome premio atoa,  
 Tambem aos maos se dá mais s'ajustando.

Em fim que o somo Deos, que por segundas  
 Casas obra no mundo todo mundo:  
 E tornando a contante das profundas  
 Obras da neto divina veneranda,  
 Debaxo deste circulo onde as mundas  
 Almas divinas gozão, que não coila,  
 Onco corre tam leue, e tam ligeiro,  
 Que não se entorça, se o Mito primeiro.

Com

Com este rapto, e grande movimento,  
 Vão todos os que dentro tem no seio,  
 Por obra deste, p. Sol andando atento  
 O dia, e noite faz, com curso albejo:  
 Debaxo deste leue anda outro lento,  
 Tam lento, e se fujada dura frejo,  
 Que em quanto Phebo, de luz nunca e fassa,  
 Dozentes cursos faz, dá elle hum passo.

Obra e dentro debaixo, que esculado  
 De corpos lisos an la, e ralhantes,  
 Que tambem nelle tem curso ordena lo,  
 E nos seus axes correm simitantes:  
 Bem ves como se veste, e faz ornado  
 Co largo cinto de ora, que elibrantes  
 Animis doze traz figurado,  
 Apesentos de Phebo limitados.

Obra por outras partes a pintura,  
 Que as estrelas fulgentes vão sagrada  
 Obra a carreira, atenta a Causura,  
 Andromeda, e seu pay, e o drago horrída  
 Vê de Castor, e a ferrosifera,  
 E do Oriente o gesto turbulento,  
 Obra o César murecudo que suspira,  
 A Lebre, e os Cães, a Nin, e a doce Lira,  
 Debaxo

Debaixo deste grande firmamento,  
 Ves o seo de Saturnus Deos antigo,  
 Júpiter logo faz o movimento,  
 E Marte abaxo bellico inimigo,  
 O claro alho do seo no quarto affento,  
 E Venus, que os amores traz confego,  
 Mercúrio de eloquencia soberana,  
 Com tres rostos debaixo vey Diana.

Em todos estes arbes differente

Curso teras não gram, e' noutros leu:  
 Ora seguem do centro long' auente,  
 Ora da terra a estão caminho breue,  
 Bem cauro quis o padre omnipotente  
 Que o fogo fez, e' o ar, o vento, e' nut,  
 Os quatro veras que jazem mais a dentro,  
 E tem o mar a terra por seu centro.

Neste centro pensada dos humanos,

Que não somente casadas se contentão  
 De soffrerem da terra firme os danos  
 Masinda o mar insubal' esprementão,  
 Verão as varias partes, que os infantis  
 Mares dividem, onde se opuscentão  
 Varias nações, que mantão varios Reis,  
 Varios costumes seus, e' varios leis.

Ves

Ves Europa Christã mais alta e' clara  
 Que as outras em policia, e' fortaleza  
 Ves Africa das beas do mundo antiga,  
 De culha, e' toda cheia de brutaça,  
 Co Cabo que ate qui se vos nega,  
 Que affrontou pera o Austro a natureza  
 Olha essa terra toda, que se habita  
 D'essa gente sem ley, quasi infinita.

Ve do Benomatapa grande imperio,

De seluatica gente, negra e' nua:  
 Onde Gonçalo morie e' virapio  
 Parece á polia se sancta fue:  
 Nace por alle unguento Hederisio  
 O mortal por que mais a gente sua,  
 Ve que do lago donde se derrama  
 O Nilo, também vindo está Cuaa.

Olha as casar dos negros, como estão

Sem portas, considos em seus umbos  
 Na justiça real, e' defendam,  
 E na fidelidade dos vizinhos:  
 Olha delles a bruta multidão  
 Qual bando espesso e' negro de Estarninos,  
 Combaterá em Salsala a fortaleza,  
 Que defenderá Nôga com destreza.

Olha

Olha la ar abissas, donde o Nilo  
 Nace, que não pouverão as antigas,  
 He lo reza gerando o Crocodilo,  
 Os povos Abissis de Christo amigos,  
 Olha como sem muros ( novo estido )  
 Se defendem uilbar dos inimigos,  
 Ve Meror, que illa foy de antigo fama  
 Que ara dos naturais Nobil se chama.

Nesta remota terra hum filho teu  
 Nas armas contra os Turcos foy clero,  
 Fla de ser dum Christão o nome seu,  
 Mas contra o fim fatal não ha reparo:  
 Ve ca a Costa do mar onde te deu  
 Arlente hospicio gosalbo e raro  
 O Rapto rio mela, que o romanot  
 Da terra chama Ohi, entra em Quindianot.

O Cabo ve ja Aromita chamado,  
 E agora Guard foy dos maradretas,  
 Onde começa a lica do afamado  
 Mar raxo, que do fundo toma as cores  
 Este como limite ista lançado  
 Que divide Asia de Africa, e as millores  
 Pousajões, que a parte Africa tem  
 Mayjá, am, Ar, juko, e Suar quem.

Ve

Ve o extremo Suez, que antigamente  
 Dizem que foy das Heroas a cidade,  
 Outros dizem que Arfoux, e ao presente  
 Tem das frotas do Egipto a potestade:  
 Olha as agoas, nas quais abrio patente  
 Estrada o gran Moyses na antiga cidade  
 Asia comeca aqui, que se apresenta  
 Em terra grande porções opulenta.

Olha o monte Sinay, que se enobrece  
 Co sepulchro de sancta Caterina,  
 Olha Tara, e Gidi, que lhe salte  
 Agua das fontes doce, e cristalina:  
 Olha as portas do estreito, que sece  
 No reyno da seca Adem, que confina  
 Com a terra Darzira, pedra viana,  
 Onde chamas dos Ceos se não deriva.

Olha as Arabias tres, que tanta terra  
 Tomão, todas da gente negra, e haça,  
 Doude vem os canulos pera a guerra  
 Lixiros, e ferocis, de alta raça:  
 Olha a costa que corre ate que terra  
 Outro estreito de Persia, e faz a traça  
 O Cabo, que co nome se apellida,  
 Da cidade Fartaque ali sabida,

Z Olha



Olha o Dofar infigne por que manda  
 O mais cheirofo encenço pera as arca:  
 Mas atenta ja ca deffroutra banda  
 De Roxalga, e praya sempre curas,  
 Começa o regno Ormuz, que todo fe anda  
 Pelas ribeiras, que toda fe são claras  
 Quando as galés do Turco, e fera armada  
 Virem de Calcut braco nas a espada.

Olha o Cabo Afaboro, que chamado  
 Agora he Moçambique dos navegantes,  
 Por aqui entra o lago, que he fechado  
 De Arabia, e Perfia terras abundantes,  
 Atenta a ilha Barren, que o fando ornado  
 Tem das fuas perlas ricas, e imitantes  
 As car do Aurora, e de na agua salgada  
 Ter o Tigris e Eufrates bñs entrada,

Olha da grande Perfia o imperio nobre  
 Sempre polto no campo, e nas caualas,  
 Que se injuria de usar fundido cobre,  
 E de não ter das armas sempre os calos:  
 Mas ve a ilha Cerua, como defcobre  
 O que fazem do tempo os internatos,  
 Que da cidade Armuz, que ali effene  
 Ella o nome de pois, e a gloria teue.

Aqui

Aqui de dom Felipe de Meurtes  
 Se millrará a virtude em armas clara,  
 Quando com muito poucos Portuguezes  
 Os muitos Perfes vencerá de Lara:  
 Virão provar os golpes e reuses  
 De dom Pedro de Sousa, que prouira  
 La seu braco em Ampaza, que deicada  
 Teuá por terra a força ja de espada.

Mas deixemos o estreito, e o conhecido  
 Cabo de Lufque dito ja Carpella,  
 Com todo o seu terreno mal querido  
 Da natura, e dos dias usados della,  
 Carmania teue ja por apelido:  
 Mas ves o fermoso ludo, que daquella  
 Altura nasce junto aa qual tandem  
 Dentre altura correndo o Gange vem.

Olha a terra de Vicinde fertilissima,  
 E de laquete a intima enxada,  
 Do mar a enchente subita grandissima,  
 E a vazante que fezta apressurada:  
 A terra de cambaya de riquissima,  
 Onde do mar o seu faz entrada,  
 Cidades entra ai mi, que non passando,  
 A vos outros aqui se estão guardando.

Z z Ves

Ves corre a costa celebre Indiana  
 Pera o Sul, ate o Cabo Comori  
 La chamado (ori, que T aprohana  
 (Que ora he Ceilão) de fronte tem de se.  
 Por esse mar a gente Lusitana  
 Qua com armas virá de spois de ti,  
 Terrá varias terras, e cidades,  
 Nas quaes haem de viver muitas yladés,

Ao provincias, que entre ham e o outro rio  
 Ves com varias nações, jam invasitas:  
 Ham reyno Mahometta, patria Gentio,  
 A quem tem o Demonio leis escriptas:  
 Olha que de Nasfonga o senbario  
 Tem as reliquias santas e benditas,  
 Do corpo de Thome, parão sagrado,  
 Que a lesu Christo teve a mão no lado.

Aqui a cidade sey, que se chamava  
 Meliapor, fermosa, grande, e rica:  
 Os Idolos antigos adorava.  
 Como inda agora fez a gente inica:  
 Longe do mar naquelle tempo estava:  
 Quando a se, que no mundo se publica,  
 Thom e vinda pringando, e ja passira  
 Provincias mil do mundo, que vira.  
 Chegado

Chegado aqui pringando, e junto dando  
 A dorotes fonde, a mortos vida  
 A caso traz ham dia o mar trazendo,  
 Ham leão de g' andez, a desferida:  
 Deseja o Rey, que andava edificando,  
 Fazer delle madeira, e não danida  
 Poder tiralo a terra compassante  
 Forjas abonda, de cozidos de Aliphanti.

Era tão grande o peso do madeira  
 Que se pera abalar se, nada abasta,  
 Mas o nuncio de Christo verdadeiro,  
 Menos trabalho em tal negocio gasta:  
 Atá o corção que traz por derradeiro  
 No tronco, e facilmente o leita e arrasta  
 Pera onde seça ham sumptuoso templo,  
 Que ficasse aos futuros por exemplo.

Sabia bem que se côm se formada  
 Manda a bren moure jardo, que se moue,  
 Que obedecer à logo as touz sagrada,  
 Que assilho infirma Christo, e elle o proua:  
 A gente fica d'isto alva eçada,  
 Os Brancos q' tem por coiza nova,  
 Vendo os milagres, vendo a santidade,  
 Hão medo de perder autoridade.

São estes filhos dos Crentes,  
 Em quem mais penetrado tenha curja,  
 Bastão manter as mil, bastão dejuis  
 Com que Thome não se ouça, ou morto seja:  
 O principal, que ao peito traz as fias,  
 Hum caso horrendo faz, que o mundo veja,  
 Que inimiga não he tão dura, e fiera,  
 Como a virtude falsa da fúria.

Hum filho proprio mata, e logo acusa  
 De homicidio Thome, que era innocente  
 Dá falsas testemunhas, como se de  
 Condenarã no a morte brevemente:  
 O Santo que não vi melhor escusa,  
 Que apellar pera o Padre omnipotente,  
 Que diante do Rey, e dos juizes,  
 Que se seja hum milagre dos reizes.

O corpo morto manda ser trazido  
 Que resuscite, e seja perguntado,  
 Quem foy seu matador, e ser árido  
 Por testemunho o seu mais aprouido  
 Veram tod' a moça viuo e quida  
 Em nome de Iesu crucificado,  
 Dá graças a Thome, que lhe deu vida  
 E descobre seu pay seu homicida.

Este

Este milagre fez tampebo espanto,  
 Que o Rey se banha logo na ago santa,  
 E muitas apos elle hum beija o marid  
 Outro laucar do Deo de Thome canta:  
 Os Brancos se emberão de odio tanto,  
 Com seu veneno os uos de curja tanta,  
 Que persuadindo a isso o povo rudo,  
 Determinão matalo com fim de tudo.

Hum dia que prégando ao povo eílens,  
 Fugirão entre a gente hum arroide,  
 La Obulto neste tempo he or deusis,  
 Que padecendo fosse ao Ceo subido:  
 A multidão das pedras, que roas,  
 No Santo dá ja a tudo offerecido,  
 Hum dia mais por fartarse mais de preffa,  
 Com cruz longa o peito he atravessa.

Oborção te Thome, o Grande e o Indio,  
 Choroute toda a terra que pisaste,  
 Mais se oborão as almas, que vestiste  
 Se yão da sancta Fé, que he infamaste:  
 Mas os Anjos do ceo cantando, e rindo,  
 Te recebem na gloria que ganhaste,  
 Pe deus te, que a Deo ajuda peças,  
 Com que os teus Lusitanos favoreças.

E refestros que os nomes v'far pois  
 De mandados de Deos, como T'houer,  
 Dizy se foy mandado, como e'itais  
 Sem yedes a pregar a sancta fe?  
 Olhay que se foy Sal, e' das danais,  
 na patria, onde Prophecia ninguem he,  
 Com que se salvay do em v'ffo dia  
 (Infu deixo) tantas Heresias!

Mas passo ella materia perigosa,  
 E tornemos as costa debravada,  
 Ia com esta cidade tão famosa,  
 Se faz curua a Gorgotias enxada,  
 Corre Nas fozza rica, e' pado esa,  
 Corre Oriza de roupas abastada,  
 No fundo da enxada o illalite rio  
 Ganges vem ao salvado foytaria.

Ganges, no qual os seus habitadores  
 Morrem barbados, tendo por certo qe,  
 Que inda que se'jo grandes peccadores,  
 Esta agua sancta os lava, e' da parte qe  
 Fe Chotiz, in cidade das millores  
 De Bengala provincia, que se pretze  
 De abundante, mas ella que e'sta posta  
 Pera o Ayfiro daqui tirada a costa

Olha

Olha o rryuo Aracão, olha o offento  
 De Pery, que ja millores pousarão,  
 Millores filhos do feo ajuntamento  
 De'ja mulher e' huanção, que se se acharão:  
 Aqui foyte Arane no instrumento  
 Da peração costumão, o que v'farão  
 Por manto da Reyaba, que inventando  
 T'abso, deitou fora o error nefando.

Olha T'auay cidade, onde comey  
 De S'ito largo o imperio tão comprido,  
 T'enaffari, Q'andá, que he so cabeça  
 Das que P'ruenta ali tem produzido:  
 Mas amonte faren que se comey  
 Malata, por Emporio envolteido,  
 Onde toda a provincia do mar grande,  
 Suas mercaderias ricas repande.

Dizem que desta terra coas possantes  
 Ondas o mar entrando deuido,  
 A sobre lha Samatra, que ja dantes  
 Iust q' ambas a gente antiga via:  
 Chersanepo f'z dita, e' das prestantes  
 V'cas d'ouro, que a terra produzio,  
 Acreta por epabeta he ajuntarão,  
 Alguns que f'ffe Ophir ymaginarão.

Z 3 Ma

Das **ESTADAS DE L. DE CA.**  
Mas na porta da terra Singapura,  
Veras, onde o caminho as nauas se estreita,  
Daqui tornando a costa as Quaspa  
Se encruas, e para a Aurora se enlreita:  
Ves Pam, Patane, ptinas, e a longoria  
De São que estes e outros mais jogaíta  
Olha o rio Menão, que se derrama  
Do grande lago que Oriamey se chama.

Ves neste grão terreno as diferentes  
Nomes de mil nações nunca sabidas,  
Os Laos em terra e numero por entre,  
Anão, Bramaís, por serras tão compridas  
Ve nos remotos montes outras gentes  
Que Guas se chamão de selvagens rudes,  
Hamana com contem, pois a sua  
Pouco com fero, ardente, e fozça crua.

Ves passa por Camboja Mecum Rio,  
Que capitão das aguas se interpreta,  
Tanta recebe dentro se no estio,  
Que alaga as campos largos, e inqúeta,  
Tem as enchentes quato o Nido seco,  
A gente delle cri como indifreta,  
Que pena e gloria tem de spio de morte  
Os brutos a mais de toda sorte.

Este

Das **ESTADAS DE L. DE CA.**  
Este receberá plácido e branda,  
No seu regaço as Cantos, que molhados  
Vem do naufragio triste, e miseravel,  
Das procellosos bucos escapados:  
Das famas dos perigos grandes, quando  
Será o injusto mundo executado  
Naquelle, cuja Lira fauorosa,  
Será mais affirmada que ditosa.

Ves corre a costa que Champa se chama,  
Cujas mata he do pao ciberoso armada,  
Ves Cambichina este de escura fama,  
E de Anão de a uocoguita armada,  
Aqui o soberbo imperio, que se afama  
Com terras, e riquezas não contada,  
Da China corre, e ocupa o seaborio  
Dejdo Tropico ardente as Canto fria.

Olha o mar, e edificio nunca crido,  
Que entre haui imperio e o outro se edifica,  
Cristissimo sual, e comercido,  
Da potencia real soberba, e rica  
Elles o Rey que tem não soy nacido  
Príncipe, nem dos pais aos filhos fica  
Mas elegem aquelle que he famoso  
Por caudero sabio e virtuoso.

Indo

Inda outra moita terra se te esconde,  
 Ate que venha o tempo de mostrar se,  
 Mas não deixes no mar as libras onde  
 A natureza quis mais offamar se.  
 Esta mea escaudada que responde  
 De longe as Chinas donde tem buscar se,  
 He lapia, onde nasce a prata fina,  
 Que illustrado ser à tua Ley divina.

Olha as passas maris do Oriente  
 As infinitas libras espalhadas  
 Ve Tibete, e Tarnate, co sercente  
 Cume, que lança as flamas onduladas  
 As arvores veris do Crano ardente,  
 Co sangue Portuguez inda compradas,  
 Aqui ha as auroras azuis, que não decem  
 Nunca a terra, e se mortas aparecem.

Olha de Banda as libras, que se escaudão  
 De varia cor, que põta o roxo fructo,  
 As aues variadas, que ali saltão,  
 De ver de Noz tomando seu tributo  
 Olha tambem Bornio, onde nã saltão  
 Lagrimas, no licor qualbado, e cocuto,  
 Das arvores, que cãmbara he chamado,  
 Com que da liba o nome he celebrado.

Al tambem Timor, que o leão manda  
 Similao salustro, e Obirosso,  
 Olha a Sunda tão larga, que bõa banda  
 Esconde pera o Sol difficultoso,  
 A gente do Sertão, que as terras anda,  
 Heim rio diz que tem miraculoso,  
 Que por onde elle se fero outro trat,  
 Converte em pedra o pau que urle cat.

Ve naquella que o tempo torna liba,  
 Que tambem flamas tremulas vapora,  
 A fonte que oleo mana, e a mar milha  
 Do Obirosso licor, que o tranco chora,  
 Obirosso mar, que quanto estila o filha  
 De Cypris, no Arabia onde ella mira,  
 E ve que trado quanto as outras tem,  
 Branda se da e seu auro di tambem.

Olha em Ceilio, que o monte se alcaenta  
 Tanto, que as nuas passa, ou a vista engana,  
 Os naturas o tem por causa favela,  
 Põlla pedra onde estã a pizada humana,  
 Nas libras de Malhianarr a prata  
 No profunjo das lagoas saberrana,  
 Ceto panno contra a veneno urgente  
 He tudo por Antidoto excelente.

Veis de fronte estar do arco estreito  
 Sacotará co anaró Alos famosa,  
 Otrias ilhas no mar tambem sujeitas  
 A vos, na costa de Affrica arenoza,  
 Onde se do chreiro mais perfuio  
 A massa ao mundo occulta, e preciosa,  
 De sem L. avoruzo ve a lha afanada,  
 Que Malagofear he delgũa chamada.

Eis aqui as novas partes do Oriente,  
 Que descobriu agora ao mundo daiz,  
 Abrindo a porta ao vasto mar patente,  
 Que com tão forte peito navegai:  
 Mas he tambem razão, que no Paente  
 De um Lusitano hum feito indy veais,  
 Que de seu Rey mostrando se agravao  
 Caminho ha de fazer nunca cradao.

Vedes a grande terra que continua  
 Fay de Calisto ao seu contrario polo,  
 Que soberba a fôrça a luzente mine  
 Do metal, que a cor tem do loaro Apolo,  
 Castilla vossa amiga será dina  
 De lançar lhe o collar ao rudo colo,  
 Varias pronancias tem de varias gentes,  
 Em ritos e custumes differentes.

Mas ca male mais se alonga, ab terras  
 Parte tambem co pau tremella mata,  
 De Santa Cruz o nome lhe pareis,  
 Descobrida ha a prainca a vossa frota:  
 Ao longo de sta costa que terras  
 Irá buscando a parte mais requisa  
 O Magalhães, no feito com verdade  
 Portuguez, portou não na lealdade.

Desque passar a via mais que nua,  
 Que ao Antartico polo voy da lha,  
 D'ũa estatua quasi Gigantesca  
 Humã verã, da terra ali vizinha  
 E mais avante o estreito, que se arroa  
 Caminho delle agora, o qual caminha  
 Para outro mar, e terra que fica onde  
 Com suas frias asas o Anstro a esconde.

Ate aqui, Portuguezes, convulda  
 Vos he saber des as futuras feitas,  
 Que pello mar, que ja bricau sabido,  
 Vão fazer barões de fôrça pinos.  
 Agora, pois que tem des aprendido  
 Traballo, que vos fazão ser ventos  
 Ao eterno estopar, e sermosar,  
 Que corraí vos tícu gloriaz.

Po'is vos embarcar, que tendes vento  
 E mar tranquilo pera a patria amada.  
 Assim vos disse, e logo movimento  
 Fazem da liba alegre, e namorada:  
 Leão refresco, e n'opre movimento,  
 Leão a companhia desfolada,  
 Das Nymphas que hante de ser eternamente,  
 Por mais tempo que o Sol o mundo aquece.

Assi se vão cortando o mar sereno,  
 Com vento sempre manso, e nunca yrado,  
 Até que ouserão vista do terreno  
 Em que nascerão sempre desejado.  
 Entrarão pella foz do Tejo ameno,  
 E a sua patria, e Rey tenido e amado,  
 O premio e gloria dão, por que mandou  
 E com titulos novos se illustrou.

No mais Musa, no mais, que a Lira tenho  
 Destemperada, e a voz enrouquecida,  
 E não de tanto, mas de ver que tento  
 Cantar a gente surda, e encardecida.  
 O favor com que mais se acende o engenho,  
 Não no dá a patria não, que esta metida,  
 No gosto da cubiga, e na vaidade  
 Deba aspirar, apozada, e dilapidada.

E não

E não sey por que influxo de destino  
 Não tem hum leão orgulho, e geral gozo,  
 Que os animos levanta de cunctos,  
 A ter pera trabalhos todo o resto:  
 Por isso vos o Rey, que por diverso  
 Conselho estais no regio falso posto,  
 Olhay que fuis (e vede as outras gentes)  
 Senhor Jo de vasculas excellentes.

Olhay que ledos não por trairis vias,  
 Quasi rompentes lides, e bravos tourtes,  
 Dando os corpos a fomes, e vigias,  
 A ferro, a fogo, a setas, e pilavos:  
 A quentes requies, a plagas frias,  
 A golpes de latirais, e de mousas,  
 A perigos incognitos de mundo,  
 A naufragios, a pezes, e profundos.

Por vos servir a tudo aparelhados,  
 De vos tam longe sempre obediens,  
 A quassquer vossos asperos mandados,  
 Sem dar repulsa promptos e contentes,  
 So com saber que sam de vos alçados,  
 De mannos infernaes negros e ardentes,  
 Cometerão comvosco, e não dandi lo  
 Que vencerde vos fuzão, não vencido.

Favorecyaas



Favorecei os bons, e o abrigai  
 Com a presença, e toda humanidade,  
 De rigurosas leis desfalcaes,  
 Que ahi se abre o caminho ao sanctidade.  
 Os vusos e pormozadas leuzas,  
 Se com a esperiencia tem bondade,  
 Para vosso conselho, pois que sabem  
 O como, e quando, e o onde as cousas cabem.

Todos favorecei em seus effeitos,  
 Segundo tem das vults o talento,  
 Tambão Religiosos exercicios  
 De rogarem por vosso reynato,  
 Com puros, disciplina, pellos vícios  
 Comany, cada ambição terão por vusos,  
 Que o bom Religioso verdadeiro,  
 Gloria vã não pretende nem duvidosa.

Os Cavalleiros tende em muita estima,  
 Pois com seu sangue intrepido e feruente,  
 Estendem não somente a ley de casa,  
 Mas inda vosso imperio poremment:  
 Pois aquelles que a tão remoto clima  
 Vos vão servir com passo diligente,  
 Douz inimigos detozem, hão os vusos,  
 (E o que he mais) os trabalhos exorssivos.

Fazey

Fazey feitor que vivca os admirados  
 Alcaides Gales, Italo, e Portuguezes  
 Possam dizer que sem peria mandados,  
 Mas que para modular os Portuguezes  
 Tomay conselho so despaumentados,  
 Que virão largos annos, largos mezes,  
 Que passo que em carater muito cabe,  
 Mas em particular o experto sabe.

De Pharmão Philosopho elegante  
 Vertis como Anibal esparacia,  
 Quando das artes bellicas diante  
 Delle com larga voz tratava e lia  
 A disciplina militar prestante  
 Não se apravele feitor na fantasia  
 Sonhando, imaginando, ou estudando,  
 Se não vinda, praticando, e pekyando.

Mas eu que falo humilde, baixo, e rudo  
 De vos não confideço, nem sonhado  
 Da boca dos pequeninos sej com tudo,  
 Que o honrar far as vuzes acabado,  
 Nem me falta na vults honesto estudo  
 Com longa esperiencia militarado,  
 Nem engenho, que aqui vereis presente,  
 Conjar que penar se achão raramente.

Para

Para serviras brago das armas feitas,  
 Para cantas nos mente aos Musy dados,  
 Se me saltes ser a vos aceto,  
 De quem virtude deve ser prezada:  
 Se me isto o ico longe de, e o voffo peito  
 Dima compesa tomar de ser cantada,  
 Como a presaga mente notadas,  
 Oitando a vossa inclinação divina.

Ou fazem lo que mais que a de Medusa,  
 A vossa vossa terra o monte Atlante,  
 Ou rompendo nos campos de Anpebosa  
 Os muros de Marrocos e Turadante,  
 A minha ja estimada e leda musa,  
 Fico que costado o mundo de vos canto,  
 De sorte que Alexandro em vos se veja,  
 Sem a dita de Achiles ter enveja.

F I M.

